

VOLUME DEZOITO / NÚMERO DOIS / 1994

# desenvolvimento de base

REVISTA DA FUNDAÇÃO INTERAMERICANA



ENFOQUE: A Juventude no Desenvolvimento

A Fundação Interamericana, criada pelo Governo dos Estados Unidos em 1969, presta apoio financeiro direto a iniciativas de auto-ajuda da população carente da América Latina e do Caribe. A Fundação concede anualmente cerca de 200 doações para projetos em mais de 25 países. Aproximadamente 80% de seus recursos provêm de dotações do Congresso e o restante é proporcionado pelo Fundo Fiduciário de Progresso Social.

O Escritório de Aprendizagem e Divulgação da Fundação Interamericana publica Desenvolvimento de Base em inglês, espanhol e português. Tem por fim explorar formas de assistência ao desenvolvimento que possam contribuir mais efetivamente para os esforços de auto-ajuda. Relata como se organizam e trabalham os grupos de baixa renda da América Latina e do Caribe para melhorar a sua vida. Os artigos publicados em Desenvolvimento de Base baseiam-se fundamentalmente na experiência da Fundação Interamericana e dos grupos aos quais assiste. Contudo, a revista recebe de bom grado colaborações de pessoas não vinculadas à Fundação. Os colaboradores interessados deverão solicitar nossas "Instruções aos autores."

Salvo indicação em contrário, o material publicado em Desenvolvimento de Base é de domínio público e pode ser livremente reproduzido. Requer-se, porém, autorização para reproduzir fotografias. Solicita-se menção da fonte e uma cópia de qualquer reprodução.

Desenvolvimento de Base é publicação incluída no *Standard Periodical Directory*, no *Public Affairs Information Service Bulletin*, no *Hispanic American Periodical Index (HAPI)* e no banco de dados *Agricultural Online Access (WORLD)*. Cópias atrasadas podem ser obtidas em microfilme da *University Microfilms International*, 300 N. Zeeb Road, Ann Arbor, Michigan 48106, EUA.

Endereço para pedidos de assinatura da revista:

Desenvolvimento de Base  
Fundação Interamericana  
901 N. Stuart Street, 10º andar  
Arlington, VA 22203, EUA

Presidente: George A. Evans

Oficial de Divulgação: Rita Funaro  
Editor: Ron Weber\*  
Edição em português e espanhol: Leyda P. Appel  
Tradução ao português: João Francisco Bezerra  
Editora Assistente: Maria E. Barry  
Gráfica e assistência em publicação: Christina N. Anson\*

\**Sob contrato*

Desenho da capa: Robert Borja

Dirigir pedido de número limitado de exemplares atrasados desta publicação a:

AMANKAY  
Instituto de Estudos e Pesquisas  
Rua Ferreira de Araújo, 449  
Pinheiros  
CEP 05428-001 São Paulo, SP Brasil  
Tel.: (011) 211-3942

**E**ste número de Desenvolvimento de Base homenageia a memória de LeRoy Richardson, colega admirado e bom amigo, falecido em fevereiro de 1994. Desde janeiro de 1972, Lee vinha trabalhando na maior parte dos países da América Central, no México, Paraguai e Argentina como representante da Fundação, concentrando as suas preocupações e aptidões no desenvolvimento rural e organização de pequenos agricultores. A sua coragem, zelo e profundas convicções são o seu legado.



# desenvolvimento de base



REVISTA DA FUNDAÇÃO INTERAMERICANA

Volume 18, Nº 2, 1994

- A revolução silenciosa: a sobrevivência infantil atinge a maturidade** *Diane B. Bendahmane* 2  
Um número jamais visto de crianças está sobrevivendo aos perigos dos primeiros cinco anos de vida, mas que espécie de mundo herdarão?
- Pensando no amanhã: a Fundação Interamericana e os programas de juventude na América Latina e no Caribe** *Susan Pezzullo* 12  
Para terem impacto duradouro, os programas de juventude devem fazer mais do que elogiar os beneficiários.
- A vila transparente: a criação de filhos em Trinidad e Tobago** *Ron Weber* 15  
À medida que a família nuclear ameaça seguir a família estendida na extinção, uma pequena organização de apoio na base do Caribe está mostrando como se podem formar vilas, no meio de uma cidade, para criar filhos.
- A forma do porvir: o CEMSE e a reinvenção da educação pública boliviana** *Kevin Healy* 29  
Um centro polivalente de aprendizagem ajuda os jovens de baixa renda a superar as deficiências do ensino nas suas escolas.
- Fórum** *Carol Michaels O'Laughlin* 41  
O futuro da juventude é agora
- A marcha do desenvolvimento** 44
- Livros** 48  
A primeira parcela de um levantamento global sobre movimentos das ONG e o desabrochar da sociedade civil.
- Subsídios** 50  
Instrumentos de comunicação e centros de documentação para programas orientados para a juventude.

*Investir nos filhos das pessoas de baixa renda já não é mais uma questão de ajuda humanitária; é a chave do desenvolvimento sustentável no próximo século.*

# A REVOLUÇÃO SILENCIOSA

## A SOBREVIVÊNCIA INFANTIL ATINGE A MATURIDADE

**Diane B. Bendahmane**

Na parede sobre a minha mesa estão pendurados dois mapas multicoloridos mostrando o avanço de uma revolução silenciosa que está modificando a condição humana sem muito alarde na mídia. Nos últimos 30 anos, programas para reduzir a mortalidade de recém-nascidos e infantil fizeram muitos progressos em praticamente todas as regiões do globo. O mapa de 1960 é predominantemente amarelo e laranja, cores que significam taxas de mortalidade de 125 por 1 000 ou mais de crianças menores de cinco anos. No mapa de 1992, muitos países diplomaram-se para as cores roxa, verde ou cinzenta — cores que indicam taxas de mortalidade muito mais baixas (74 por 1 000 ou inferiores). Com exceção de vários países da África Subsaariana e de alguns da Ásia e do Oriente Próximo, a maior parte do mundo escapou à faixa amarela e até mesmo regiões que em 1960 teriam sido consideradas “desenvolvidas” progrediram. Os Estados Unidos, o Canadá e a maior parte da Europa, por exemplo, passaram do verde (25 a 49 mortes por 1 000) para o cinzento (menos de 25 mortes por 1 000).

Os mapas foram publicados pela Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos (USAID) como parte do Oitavo Relatório ao Congresso sobre Sobrevivência Infantil, que celebra por meio de organogramas, gráficos e fotografias vívidos os múltiplos sucessos dessa Agência nesta área. O Programa de Sobrevivência Infantil da USAID foi lançado em 1985. O seu ponto alto foi um “pacote” de intervenções sanitárias destinadas a reduzir a mortalidade infantil: terapia de

reidratação oral, imunização, melhor nutrição, tratamento de infecções respiratórias agudas e promoção de espaçamento de filhos. De acordo com J. Brian Atwood, Administrador da USAID, a mortalidade infantil diminuiu cerca de 10% desde o lançamento desse programa em países nos quais a Agência presta assistência. Certos países com altos índices de mortalidade foram designados para “ênfase”, incluindo a Bolívia, República Dominicana, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua e Peru na América Latina e no Caribe. A mortalidade infantil diminuiu em todos estes nove países (ver Figura 1).

Em todo o mundo em desenvolvimento, bebês e crianças que há 20 ou 30 anos atrás teriam morrido em consequência de doenças facilmente preveníveis, tais como diarreia e sarampo, sobrevivem nos primeiros cinco anos vulneráveis de vida em virtude de melhores cuidados da saúde. De 1965 a 1986 em todos os países em desenvolvimento verificou-se um aumento de 5% no número de crianças que sobrevivem o primeiro ano de vida. Juntamente com melhorias na sobrevivência de crianças de um a cinco anos, isto elevou a previsão de vida nos países em desenvolvimento de 50 anos em 1965 para mais de 60 anos em 1986 (Banco Mundial, 1988).

### O PARADOXO CRUEL

O que está acontecendo com essas crianças que estão “sobrevivendo” hoje graças aos esforços da USAID,

Organização Mundial da Saúde, UNICEF, governos e outras organizações de desenvolvimento que uniram as forças para lançar esta campanha? Será verdade, como afirmou Federico Mayor, Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que os sobreviventes se tornaram vítimas de um “paradoxo cruel” que as condena a um mundo em que as suas “perspectivas de automelhoria estão diminuindo?”

Se, de certa forma, pudéssemos “mapear” a situação dos beneficiários dos programas de sobrevivência infantil, como a mortalidade infantil foi mapeada, seria evidente que Mayor está certo. A juventude de hoje tem probabilidade de ser pobre e de educação deficiente. Muitos jovens vivem em ambientes urbanos inóspitos e crescem em famílias desfuncionais. Os de idade mais tenra são com freqüência alvos de violência de ataque civil ou crime. E, para completar o quadro, precisam concorrer com uma multidão enorme para conseguir um lugar no mundo e por muito pouco apoio oferecido pelo governo, freqüentemente assolado, do respectivo país.

Vamos encorpar estas afirmações genéricas com fatos e cifras, começando com as mais inatacáveis. Como a maioria vive em países em desenvolvimento, as vítimas do paradoxo cruel são as pessoas de baixa renda. A renda per capita foi apenas US\$370 por ano ou menos (em dólares de 1991) para 23 países em desenvolvimento, inclusive o Haiti, o único país deste Hemisfério que se enquadra neste grupo. Cerca de 2,5 bilhões de pessoas vivem nesses países e uma alta percentagem delas são crianças ou jovens (Banco Mundial, 1993). Os países latino-americanos enquadram-se principalmente no grupo de renda média, com um produto nacional bruto (PNB) per capita na faixa de US\$1 300 a US\$2 500, chegando alguns a juntar-se ao Haiti na categoria mais baixa, inclusive a Nicarágua, Honduras e Bolívia (ver Tabela 1). Estas estatísticas são um tanto ilusórias, naturalmente, porque as rendas são altamente desiguais na região. Há grandes bolsões de pobreza até mesmo nos países afluentes e o número de pessoas de baixa renda está aumentando. As crianças e os jovens carregam o peso dessa pobreza. Alguns peritos estimam que, no ano 2020, haverá 300 milhões de menores na zona urbana da América Latina, 30% deles de muito baixa renda.

Nos últimos anos, as condições vêm deteriorando. A pobreza tem-se aprofundado nos países em desenvolvimento incapazes de crescer durante uma recessão mundial e sem condições de manter-se de pé com pesados ônus da dívida sobre eles. As cifras do Banco Mundial indicam que a percentagem de pessoas em situação de extrema pobreza na América Latina e no Caribe aumentou de 22,4% em 1985 para 25,5% em 1990. Outros indicadores, mostrados na Tabela 1, apresentam uma região em declínio durante toda a década de 80. Enquanto a renda familiar caía durante a recessão mundial, os países viram-se obrigados pelos bancos mutuantes internacionais a adotar políticas de reajustamento estrutural que cortaram os serviços públicos nos campos da saúde, educação e alimentação. Impôs-se um regime draconiano que os países mais desenvolvidos não aceitariam. Há agora um certo interesse, por parte dos grandes mutuantes, de minorar o impacto sobre as pessoas de baixa renda, mas tem sido muito lento.

Se outrora a pobreza era, em grande parte, um fenômeno rural nos países em desenvolvimento, hoje passou para as cidades. Nas últimas três décadas, milhões de crianças e jovens foram varridos, juntamente com os pais, numa onda gigantesca de fluxo populacional do campo para a cidade. Na América Latina o ritmo de urbanização é especialmente rápido; a região era 71,9% urbana em 1990 e será 83,4% urbana no ano 2020 (USAID, 1992). As favelas (conhecidas também como *barrios*, *pueblos jóvenes*, *villas miserias* e *poblaciones*) que circundam a maioria das grandes cidades estão transbordando de jovens. Nesses assentamentos improvisados, superpovados, com água potável poluída, saneamento abaixo do padrão ou inexistente, depósito indiscriminado de lixo e outras condições ameaçam a saúde básica, conforme tristemente demonstra a pandemia do cólera nos últimos anos.

A vida nesses ambientes é também inimiga da nutrição emocional e espiritual dos jovens. Freqüentemente, as crianças não vão à escola porque se necessita delas como mão-de-obra na economia informal em que os pais ou guardiães procuram ganhar a vida. O apoio mútuo da vida no povoado e da família estendida começa a desfazer-se, deixando mulheres jovens, de educação deficiente e

desprofissionalizadas com a responsabilidade exclusiva de criar os filhos. Na selva urbana é como se o contrato social, descrito por Thomas Hobbes, filósofo do Século XVI, começasse a predominar. As pressões combinadas de pobreza e vida urbana levaram certos pais a abandonar os filhos às ruas, ao passo que outras crianças fogem de pais que as maltratam ou de um futuro que não oferece saída da pobreza. Variam as estimativas do número de meninos de rua em todo o mundo, dependendo da forma de definir esse termo. Segundo a UNICEF, há 100 milhões, 40 milhões dos quais vivem na América Latina — um número igual a toda a população da Espanha.

Um estudo da UNICEF e da OMS descreve sucintamente a “hostilidade” do ambiente urbano às crianças das famílias de baixa renda:

*Os sistemas de educação formal são freqüentemente inadequados e as estruturas da família e da comunidade no ambiente urbano oferecem pouca oportunidade para a educação informal, como, por exemplo, por meio de grupos de colegas, avós, etc. ... A proporção de menores desatendidos ou abandonados é alta e há limitação de instalações ao nível comunitário para proporcionar-lhes cuidado e proteção. Nessas condições, caem facilmente presas de seduções e promessas de pessoas inescrupulosas. O abuso e a exploração do menor de diversas formas e variedades, até os extremos da sua participação na prostituição e crime, tornam-se fenômenos comuns nas cidades.*

Muitas crianças e jovens sobrevivem esses “males” apenas para se envolverem na rivalidade social, grande parte da mesma causada por desigualdades econômicas e pressões populacionais. No passado, a violência da guerra propositadamente não se dirigia ao menor, mas este tabu parece se estar desfazendo, a julgar pelas imagens, transmitidas pela televisão, da ex-Iugoslávia, Sudão, El Salvador, Somália, Ruanda e de outros países. De acordo com a UNICEF, 1,5 milhão de crianças foram mortas e 6 milhões ficaram incapacitadas em consequência de conflitos armados nos últimos 10 anos.

As minas terrestres são freqüentemente a causa principal. Em El Salvador, 300 000 crianças e adolescentes

ficaram incapacitados em 12 anos de guerra civil. Setenta e cinco por cento das vítimas de acidentes de minas terrestres em El Salvador eram menores. Em todo o mundo, cerca de 100 milhões de minas terrestres permanecem ocultas, ameaçando indiscriminadamente os habitantes de mais de 60 países.

\* A educação pode proporcionar uma fuga da pobreza e do deslocamento e da violência que às vezes acompanham, especialmente nas grandes cidades com um volume demasiadamente elevado de drogas e demasiadamente pequeno de oportunidades. Mas o boletim escolar indica baixa produtividade. Ganhos no campo educacional não acompanharam os ganhos na sobrevivência infantil. Agora 90% dos menores dos países em desenvolvimento começam o ensino escolar — uma realização notável — mas a percentagem dos que atinge a quinta série é muito pequena. Na América do Sul, 99% ingressam no primeiro grau, mas somente 48% completam a quarta série. Na América Central e no Caribe, 96% ingressam e 66% atingem a quinta série. Em todo o mundo em desenvolvimento, o grande impulso para matricular estudantes termina com uma aparente incapacidade de retê-los (ver Figura 2).

Atualmente, calcula-se que 100 milhões de menores em todo o mundo abandonam a escola na quinta série e este número atingirá 118 milhões no ano 2000 (Pezzullo, 1992). Sem pelo menos uma educação rudimentar, que oportunidade esses jovens sobreviventes terão de escapar à pobreza?

A Tabela 2 mostra a alfabetização masculina e feminina e as taxas de conclusão do ensino de primeiro grau em 22 países da América Latina e do Caribe. Destes 22, mais de um terço diploma 50% ou menos das respectivas populações do ensino de primeiro grau. Somente três atingiram a meta de 80% de diplomados estabelecida pela Conferência de Cúpula de 1990 das Nações Unidas sobre a Criança. As taxas de alfabetização, embora mais elevadas, em média, na América Latina do que em outras regiões, poderiam melhorar, especialmente no caso da mulher, as quais, como veremos mais adiante, são cruciais para romper o ciclo da pobreza.

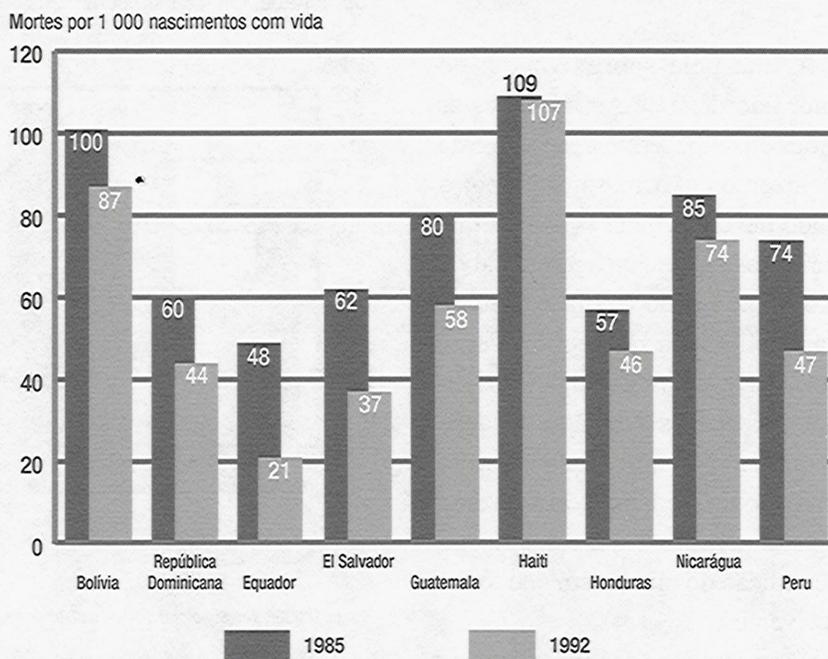
Resta um detalhe final neste panorama das perspectivas que enfrentam os menores sobreviventes: a

maioria vive em países cuja maioria dos habitantes é jovem. Embora os países em desenvolvimento experimentem um maior crescimento proporcional em grupos de mais idade nas próximas décadas, o número absoluto de jovens em idade reprodutiva continuará a ser elevado e manterá os governos sob uma extrema pressão para atender às necessidades e aspirações dos jovens. A Tabela 3 apresenta cifras em que se assenta a pirâmide populacional da América Latina e do Caribe. A idade da população é mais evidente no Caribe do que na América Latina mas, se as previsões estiverem corretas, haverá 278,5 milhões de pessoas menores de 24 anos na região no fim deste século.

Quando chegar o momento, se continuarem as tendências presentes, as linhas nítidas de demarcação entre jovens dos países em desenvolvimento e dos países desenvolvidos ficarão indistintas. Nos Estados Unidos, por exemplo, os menores, como grupo, estão em piores condições econômicas do que estavam há 25 anos. Hoje, 20% dos menores vivem abaixo da linha de pobreza, muitos em guetos urbanos onde a violência é o meio de vida. Aumentam as taxas de abandono do ensino de segundo grau. É mais difícil conseguir trabalho. Um número cada vez maior de crianças nasce em lares sem pai.

O mundo desenvolvido não está imune aos problemas da juventude e os programas bem-sucedidos, onde quer que surjam, trazem lições de importância para todos.

**Figura 1. Tendências da Mortalidade Infantil em Países da América Latina e do Caribe que enfatizam a sobrevivência infantil com ajuda da USAID**



Fonte: USAID, Eighth Report to Congress on Child Survival

**Quadro 1: Condições econômicas na América Latina e despesas na educação**

País	PIB per capita (US\$ 1991)	Crescimento médio anual 1980-91	Dívida externa, 1991 (US\$ milhões)	Porcentagem da despesa do governo central na educação 1980*	Porcentagem da despesa do governo central na educação 1991*
Haiti	370	-2,4	747	6,6	—
Nicarágua	460	-4,4	10 446	11,6	—
Honduras	580	-0,5	3 177	—	—
Bolívia	650	-2,0	4 075	—	18,7
Guatemala	930	-1,8	2 704	—	19,5
República Dominicana	940	-0,2	4 492	12,6	10,2
Equador	1 000	-0,6	12 469	34,7	18,2
Peru	1 070	2,4	20 709	15,6	21,1
El Salvador	1 080	-0,3	2 172	19,8	14,4
Colômbia	1 260	1,2	17 369	19,1	—
Paraguai	1 270	-0,8	2 177	12,9	12,7
Jamaica	1 380	0,0	4 456	—	—
Costa Rica	1 850	0,7	4 043	24,6	19,1
Panamá	2 130	-1,8	6 791	13,4	17,1
Chile	2 160	1,6	17 902	14,5	—
Venezuela	2 730	-1,3	34 372	19,9	—
Argentina	2 790	-1,5	63 707	—	9,9
Uruguai	2 840	-0,4	4 189	8,8	7,4
Brasil	2 940	0,5	116 514	0,0	3,1
México	3 030	-0,5	101 737	18,0	13,9
Trinidad e Tobago	3 670	-5,2	2 332	11,6	—

\*Algumas cifras referem-se ao ano mais recente.

Fonte: Banco Mundial, World Development Report 1993

## CÍRCULOS NEGATIVOS E POSITIVOS

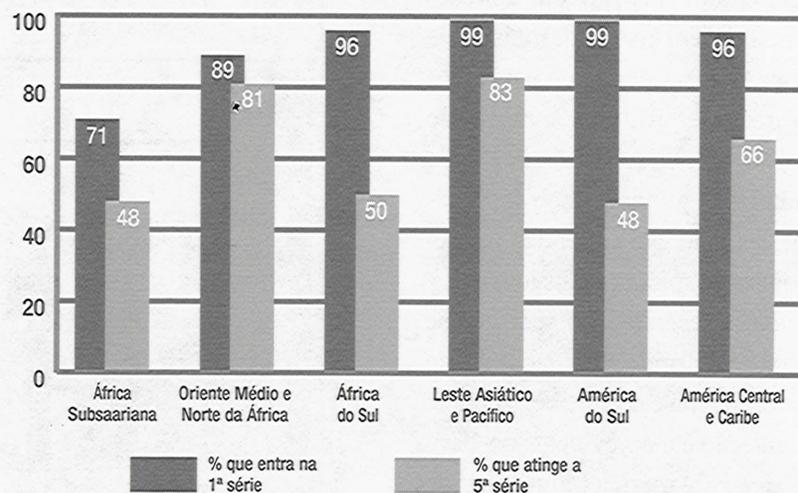
A luta pela sobrevivência do menor não deve cessar até todas as regiões do mapa terem as cores verde ou cinzento. Ao mesmo tempo, o mundo deve enfrentar o fato de que as crianças, cuja vida agora é salva, estão em perigo de serem “perdidas” pela negligência do seu ambiente humano. Devemos concentrar-nos em proporcionar-lhes nutrição, educação e socialização que lhes tornem possível viver plenamente e realizar o próprio potencial. O que está em jogo é a condição do mundo em que todos nós vivemos.

A encruzilhada em que nos encontramos pode ser descrita em termos de dois “círculos” de desenvolvimento: um positivo em sentido ascensional e outro negativo em sentido descensional. Como as seções seguintes demonstrarão, os investimentos no capital humano de crianças e jovens ajudarão a determinar se o círculo será “vicioso” ou “virtuoso”.

**O círculo vicioso:** desde o início, o Programa de Sobrevivência Infantil da USAID foi motivado por mais do que o humanitarismo. Os diretores da USAID acreditavam que o programa ajudaria os países em desenvolvimento a romper o círculo vicioso em que se encontravam. Esse círculo vicioso — descrito pela UNICEF no seu relatório de 1994, *The State of the World's Children*, é uma cadeia de elos de causa e efeito recíprocos que impedem os países de se desenvolverem e geram

**Figura 2. Escolarização básica**

Percentagens das crianças do mundo em desenvolvimento na faixa etária apropriada, começando com o ensino do primeiro grau e atingindo a quinta série.



Fonte: UNICEF, *The State of the World's Children 1994*

**Quadro 2: Educação básica na América Latina**

País	Alfabetização de homens em 1990 ou no ano mais recente	Alfabetização de mulheres em 1990 ou no ano mais recente	% que atingiu a última série do ensino do 1º grau em 1988 ou no ano mais recente
Haiti	59	47	9
Bolívia	85	71	50
Guatemala	63	47	36
Nicaragua	—	—	29
Brasil	83	80	22
Peru	91	79	70
El Salvador	76	70	27
Equador	88	84	63
Honduras	75	71	43
República Dominicana	85	82	33
Paraguai	92	88	57
México	90	85	70
Argentina	95	95	—
Venezuela	87	90	70
Trinidad e Tobago	97	93	89
Uruguai	97	96	93
Colômbia	87	86	56
Panamá	88	88	79
Chile	93	93	77
Costa Rica	93	93	77
Jamaica	98	99	85
Cuba	95	93	88

Fonte: UNICEF, *The State of the World's Children 1994*

instabilidade política e econômica. A UNICEF chama isso de “espiral PPM”, porque os três elos mais importantes da cadeia são população, pobreza e meio ambiente.

Pode-se descrever o espiral da perspectiva de qualquer dos três elos, mas esta explicação breve e necessariamente supersimplificada começará com a população. O crescimento populacional prolongado e rápido supera a capacidade da sociedade de gerar emprego; esgota a capacidade de uma família de cuidar de si mesma e a capacidade dos serviços sociais de um país de atender às necessidades humanas. Ironicamente, essa pobreza alimenta

o crescimento populacional. Nas famílias de baixa renda, em que a morbidez infantil provavelmente é alta, os pais não sentem confiança de que receberão cuidados na sua velhice a não ser que tenham muitos filhos. Talvez precisem também de mais braços para colher lenha e buscar água, cuidar do gado e ganhar dinheiro no setor informal para sobreviver no presente. Como os níveis educacionais são baixos entre as famílias de baixa renda, é também baixa a conscientização para os métodos de planejamento familiar. Por esta e outras razões, as taxas de fertilidade mantêm-se altas.

A interação entre superpopulação e pobreza contribui para a deterioração do meio ambiente. Um maior número de habitantes significa mais esgoto e lixo a serem devidamente descartados. Mais bocas a serem alimentadas levam ao excesso da pesca, excesso de pastagem e uso exagerado de pesticidas e fertilizantes — todos eles capazes de ameaçar a base de recursos da produção futura. As pessoas cuja própria sobrevivência está em risco hoje não se podem dar ao luxo de planejar a conservação do meio ambiente de amanhã. E há pouca margem de erro, porque os mais carentes dentre as pessoas de baixa renda provavelmente ocupam a terra mais frágil do ponto de vista ambiental.

As conseqüências são previsíveis. As pessoas recebem

**Cuadro 3: Distribuição da população por idade, 1985–2000**

(em milhares)

	1985	2000 (estimado)
<b>América Latina</b>		
Menos de 5	53 942	60 359
5–14	95 242	114 202
15–24	80 704	100 081
25–44	100 069	152 621
45–64	49 003	75 670
<b>Caribe</b>		
Menos de 5	829	781
5–14	1 527	1 622
15–24	1 574	1 495
25–44	1 687	2 774
45–64	858	1 190

Fonte: OPAS, *Health Conditions in the Americas*

menos pelo esforço despendido e a sua saúde e bem-estar sofrem porque o solo fica esgotado, as vias aquáticas e rios ficam poluídos e desaparecem as florestas. Esta situação é especialmente alarmante na América Latina e no Caribe. Segundo a UNICEF (1994), nas “áreas de desastre ambiental” dos Andes, Haiti, República Dominicana e altiplano central da América Central, mais de 50% da terra arável sofre de “erosão significativa”. Na América Latina, 35 milhões ou 74% dos camponeses mais pobres vivem onde o potencial agrícola é baixo “ameaçado pela deterioração ambiental”. Na África Subsaariana e na Ásia, as percentagens são muito mais baixas:

51% e 57%, respectivamente.

Portanto, fecha-se o círculo vicioso: pobreza → população → deterioração ambiental → pobreza e assim por diante, em espiral descendente.

Em muitos países, o espiral PPM levou à instabilidade política e social, que torna ainda mais difícil romper qualquer elo da cadeia causal. Por exemplo, a instabilidade pode provocar orçamentos militares, drenando recursos de cuidados básicos da saúde, educação, planejamento familiar ou proteção ambiental.

Os programas de sobrevivência infantil enfraqueceram o elo pobreza-população no espiral PPM salvando a vida de recém-nascidos e crianças. As taxas de fertilidade, após certo intervalo, acompanharam o declínio das taxas de mortalidade, aparentemente em conseqüência do ajustamento dos casais à idéia de que não precisavam trazer ao mundo cinco filhos para dois ou três poderem sobreviver. A Tabela 3 mostra a taxa de “equiparação” de reduções da mortalidade infantil e fertilidade total.

O enfraquecimento do elo população-pobreza tem efeito benéfico sobre todo o espiral descendente. Assim se expressa o Sétimo Relatório da USAID ao Congresso dos Estados Unidos (1992) acerca da sobrevivência infantil:

*Se o desenvolvimento girar fundamentalmente em*

torno da melhoria da vida das pessoas, não poderá haver melhor investimento do que na saúde e no bem-estar da geração de hoje das crianças. Se entrarem na escola com saúde, terão melhor oportunidade de aprender. Além disso, à medida que sobreviverem e crescerem, os pais terão menos filhos; eles mesmos terão mais tempo e energia para empregar em atividades produtivas e estarão em melhores condições de investir na educação dos filhos. Indivíduos com melhor instrução têm renda maior e podem contribuir mais para a sociedade.

Ao sustentar que mais investimento em intervenções que rompem o espiral PPM, a UNICEF assinala que, com base na experiência de 108 países, as taxas de mortalidade infantil devem ser reduzidas a cerca de 100 ou menos por 1 000 antes que a fertilidade comece a sua respectiva tendência descensional. Como muitos países estão agora posicionados neste limiar, as atividades de sobrevivência infantil *não* devem afrouxar. Beneficiam não somente as crianças de hoje, mas também as gerações futuras.

A educação, como a saúde, tem um efeito positivo sobre o círculo vicioso. A UNICEF (1994) argumenta que pessoas com melhor instrução, tal como pessoas com melhor saúde, “podem participar mais plenamente do processo de modernização e desenvolvimento e estarão em melhores condições de aumentar a própria renda e contribuir para o desenvolvimento econômico do próprio país.” As pessoas com melhor instrução podem compreender mais prontamente, bem como fazer os ajustamentos e as mudanças básicas necessárias nas práticas agrícolas, industriais e de gestão de recursos. As mulheres mais instruídas terão maior probabilidade de controlar a própria fertilidade e adiar a primeira gravidez.

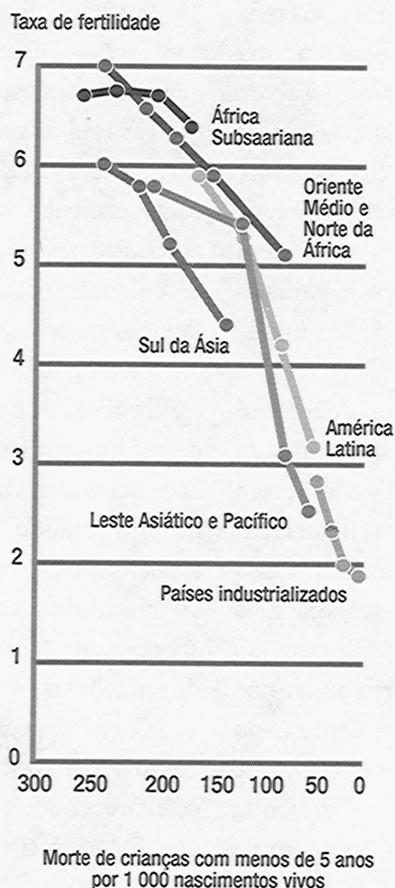
Os efeitos salutares da educação são especialmente pronunciados entre as mulheres. O relatório da USAID de 1994 ao Congresso dos Estados Unidos declarou: “Tipicamente, os investimentos na educação básica das meninas produzem retornos de mais de 20%, uma taxa de retorno mais alta do que a maioria de outros investimentos dos países em desenvolvimento.” Jessica Mathews, membro sênior do *Council on Foreign Relations* (Conselho de Relações Exteriores), em recente carta editorial ao *Washington Post* sobre a Conferência das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em setembro de 1994, assinala que de todos os fatores sociais e econômicos “estudados por sua conexão com a redução da fertilidade ... a educação da mulher demonstrou

ser o mais consistente”, aparecendo mesmo com um ano ou dois de ensino do primeiro grau. Colegas dos campos de abastecimento de água e saneamento comunicam que, quando as mães sabem ler, as melhorias nestas duas áreas têm efeito muito mais amplo, reduzindo a taxa de mortalidade infantil.

No entanto, cifras da UNESCO demonstram que muitos países em desenvolvimento ainda investem o mínimo na educação da mulher. Somente 15% das meninas são matriculadas nas escolas na África, em comparação com 33% dos meninos; nos países árabes, a percentagem de meninas é de 41% e de meninos 57%; no Leste Asiático é de 39% em contraposição a 50%; no Sudeste Asiático, 25% versus 44%. Na América Latina, a situação é muito melhor: as percentagens são quase iguais. (Entretanto, a UNESCO indica que quase a metade de todos os jovens da região, na idade da escola de segundo grau, não está matriculada.)

A Conferência de Cúpula das Nações Unidas sobre a Infância, de 1990,

**Figura 3. Relação entre mortalidade de crianças com menos de 5 anos e fertilidade em 108 países**

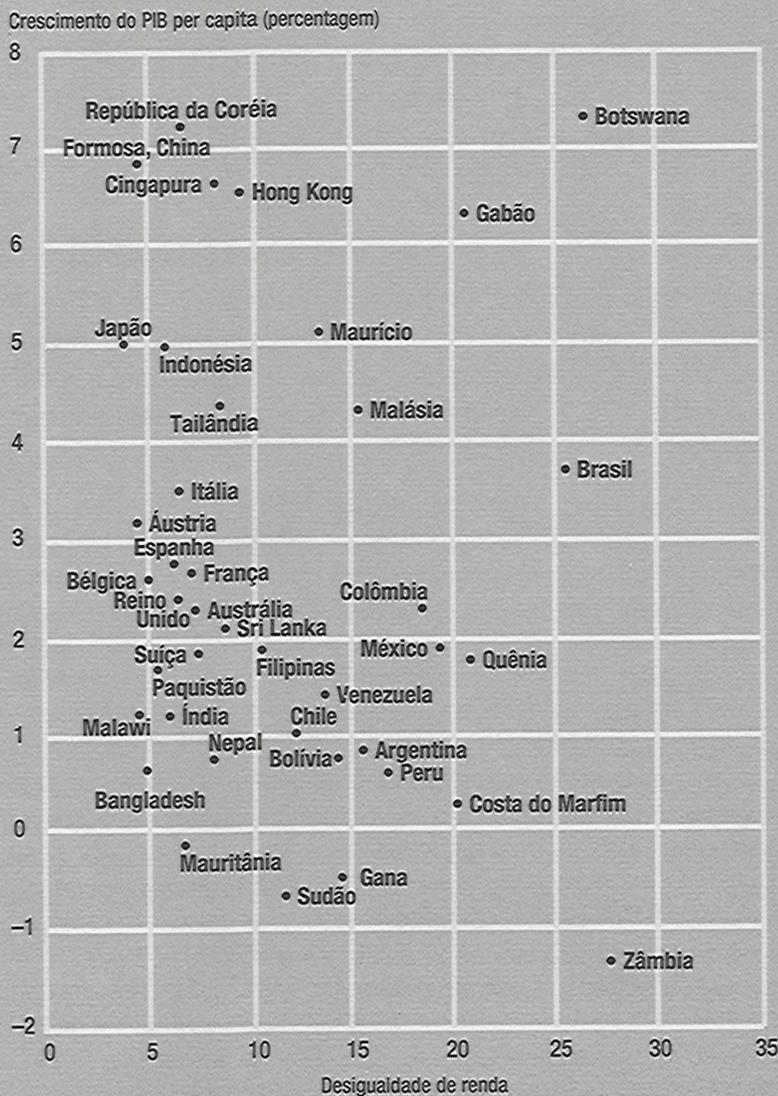


Fonte: UNICEF, *The State of the World's Children 1994*

estabelece as metas da educação básica para todas as crianças e conclusão do ensino de primeiro grau de, pelo menos, 80%, reduzindo pela metade a taxa de analfabetismo de adultos, e a consecução de oportunidade igual de educação para homens e mulheres. Para alcançar essas metas, os países em desenvolvimento e os doadores internacionais terão de aumentar os seus investimentos na educação. Segundo a UNICEF, somente cerca de 2% de toda a assistência para o desenvolvimento são destinados ao ensino de primeiro grau. O financiamento oferecido

pelos doadores nesta área pode ser aumentado ou, como sugere Susan Pezzullo (ver p. 12), o dinheiro poderia ser empregado mais judiciosamente. O artigo de Ron Weber sobre a Servol (ver p. 15) e o de Kevin Healy sobre o CEMSE (ver p. 29) mostram como isto pode ser feito pelas organizações não-governamentais (ONG) que funcionam como “laboratórios”, nos quais as idéias podem ser experimentadas e desenvolvidas e, a seguir, serem aplicadas na base por meio de outros órgãos públicos e entidades privadas.

**Figura 4. Desigualdade de renda e crescimento do PIB, 1965–1989**



Nota: A desigualdade de renda é medida pela coeficiente da percentagem de renda dos 20% mais ricos e dos 20% mais pobres da população.

Fonte: Banco Mundial, *The East Asian Miracle: Economic Growth and Public Policy* (1993), citado por Birdsall e Sabot

**O círculo virtuoso:** a UNICEF argumenta, como vimos, que o espiral PPM descensional pode tornar-se um “espiral ascensional” por meio de efeitos sinérgicos de saúde e nutrição, educação e planejamento familiar. Os economistas Nancy Birdsall e Richard Sabot (1994) também usam a metáfora do círculo na sua análise do modo como a educação promove o desenvolvimento. O seu “círculo virtuoso” aproxima-se muito do espiral ascensional da UNICEF.

Birdsall e Sabot examinaram o desempenho econômico de todos os principais países no período 1965-1985 e observaram que oito países do Leste Asiático (Japão, Hong Kong, República da Coreia, Cingapura, Formosa, Indonésia, Malásia e Tailândia) lideraram a lista tanto em termos de crescimento do produto interno bruto (PIB) como de equidade na distribuição da renda (medida pelo coeficiente de participação na renda entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres da população). O Brasil foi o único país latino-americano a colocar-se nos primeiros 20 em termos do PIB. O restante classificou-se na faixa intermediária ou abaixo dela e o crescimento que experimentaram foi

acompanhado por uma crescente desigualdade de renda (ver Figura 4).

Quando se comparam os países com base no crescimento do PIB e na desigualdade da renda, o Brasil, Colômbia, México, Venezuela, Chile, Bolívia, Argentina e Peru classificam-se entre os países em que o 1/5 da camada superior da população recebe 10 vezes ou mais a renda do 1/5 da camada inferior. Somente o Brasil e a Colômbia tinham taxas de crescimento do PIB superiores a 2%. Nenhum dos países latino-americanos conseguiu alto índice de crescimento e distribuiu os benefícios de forma global, ao passo que isso ocorreu em sete dos oito países do Leste Asiático.

De acordo com a análise de Birdsall e Sabot, as políticas de “crescimento compartilhado”, adotada pelos “tigres” do Leste Asiático provocou um círculo virtuoso de crescimento e desenvolvimento econômicos sustentáveis. Essas políticas, em combinação com uma gestão dinâmica das relações trabalhistas e impulso das exportações, significaram sucesso. Todos os oito países apoiaram fortemente a educação pública; outras políticas de crescimento compartilhado, que incluíam reforma agrária, programas habitacionais, investimento na infraestrutura rural e programas de garantia de crédito e de exportação para empresas pequenas e médias eram comuns mas variavam em grau de país a país. Birdsall e Sabot observam que “por volta de 1987, todos os [oito países de alto desempenho], com exceção da Tailândia (com 95% de matrículas) tinham conseguido o ensino de primeiro grau universal e todos apresentavam taxas de matrícula do ensino de segundo grau bem acima das normas internacionais com relação à respectiva renda (novamente, com exceção da Tailândia).”

A percentagem do PIB que os oito países de alto desempenho destinaram à educação não era mais elevada do que a média dos países em desenvolvimento. A diferença é que no Leste Asiático se gastou menos dinheiro no ensino universitário: 15%, por exemplo, em contraposição a 24% na América Latina. As escolas de primeiro e segundo grau receberam a parte principal do apoio, dando-se ênfase a atingir todos os segmentos da população. Birdsall e Sabot assinalam:

*A Coreia e a Venezuela oferecem exemplos*

*extremos de contraste. Em 1985, embora a despesa pública na educação fosse alta na Venezuela como percentual do PIB (4,3%) do que na Coreia (3%), na Venezuela 43% da despesa na educação pública foram destinados ao ensino universitário, em comparação com 10% na Coreia.*

• Na América Latina, a norma tem sido expandir prematuramente o ensino universitário — antes de se conseguir a universalização nos níveis mais baixos. Na maior parte, foram as elites que tiraram proveito dessa expansão. Se os recursos, ao contrário tivessem sido aplicados na educação, muitos que agora não recebem benefícios do sistema educacional começariam a ter maior participação no crescimento do respectivo país por meio de maiores oportunidades.

Outras características do sistema escolar que contribuíram para o êxito da política de crescimento compartilhadas no Leste Asiático são as seguintes:

- O ensino universitário concentrou-se no treinamento em campos que tornassem os países mais competitivos internacionalmente, por exemplo, engenharia, ciências e administração pública;
- Melhorou a qualidade do ensino de primeiro e segundo grau, segundo medido pelas taxas de conclusão escolar e notas de testes;
- Deu-se ênfase à educação das meninas — resultando posteriormente em taxas reduzidas de fertilidade, acompanhadas de grandes benefícios na saúde e nutrição das crianças.

O círculo virtuoso segue aproximadamente este caminho: os investimentos na educação levam a uma menor fertilidade, melhor saúde e aumento do PIB e da igualdade de renda; portanto, há menos crianças a serem educadas e mais dinheiro para investir nelas, resultando em distribuição ainda mais ampla por toda a população dos benefícios do desenvolvimento econômico. Birdsall e Sabot chamam a isso de processo de “acumulação de capital humano”.

Quais são as lições para a América Latina? Fazer os investimentos sociais romperem o paradoxo cruel da sobrevivência infantil pode fazer sólido sentido econômico.

Ressaltar o ensino de primeiro e segundo grau para todos amplia a base de crescimento e leva, como o espiral ascensional da UNICEF, uma estabilidade política a longo prazo.

## A SOBREVIVÊNCIA INFANTIL ATINGE A MATURIDADE

Este número de Desenvolvimento de Base examina como programas inovadores para a juventude, iniciados por grupos em todo o Hemisfério, estão procurando lançar as bases para um amanhã melhor liberando o potencial dos jovens que são esse amanhã. Tais esforços podem parecer pouco mais do que gestos nobres, dada a magnitude do problema, mas a dinâmica do espiral PPM e do círculo virtuoso sugerem o contrário. A campanha de sobrevivência infantil ensinou-nos que as ações humanitárias podem ter um impacto a longo prazo se houver vontade política para acompanhar a sua aplicação.

Como sugere Carol Michaels O'Laughlin, da *International Youth Foundation* (IYF) (ver Fórum, p. 41), os governos, doadores, ONG e o setor privado terão que unir forças para tornar isso uma realidade. Os programas formulados pela Servol no Leste Caribenho e o CEMSE

da Bolívia mostram como isso pode acontecer. Ambos os esforços têm origem em sociedades multiculturais e estão sendo ampliados em escala nacional e internacional. Funcionam não porque representem padrões uniformes de sucesso, mas porque suas metodologias envolvem as comunidades locais na educação dos filhos. A Servol também demonstrou que são possíveis novos mecanismos de financiamento. Utilizou fundos de contrapartida da Fundação Bernard Van Leer e da IYF, bem como "acordos" com empresas locais para criar um fundo de doações para os seus programas de juventude. Graças ao estabelecimento de uma parceria entre o Estado, que paga os salários dos professores, e as comunidades locais, que mantêm as instalações escolares, a Servol está criando redes nacionais pré-escolas e centros de treinamento profissional.

No início da década de 80, as imagens fotográficas assombrosas de crianças devastadas e à morte fixaram-se na consciência do mundo e provocaram a revolução da sobrevivência infantil. À medida que amadurece o movimento da sobrevivência infantil, espero que o mundo encontre a disposição para reforçar o que já sabemos que funciona. A escolha é nossa. Os investimentos no capital humano podem fazer girar o círculo virtuoso e ajudar a impedir que o espiral PPM descensional se torne o modo predominante de "subdesenvolvimento" no Século XXI.

*DIANE B. BENDAHMANE é diretora técnica de Serviço de Marketing e Informação do novo Projeto de Saúde Ambiental, financiado centralmente pela USAID.*

## REFERÊNCIAS

- Birdsall, Nancy e Richard Sabot. 1994. *Inequality, Exports, and Human Capital in East Asia: Lessons for Latin America*. Trabalho apresentado em 16 de fevereiro na Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins, Washington, D.C.
- Financial Times* [de Londres]. 1994. *Financial Times Survey: The World's Young People*. Suplemento da edição de 31 de janeiro.
- International Youth Foundation. 1992 *Annual Report*. Battle Creek, Michigan.
- Martin, Richard. 1993. *A.I.D.'s Child Survival Program: A Synthesis of Findings from Six Country Case Studies*. Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos: Relatório N° 5 sobre Programas e Avaliação de Operações.
- Mathews, Jessica. 1994. *Population Control That Works*, em *The Washington Post*, edição de 1° de abril, p. 21.
- Organização Pan-Americana da Saúde. 1990. *Condições Sanitárias nas Américas*. Volume 1.
- Pezzullo, Susan. 1992. *Children and Youth: A Global Perspective*. Relatório preparado pela *Youth International Foundation*: Battle Creek, Michigan.
- Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas. 1992. *Human Development Report 1992*. New York e Oxford: Oxford University Press.
- UNESCO. 1991. *Basic Education and Literacy: World Statistical Indicators*. Paris: UNESCO.
- UNICEF. 1994. *The State of the World's Children 1994*. New York e Oxford: Oxford University Press.
- . 1994 (fevereiro). *Clearing the Minefields: A Step Toward Peace*, em *Waterfront: Water Supply, Environmental Sanitation, and Hygiene News*.
- UNICEF e Organização Mundial da Saúde. (Sem data.) *Primary Health Care in Urban Areas: Reaching the Urban Poor in Developing Countries*. Publicação SHS/84.4.
- Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos. 1992. *Child Survival: A Seventh Report to Congress on the USAID Program*.
- . 1993. *Child Survival: An Eighth Report to Congress on the USAID Program*.
- . 1994. Apresentação ao Congresso dos Estados Unidos.
- Banco Mundial. 1988. *The Development Data Book: A Guide to Social and Economic Statistics*. Segunda edição. Washington, D.C.: Banco Mundial.
- . 1993. *World Development Report 1993: Investing in Health*. New York: Oxford University Press.

*As organizações não-governamentais orientadas para a juventude estão crescendo e começando a afetar as políticas nacionais*

# PENSANDO NO AMANHÃ

A FUNDAÇÃO INTERAMERICANA E OS PROGRAMAS DE JUVENTUDE NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE

**Susan Pezzullo**

**A**s notícias sobre a situação das pessoas com menos de 18 anos na América Latina e no Caribe são tanto perturbadoras como encorajadoras. A UNICEF indica que a luta por manter as crianças vivas está produzindo efeito, ao mesmo tempo em que a qualidade de vida dos jovens em termos de realização educacional, saúde, potencial de trabalho e bem-estar geral está sendo esquadrihada. Mais de 78 milhões de pessoas com menos de 18 anos vivem em pobreza, uma cifra alarmante de 48% da juventude do Hemisfério. As taxas de deserção no primeiro grau escolar aproximam-se de 50%; 12 milhões de menores não estão matriculados em lugar algum; e outros milhões vivem nas ruas (UNICEF, 1992). Incapacitados pela pobreza, saúde e habitação deficientes, analfabetismo e baixa auto-estima, um número demasiadamente elevado de jovens está sofrendo, ao passo que as suas contribuições potenciais para a sociedade como pais, trabalhadores e cidadãos não se transformam em realidade.

É vital lembrar que esse potencial existe e está esperando ser utilizado. Quando os jovens recebem apoio físico, social e emocional adequado, podem preparar-se para a funções de adulto, desenvolver a sua capacidade de pensar criticamente e motivar-se para servir a outros. Estamos cientes disso mesmo quando se trata de menores que cresceram nas piores circunstâncias, porque as organizações não-governamentais (ONG) em todo o Hemisfério o vêm demonstrando há mais de duas décadas de experiência em programas.

Por meio da experimentação e do trabalho árduo,

instituições como a *Integración Juvenil* na Colômbia, *Vicaría Norte* no Chile e *Servol* em Trinidad e Tobago estão formulando e testando métodos promissores para trabalhar com jovens procedentes de famílias de baixa renda. O conjunto de conhecimentos que produzem sobre o modo de ajudar as famílias e comunidades a criar os filhos de modo a se tornarem adultos saudáveis, responsáveis e produtivos oferece lições às entidades públicas e privadas que se preocupam com questões relacionadas com a juventude na América Latina e no mundo.

A Fundação Interamericana investiu 5% do seu orçamento total no desenvolvimento de programas orientados para a juventude nos seus 25 anos de existência — fazendo doações num total de US\$18 milhões a mais de 200 programas. Muitos desses projetos estão entre os mais interessantes e inspiradores financiados pela Fundação, refletindo o carisma e o compromisso dos líderes de base que adotam esta causa. Como os recursos da Fundação são escassos em relação com o nível de necessidade, o desafio diante de si é financiar com prudência, identificando e apoiando programas de alta qualidade e ajudando-os a ampliar o seu impacto.

Ao pensar em qualidade, a Fundação Interamericana e todos os doadores enfrentam vários dilemas. Um deles implica a definição de programa orientado para a juventude. Na década de 80, os programas de juventude nos Estados Unidos e na Europa começaram a transferir a ênfase para o desenvolvimento holístico das capacidades dos jovens e a afastar-se da definição de “clientes” em

termos de “fatores de risco” sociais e econômicos. Criar aptidões intelectuais e sociais de forma a desenvolver a auto-estima e responsabilidade é cada vez mais considerado o melhor meio de promover uma transição estável para uma maioria produtiva (Pittman, 1991). Entretanto, como financiadora de grupos de baixa renda que se organizam para o autodesenvolvimento, a Fundação Interamericana necessariamente apóia os jovens e crianças que estão em situação de risco em consequência da pobreza e negligência social. O desafio é ajudar as ONG e as organizações de base comunitária a encontrar um equilíbrio funcional entre a formulação de programas de qualidade que girem em torno das necessidades de desenvolvimento de uma faixa etária específica (por exemplo, meia infância) sem ignorar a miríade de fatores sócio-econômicos que afetam o bem-estar dessas crianças.

Colocar, em primeiro lugar, as necessidades de desenvolvimento do menor e depois determinar que aspectos do meio ambiente o programa pode tratar de forma realista parece ser uma boa regra empírica. *Vicaría Norte*, em Santiago, Chile, por exemplo, criou um programa recreativo de baixo custo para crianças de baixa renda. Convencida de que o lazer é um direito fundamental e é necessário para o desenvolvimento de aptidões motoras e sociais, a *Vicaría* recrutou adolescentes mais velhos e ensinou-lhes a usar pequenas peças teatrais, relato de contos, artes e artesanato, projetos ambientais e diversas outras atividades para despertar a imaginação e as energias de menores de 14 anos. O programa reforça o sentido de ligação entre os jovens e a respectiva comunidade, instila valores de responsabilidade e intercâmbio e aumenta a auto-estima. Nesta transformação são fundamentais os orientadores de adolescentes que se tornam modelos, aprimorando ao mesmo tempo as habilidades de liderança e aprofundando o próprio compromisso com o serviço. A *Vicaría* reconhece que as escolas locais estão abaixo do padrão e as relações familiares freqüentemente estão estressadas, levando às vezes ao abuso conjugal e infantil. Em vez de diluir a eficiência do programa atacando de frente esses problemas, optou por estabelecer vínculos sólidos entre as crianças, orientadores de adolescentes e voluntários adultos e encaminhar qualquer problema grave de família a outras entidades.

Um segundo dilema para os doadores é favorecer ou não programas que atendem diretamente aos jovens, em

oposição aos que trabalham indiretamente por meio da família e da comunidade. Esta dicotomia é falsa. Qualquer das abordagens é válida, dependendo dos objetivos a que se visa. O ponto chave, sem dúvida, é compreender as necessidades de desenvolvimento dos menores em questão e os fatores que impedem ou promovem o seu desenvolvimento total. Ambas as considerações devem estar explicitamente refletidas na formulação dos programas. *Save the Children*, por exemplo, após uma revisão dos seus programas de geração de renda, concluiu que os esforços para aumentar a renda familiar não melhoram necessariamente o bem-estar do menor. As famílias de renda mais baixa provavelmente necessitam manter os jovens fora da escola se os pais, especialmente a mãe, tiver que passar mais tempo em atividades produtivas de mão-de-obra intensiva, introduzidas pelo programa (Peace e Hulme, 1993). Os programas que são bons para os jovens mantêm as necessidades dos mesmos em enfoque claro e asseguram que a destinação de recursos, tecnologias e atividades não sejam prejudiciais à saúde dos jovens ou à sua capacidade de freqüentar a escola.

Por outro lado, incentivar programas que procurem capacitar o menor não deve impor critérios irreais de participação. A juventude, por definição, é uma época de transição e qualquer organização de jovens passará por mudança de membros. Os doadores devem ser flexíveis. Em vez de se concentrar na criação de organizações de jovens, os financiadores devem permanecer abertos a programas em que as crianças e adolescentes aprendam habilidades de liderança, participem no processo decisório e tenham oportunidades de servir a outros, preparando-os para tornar-se membros ativos de organizações cívicas e de outras organizações como jovens adultos.

A maioria das ONG bem-sucedidas adotam essa estratégia. Permitir que os jovens expressem a sua opinião sobre a formulação e gestão dos programas é vital para a eficiência de atividades como as de *Vicaría Norte*, *Integración Juvenil* e *Colonia Pirai*. Estas duas últimas ONG trabalham com meninos de rua na Colômbia e na Bolívia, os quais muitos considerariam como candidatos menos prováveis à participação na tomada de decisões responsáveis. Ao aproveitar a independência e esperteza que os menores adquiriram nas ruas, esses programas demonstram que os jovens podem orientar os colegas, ajudar a gerir os recursos do programa e exercer autoridade

como membros votantes de comitês executivos (Shifter, 1985).

O dilema final enfrentado pelos doadores é como esticar os recursos limitados. Uma forma é financiar programas que conscienciosamente formulam estratégias alternativas para o desenvolvimento de jovens que possam ser expandidas. O apoio da Fundação Interamericana ao Centro de Educação e Cultura Popular (CECUP), de Salvador, Bahia, que presta apoio técnico a escolas alternativas comunitárias, servindo a mais de 10 000 jovens é um exemplo. O Centro proporciona aos brasileiros uma forma inovadora de enfrentar o problema de taxas de matrícula e conclusão escolares desapontadoramente baixas do país. O êxito do programa *Escuela Nueva* (Goff, 1990) para desenvolver um novo currículo de base comunitária para mais da metade das escolas da zona rural da Colômbia é outro exemplo (esse modelo está agora sendo testado também nas escolas da zona urbana). A Servol, em Trinidad e Tobago, não somente tem ajudado os países de todo o Leste Caribenho a estabelecer as próprias instalações de treinamento para professores do nível pré-escolar, mas se pediu ao seu fundador que participe de uma mesa-redonda nacional para reestruturar o ensino público e ele sugeriu que os trinidadenses procurem na *Escuela Nueva* lições para reformar o ensino de primeiro grau.

Uma preocupação internacional cada vez maior sobre a situação das crianças e jovens abre o caminho para as ONG desempenharem um papel mais amplo. A Conferência de Cúpula Mundial das Nações Unidas sobre Juventude, realizada em 1990, incumbiu os países participantes de formular planos nacionais para os jovens a serem implementados até o ano 2000. Entre as metas figuram a redução da mortalidade materno-infantil, melhor acesso à água potável e esgotos e melhoria do ensino de primeiro grau, especialmente para meninas. Um ano antes, a Assembléia Geral das Nações Unidas redigiram a Convenção sobre Direitos da Criança, desde então ratificada por todos os países latino-americanos e caribenhos, com exceção do Haiti. A Carta da ONU inclui cláusulas que proíbem a discriminação e o abuso de menores; cláusulas que apóiam os direitos de viver com os pais e reunir-se a eles se deles forem separados; direito ao livre pensamento, à livre expressão e à livre associação; e direito a um padrão de vida e educação adequados. No

conjunto, esses dois documentos proporcionam o contexto para um diálogo de política entre grupos públicos e privados em prol da juventude.

Na República Dominicana, por exemplo, as ONG desempenharam papel chave na definição do plano nacional de ação para a juventude (UNICEF, 1994). No México, Brasil, Equador, Argentina, Chile e Colômbia o planejamento estatal descentralizado poderá também abrir oportunidades para as ONG influenciarem a formulação de políticas ao nível local. A Fundação Interamericana e outros doadores podem desempenhar um papel importante ajudando as ONG a coordenar as suas atividades para manter um diálogo permanente com o governo e para monitorizar o cumprimento da Convenção da ONU e de outros acordos. O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMRR), do Brasil, mostrou que isso é possível. Levou os meninos de rua e seus defensores a Brasília para prestar depoimento perante as comissões do Congresso encarregadas de redigir a nova Constituição e mobilizaram o público brasileiro para adotar uma emenda que protege todos os menores.

As ONG orientadas para a juventude podem desempenhar uma função inestimável de *lobby* em prol das crianças e dos jovens. Devem trabalhar para educar o governo, as empresas e o público, a fim de assegurar que recursos adequados sejam investidos para atingir as pessoas carentes.

*SUSAN PEZZULLO é consultora autônoma que escreve freqüentemente sobre questões relacionadas com a juventude.*

#### REFERÊNCIAS

- Goff, Brent. 1990. "Dominando a arte da ampliação na Colômbia", em *Desenvolvimento de Base*, Vol. 14, Nº 1.
- Peace, Gillian, e David Hulme. 1993. *Children and Income Generating Programs*. Save the Children, Documento de Trabalho Nº 6.
- Pittman, Karen Johnson, e Wanda E. Flemming. 1991. *A New Vision: Promoting Youth Development*. Washington, D.C.: Academy for Educational Development.
- Sherraden, Michael. 1992. *Community-based Youth Services in International Perspective*. Washington, D. C.: Carnegie Council on Adolescent Development.
- Shifter, Michael. 1985. *Majito and Carlos Alberto: The Gamin Legacy*, em *Desenvolvimento de Base*, Vol. 9, Nº 1.
- UNICEF. 1992. *Children of the Americas: Child Survival, Protection, and Integrated Development in the 1990s*. Bogotá: UNICEF.
- . 1994. *The State of the World's Children 1994*. New York: Oxford University Press.

*O futuro da sociedade depende da capacidade  
dos adultos de ouvir a voz da criança silenciosa.*

# A VILA TRANSPARENTE

A CRIAÇÃO DE FILHOS EM TRINIDAD E TOBAGO

**Ron Weber**

Não é o que se esperava encontrar numa cidade, nem mesmo numa cidade tropical como Port-of-Spain. Uma onda de clareza singular — fantasmagórica como o grito da araponga — envolvia a sala.

Durante toda a manhã vinha gente de todos os cantos da ilha, sentava-se num semicírculo de várias camadas, conversando animadamente como freqüentadores de igreja que não se viam desde a última função religiosa. Agora olham para a frente, em expectativa, ao perceberem que o Padre Gerard Pantin limpa a garganta para começar a falar.

Pantin é padre católico, mas esta não é uma reunião devocional. Ao redor da sua garganta não se vê o colarinho clerical. Não há púlpito. E a “congregação” diante dele é sumamente peculiar, composta de protestantes evangélicos, hindus, maometanos e até mesmo um bom número de católicos que não freqüentam a igreja. No colo das pessoas há um caderno de notas e lápis, não missal ou livro de cânticos.

Certamente, pode-se descrever uma parte da tranqüilidade irradiante como a aura do carisma. Pantin é um homem de calma intensidade, um orador eloqüente com a rara capacidade de persuadir os ouvintes de que está falando com uma pessoa de cada vez. E ele traz uma mensagem arrebatadora sobre desenvolvimento humano.

Os 23 anos que Pantin passou trabalhando com co-

munidades para construir redes de pré-escolas e centros de treinamento de adolescentes ensinaram-no a considerar os problemas e as oportunidades em termos de círculos, a procurar padrões de relacionamento que sejam mutuamente reforçantes e atacar a pobreza da sociedade moderna no seu nível mais profundo. As suas percepções são radicais, no sentido original desta palavra — soluções que penetram na raiz do problema. A urgência da sua tarefa pôs em funcionamento os seus estudos diurnos, de forma que o prolongamento do silêncio é sumamente surpreendente.

À medida que o silêncio se aprofunda, o cenho de Pantin se cerra — como se inesperadamente tivesse chegado a uma encruzilhada entre pensamentos e estivesse procurando o nome. Talvez a conjuntura seja algo tão simples quanto registrar como a mescla contraditória de preocupação e esperança que permeia o semblante dessas 200 pessoas, cuja maioria ele conhece muito bem, reflete a sua própria. Afinal de contas, há apenas alguns dias ele deixou o cargo de diretor executivo da *Service Volunteered for All* (Servol), a organização para a qual todos trabalham e da qual ele é o fundador. Ele continua a ser o Presidente do Conselho, mas esta é claramente uma época de transição, um momento em que o passado é, no mínimo, tão presente quanto o futuro.

A esta luz, o silêncio parece familiar. De uma forma ou de outra tem-se feito presente desde o momento em que, em 1970, ele e um companheiro se dirigiram às favelas

desordenadas de Laventille, armados apenas com uma pergunta: “como podemos ajudar?” E é exatamente por esse motivo que ele hoje convocou os educadores da primeira infância da Servol para uma reunião. Não os chamou para ouvir a sua voz ou deleitar-se no som da própria voz. Chamou-os para *ouvir*.

Isto não é tão simples como parece. Qualquer pessoa com ouvidos pensa que sabe ouvir. Nesta suposição encontram-se as sementes do que Pantin chama *arrogância cultural*. O que ouvimos é filtrado pelo que já pensamos e sentimos e tende a ser autoconfirmante. Os obstáculos à compreensão avolumam-se quando a conversa não ocorre entre parceiros, quando uma pessoa é demasiadamente jovem e inexperiente, idosa e doente demais ou pobre e incapacitada demais para conseguir a nossa atenção. Como poucas relações acontecem entre iguais, a grande maioria dos diálogos na realidade são monólogos. Os que existem às margens da nossa visão nos vêm passar como relâmpago, falando sozinhos em voz baixa.

Não foi fácil para Gerard Pantin adquirir essa percepção. Formado em biologia, doutor em teologia pela Universidade de Freiburg, é pessoa que facilmente tenha paciência, alguém que teve de aprender as virtudes de esperar por parte do tipo de pessoas que os privilegiados aprenderam a não ver. De fato, quando ele, trinidadino da classe média de ascendência francesa, abruptamente deixou Port-of-Spain como tal para ir ao coração de Laventille, a família, amigos e colegas o consideraram como louco na melhor das hipóteses. De que estaria possuído alguém da sua categoria para entrar na cova dos leões das demonstrações do Poder Negro que apenas alguns dias antes tinha provocado um motim fracassado com a interferência do exército e causado a imposição da lei marcial?

Derek Walcott, poeta caribenho (1986), num poema escrito para V. S. Naipaul mais ou menos na época em que Pantin iniciou a sua busca, descreve o mundo que era — e, em certo sentido, ainda é — Laventille. Deste promontório, escreve Walcott, pode-se vislumbrar o mar impiedoso e imaginar todo o horror da travessia do Atlântico nos barcos que transportaram escravos arrancados da África para o Novo Mundo. Para ver onde

aportaram os sobreviventes, desprovidos da sua língua materna, cultura e vínculos familiares, basta apenas ver as pessoas que habitam as casas caindo aos pedaços que cobrem essas colinas como a casca de uma ferida. “Descer a colina”, conclui ele, em direção à Belmont, Maraval e outros bairros da velha capital colonial, “era ascender”.

\* Pantin levaria anos para compreender como a lógica oposta era igualmente ferrenha. Subir a colina para Laventille significa baixar. As pessoas de baixa renda desconfiavam, com razão, de estranhos que ofereciam caridade e zelosamente resguardavam a sua única posse: a recusa sombria e às vezes irada de ratificar a justiça do próprio empobrecimento. No início, deve ter parecido que nada na sua vida o preparara para o trabalho de oferecer alguma coisa mais. Como era incapaz de agir, como não sabia agir, viu-se forçado a observar e ouvir. Abordou a tarefa com o olho clínico de um cientista.

Como jovem botânico num colégio universitário na Irlanda, escrevera uma tese para explicar como um quebramar, construído pelas autoridades portuárias para combater a sedimentação do rio, unira-se à ação da maré e à flutuabilidade das sementes das plantas para criar ecossistemas acentuadamente diferentes nos pântanos salobres ao redor de Dublin. O que ele viu e ouviu em Laventille era profundamente perturbador, sugerindo que ciclos semelhantes ocorriam na sociedade humana. Muitas crianças não tinham pai morando em casa e um número cada vez maior também não tinha mãe. Mulheres jovens em busca de trabalho deixavam os filhos aos cuidados das avós ou tias. Crianças sem vigilância perambulavam pelas ruas, até mesmo à noite. Privadas das riquezas do amor familiar, cresciam incapazes de amar. Embora a frequência à escola primária fosse obrigatória, poucos se aproveitavam disso e muitos eram aprovados de um ano para outro sem aprender a ler ou escrever, não adquirindo a capacidade para manter um trabalho. Crescer dessa forma condicionava as pessoas ao fracasso.

Pantin não tinha idéia como romper o espiral descendente, mas a sua existência levou-o a perguntar se poderia haver espirais ascendentes. Sentimentos há muito tempo dormentes devem ter revivido dentro dele sobre a própria infância quando, com 11 anos de idade e o mais velho de 10 filhos, viu o seu pai, um dos principais

comerciantes de Port-of-Spain, morrer de câncer do estômago, deixando a família à beira da pobreza gentilica. No limiar da adolescência, Gerry Pantin considerou a si mesmo como despojado. No entanto, de certo modo sobreviveu à ira perante a injustiça de ver o seu mundo de pernas para cima, de encontrar a família repentinamente reduzida, aos olhos dos amigos, a objetos de caridade. A sua mãe, com o apoio da irmã solteira e ajuda de um tio e professores ao longo do caminho, conseguiu de certa forma educar os filhos. Talvez fosse possível criar suportes com base nas famílias desmembradas de Laventille que pudessem ajudá-las a sobreviver.

Ele percebeu, quase intuitivamente, que o modo como se começava era mais importante do que onde se começava, que era preciso cautela para basear-se na dignidade já existente. As idéias para projetos devem surgir da comunidade e começar pequenas, com investimento local suficiente para que os moradores possam atribuir-se o crédito pelos resultados. O papel da pessoa de fora era despertar o diálogo que permitisse à comunidade descobrir as próprias necessidades, implementar um plano de ação e decidir o que funcionava e o que não funcionava. Este processo de aprendizagem compartilhada ecoava a “pedagogia do oprimido” de que Paulo Freire (1970) fora pioneiro no Brasil, mas demonstrou ser mais aberto. Despertar o desejo de autogoverno nunca foi visto como pretexto para criar um movimento político para derrubar o Estado. Os projetos para criar uma padaria, construir quadras de basquete, treinar soldadores e equipar uma cooperativa de pescadores evoluíram organicamente, com base na própria pertinência com as necessidades de cada comunidade.

O diálogo da Servol também foi permeado pelo conceito gandiano de *ahimsa* — a convicção de que a justiça social e a verdade são relacionais e dinâmicas e se realizam em ação que não prejudique fisicamente nem viole psicologicamente o ser essencial dos outros (Erikson, 1969). A percepção de Pantin era cuidar que esse princípio regesse não somente a relação entre o oprimido e o opressor, mas também entre o aflito e o Bom Samaritano que oferecia ajuda. Era algo importante, porque a tarefa da Servol não era destruir nem assumir o controle de qualquer instituição, mas ajudar a construir um novo

genótipo para transformar as transações sociais na própria raiz.

A insistência de Pantin na dignidade inerente de todos os participantes de um diálogo, inclusive a capacidade de retirar-se do processo, permitiu à Servol descobrir que as pessoas de baixa renda de Trinidad formavam não apenas uma comunidade mas muitas, cada qual com a própria voz, afinada de acordo com o timbre pessoal. Também possibilitou que o pessoal da Servol descobrisse — às vezes dolorosamente, como uma criança tocando um fogão quente — que a arrogância cultural é um vírus altamente mutável que infecciona não apenas as questões de classe econômica mas também, entre outras, as relacionadas com diferença de sexos, obtenção de educação, situação profissional e etnicidade.

Ao permanecer aberta às possibilidades de diálogo, mesmo quando inicialmente parecia apenas ruído, a Servol descobriu que pequenos milagres eram possíveis. Pantin gosta de contar uma estória a título de ilustração. Margaret Roberts, uma das primeiras professoras de base da Servol e diretora da escola para crianças “especiais”, estivera trabalhando durante certo tempo com uma criança autística. O menino não suportava que o tocassem, de forma que Margaret deixou que ele escolhesse o momento de contato. Sentado um tanto afastado da classe, aprendera a escrever e a ler as palavras mais complicadas, mas não conseguia mover a língua para pronunciar as mais simples. Um dia, aproximou-se de Margaret com a sua lousa, na qual estava escrita a palavra “difícil”, e deu um pontapé na canela dela. A raiva de Margaret transformou-se em perplexidade com a repetição obsessiva do acesso de raiva que se seguiu. O menino levantava um pé, batia com ele no chão, indicava a palavra e começava novamente a bater o pé. Finalmente, ela olhou para baixo e viu que os sapatos dele estavam desamarrados. Quando ela terminou de amarrar os cordões e olhou para cima, o menino estava sorrindo.

**E**xaminando o caminho da evolução da Servol, um observador imparcial não pode deixar de perceber todas as falhas. Entre elas estava uma tentativa fútil de começar comunidades agrícolas no momento exato em que um processo de industrialização, liderado pelo Estado,

transformava o país irreversivelmente em urbano.

No entanto, a prática do diálogo — ouvir atentamente a outra pessoa, intervir respeitosamente e avaliar os resultados — formou um círculo de retorno que permitiu à Servol basear-se no que funcionava e deixar de lado o que não servia. As comissões de supervisão começaram a indicar ocorrências curiosas, quando os projetos eram obrigados a compartilhar espaço por questão de conveniência. As gangues de adolescentes protegiam encarnadamente as crianças das escolas maternas; a abertura de programas de treinamento profissional para moças e o influxo sobre aptidões tradicionalmente reservada para rapazes tiveram efeito eletrizante sobre a moral dos estudantes; as clínicas comunitárias puderam promover a saúde por meio de melhor nutrição e cuidados preventivos, treinando ao mesmo tempo adolescentes aprendizes como assistentes de enfermagem e assistentes dentários.

Gradualmente, a Servol transformou-se num laboratório de desenvolvimento humano integrado que começou a focalizar os problemas dos jovens, mas de uma perspectiva inusitada. A maioria dos programas orientados para a juventude começam como missões caritativas junto a uma população de menores incapazes de cuidar de si mesmos. Desde o início, a Servol trabalhou com todos os grupos etários e aprendeu, por ensaio e erro, que a situação dos jovens não era um aspecto marginal do desenvolvimento comunitário, mas a chave da sua sustentabilidade. Pantin começou a ver como a comunidade e a identidade pessoal eram formadas a partir de um diálogo entre uma geração e a outra. Ele encarava a sociedade de amanhã que estava sendo formada no coração e na mente das crianças de hoje.

Ironicamente, essa perspectiva de longo alcance da mudança social apenas aumentou o seu sentido de urgência, uma vez que o processo recebe alto insumo das pessoas que o iniciam. Uma mulher que receba nutrição inadequada ou que ingira substâncias perniciosas durante a gravidez poderá permanentemente danificar as capacidades intelectuais e físicas do seu filho. Às vezes a lesão é dramaticamente visível no recém-nascido, por exemplo, quando a síndrome do alcoolismo fetal produz deformidade craniana. Outros efeitos laterais levam anos

para manifestar-se, como é o caso das desordens de redução da atenção, associadas com recém-nascidos de baixo peso. Naturalmente, não há meio de medir o prejuízo causado àqueles que permanecem dentro da norma, mas cujo teto de potencial foi desnecessariamente reduzido.

“Após ouvir, durante anos, crianças, pais, educadores e psicólogos”, a Servol também começou a crer, como diz Ruth Montrichard, sua nova diretora executiva, “que os três primeiros anos de vida são, sem dúvida alguma, os mais importantes para decidir em que tipo de adulto se tornará a criança. Ocorre então o desenvolvimento da personalidade, lançam-se os fundamentos de uma autoimagem positiva e estabelecem-se os padrões de comportamento.”

Um conjunto substancial de pesquisa fisiológica apóia agora a convicção da Servol (Carnegie, 1994). As descobertas da biologia molecular e novas tecnologias poderosas, inclusive escaneio cerebral e tomografia de emissão de pósitrons, permitiram aos cientistas registrar o desenvolvimento e a bioquímica do sistema nervoso em grande detalhe, inclusive a capacidade de medir como o meio ambiente afeta a função do cérebro. Sabemos agora que a formação de células do cérebro está praticamente completa no momento do nascimento, mas a ligação dos neurônios para mapear os caminhos da aprendizagem é um processo generativo substancialmente formado pelo relacionamento — ou falta do mesmo — da criança em crescimento com a família e a comunidade em que nasceu. No primeiro ano de vida, o número de sinapses que ligam as células multiplica-se de 50 trilhões para 1 000 trilhões. O cérebro então, “como um escultor cinzelando uma forma num bloco de mármore”, rapidamente reduz os neurônios e as sinapses ligando a informação sensorial sobre o mundo externo num círculo de retorno para formar padrões de conexão mais específicos e mais eficientes.

O recém-nascido sem fala, desde o tapinha do médico ou da parteira que lhe provoca o primeiro choro, já está engajado num diálogo com o mundo que desenhará a arquitetura do cérebro adulto. A experiência da Servol sugere que o concreto do caráter básico já se sedimentou aos cinco anos de idade. Se o alicerce do edifício não for funcional, se a pessoa não tiver aprendido a dar-se com os outros e a usar o idioma para compilar informação e

empregá-la com autoconfiança para explorar o mundo, as paredes poderão ser mais tarde na vida escoradas com vigas, mas a tarefa da reconstrução é desanimadora. Uma das janelas que permanecem bem abertas surge posteriormente na adolescência, antes que a pessoa entre no mundo adulto do trabalho.

A decisão do Servol de onde intervir no ciclo do desenvolvimento humano foi, em si mesma, condicionada pelo relacionamento da organização incipiente com a sociedade que a produziu. Logo depois do golpe fracassado de 1970, o Estado obteve lucros imprevistos do surto do petróleo da OPEP para custear novos serviços sociais. O ensino primário e secundário universal obrigatório impossibilitava o acesso imediato a jovens de 5 a 17 anos. O acesso ampliado aos cuidados médicos limitava a viabilidade de programas de promoção comunitária a gestantes. As famílias sólidas deviam atender às necessidades de desenvolvimento de recém-nascidos e bebês; as famílias que corriam maior risco, as chefiadas por mulheres, precisavam de assistência global e estavam entre os grupos mais difíceis de serem atingidos.

O que a Servol tinha à mão era um punhado de creches, cujo pessoal era composto de meninas sem treinamento, que não passavam de vigias, e as sementes de um programa para procurar emprego para rapazes. Por meio do diálogo com as comunidades e, eventualmente, com o Estado, esta coleção dispersa de projetos isolados transformou-se em duas redes nacionais de 150 pré-escolas e 40 centros de vida para meninos e meninas adolescentes (Weber, 1990). Com um braço, a Servol preparava crianças de 3 a 5 anos para ingressar no ensino formal, capazes de estar à altura das crianças da classe média. Com o outro braço captava os adolescentes empurrados do sistema de ensino público e equipava-os com as aptidões interpessoais e técnicas necessárias para manter empregos constantes. As lições aprendidas em cada um desses esforços gradualmente se fundiriam num único esforço para reparar uma sociedade que começava a desvencilhar-se.

Levantando levemente a cabeça, como se olhasse da estrada que ligava aquele momento aos inícios quixotescos da Servol, Pantin finalmente rompe a mágica do silêncio. Concentra a atenção dos colegas na fonte da

preocupação comum, pedindo-lhes que ouçam a dor além das paredes que os cercam, nas ruas fora do *Caribbean Life Centre*, nas salas de espera de uma sociedade em crise. “O país”, diz ele, medindo as palavras, “está preso nas malhas do ajustamento estrutural”. Vendo os seus lábios se fecharem num sorriso lacônico, imaginamos ver um pequeno animal a quem se pede que fique parado enquanto o veterinário quebra e realinha os seus ossos.

A agonia é ainda mais profunda, sugere ele, porque assumiu uma qualidade irreal, porém familiar, que engrandece o sentido de impotência, mesmo entre as pessoas notoriamente em controle. Olhar o noticiário das seis da tarde é ver um vídeo ser tocado em reverso. Fala sobre a economia nacional acompanhando a trajetória de um míssil que não conseguiu atingir a velocidade de lançamento. Desde 1983, quando os preços do petróleo entraram em colapso, tem sido uma queda livre, ocorrendo uma redução de 5,1% ao ano no produto interno bruto (PIB) per capita (UNICEF, 1994). Quando o míssil colidiu numa explosão social em 1990, um golpe fracassado provocou tumultos e saques mais severos do que os problemas que inicialmente levaram Pantin a Laventille.

O Governo de Trinidad é agora um passageiro, que acompanha a caminhada. Não pode mais imprimir dinheiro para cobrir as fricções comunais herdadas da sociedade colonial. Após duas mudanças de partido, o setor público continua a reduzir pessoal e cortar serviços. Não se pode mais confiar no abastecimento de água na zona urbana, outrora 100% potável. A febre reumática entre crianças, reduzida à raridade em três décadas, voltou a recrudescer. E à medida que milhares perdem o emprego, as famílias — mesmo as sólidas — se estão desmoronando.

“O homem”, explica Pantin, “vê o seu trabalho como o centro da vida, o centro de quem ele é”. Ao ver quebrada a espinha dorsal do seu orgulho, sentindo-se destruído por dentro, descarrega na mulher, a qual, por sua vez, desconta nos filhos. “As mulheres estão em estado de sítio na própria casa”.

As pessoas foram convocadas aqui hoje, continua ele, porque o seu trabalho coloca-as no centro das coisas. “Se as pré-escolas não estiverem enraizadas na própria comunidade”, afirma, “murcharão e morrerão”. Para serem eficientes, os professores devem penetrar no

domicílio para ver o que acontece às crianças depois de terminada a aula. Acima de tudo, devem ouvir a criança vibrante que de repente começa a ficar quieta, chega com contusões ou simplesmente deixa de freqüentar a escola. “Ao visitar o domicílio”, adverte ele, “vocês devem ser profissionais, demonstrando respeito ao fazerem uma intervenção. Antes de abrir a boca para dizer o que o homem é, lembrem-se de que, quando vocês saírem pela porta, a mulher e os filhos permanecem na casa.”

Pantin termina dizendo que foi promulgada uma nova lei sobre violência doméstica, que Trinidad e Tobago são signatárias de um novo tratado da ONU que rege os direitos do menor e que, ao regressarem para casa, devem procurar conhecer o assistente social e o policial de plantão locais, a fim de prestarem serviços às famílias aflitas. E como não há alívio econômico à vista antes de 1996, os professores da pré-escola e seus colegas do programa de adolescentes, que formam a espinha dorsal da Servol, são a esperança do país para manter-se unido.

Ao Pantin sair pela porta e antes de começar a discussão sobre o que fazer, um gravador começa a tocar. A voz da fita é confortante. Pede aos ouvintes para tomarem consciência da própria respiração, a se imaginarem expirando estresse pelos braços, pernas, pescoço, a se sentirem inalando uma luz clara e brilhante até encher o seu corpo de satisfação. A voz da fita pertence a Diana Mahabir-Wyatt, consultora em gestão que conhece Pantin desde os primeiros dias em Laventille e que posteriormente se tornou membro do conselho de diretores da Servol e é atualmente senadora independente na Câmara Alta do legislativo. Foi ela mesma que redigiu a lei sobre violência doméstica, cujas disposições os presentes em breve ouvirão, cujo decreto lançou uma clara luz sobre o silêncio há muito purulento provocado pelo que se pode chamar de crise da família.

**N**a opinião da Servol, o destino do país está vinculado a essa crise e as soluções são possíveis se as pessoas fizerem as conexões certas. Ruth Montrichard expôs o caso em Paris, onde testemunhou perante uma comissão da UNESCO que homenageou a Servol como um dos 20 melhores programas de educação não-formal do mundo. Há muito tempo Montrichard estava alarmada com a onda

crecente de violência juvenil e, na sua opinião, os comentaristas sociais que atribuem esse surto ao fracasso dos pais em disciplinar os filhos atacam os sintomas sem tocar a doença. Ao contrário, ela assinala o rápido declínio da vida da pequena cidade que solapou a família estendida e levou ao surgimento de famílias sem mãe ou sem pai, quase todas chefiadas por mulheres sob enorme pressão econômica e psicológica. Usadas e abusadas pelo homem, as mães jovens descarregam a raiva sobre os filhos — especialmente sobre os meninos, que crescem maltratando as mulheres e renovando o ciclo de violência.

Este ciclo é ainda mais difícil de romper, diz ela, “porque a atitude paternal de caribenhos na base freqüentemente incentiva o castigo físico. A convicção generalizada de que não usar a palmatória estraga os filhos forma, na ausência de um membro consolador na família estendida, um vagalhão de raiva reprimida nos filhos”.

Os programas da Servol, conclui ela, “que, na superfície, parecem visar principalmente a crianças em idade pré-escolar e adolescentes, na realidade concentram-se primariamente na educação dos pais e da comunidade, bem como no reforço e apoio da família.”

No programa destinado à primeira infância, esse processo começa na própria sala de aula. As crianças de três a cinco anos de idade devem ser levadas à pré-escola e o adulto, geralmente a mãe, pode ficar para aprender, vendo e ouvindo, como os filhos podem entrar num “diálogo” que instila autodisciplina por meio da criatividade. O convite é também extensivo aos outros membros da comunidade. Por exemplo, em *Four Roads Tamana*, aldeia ao leste de Arimã, o jardim da infância fica no centro comunitário, que é também o lugar em que o funcionário da previdência social deixa os cheques para as pessoas idosas. Os beneficiários chegam cedo para receber o dinheiro e com freqüência ficam o resto do dia, olhando, com orgulho e admiração, a atuação dos netos ou dos filhos dos vizinhos ao aprenderem de dois professores treinados pela Servol a brincar de forma estruturada. “Nós nos tornamos”, como disse um professor, “a TV vila”.

Quando os pais não visitam a escola, o professor, que geralmente vive na comunidade, os procura. O professor pergunta como a criança interage com outros em casa e

ajuda a iniciar um processo para assegurar que o aprendido na sala de aula seja reforçado e não destruído. Se o relacionamento entre o responsável principal e a criança parecer tenso, o professor poderá até mesmo ir para a cozinha — pedir à criança que cate o feijão ou conte os talheres — sugerindo assim sutilmente uma outra forma de conseguir as coisas. Ao aproximar-se o fim da visita, os pais são convidados a participar da próxima reunião de pais e professores.

Nessa reunião, a discussão tratará de diversos temas: importância da boa nutrição e como preparar refeições simples para a merenda escolar; etapas do desenvolvimento infantil e como fazer brinquedos de materiais encontrados em casa que permitem às crianças de três anos de idade usar as mãos, de forma que os músculos e a coordenação visual e motora esteja pronta quando, mais ou menos um ano depois, chegar o momento de pegar num lápis e fazer letras de forma. Essas reuniões são especialmente importantes na zona urbana, porque recriam o ambiente da vila onde é possível que as pessoas, que ordinariamente se encontram de passagem na rua sem se falar, parem um instante e troquem informação. Aqui podem compartilhar a satisfação com a alegria trazida pelos filhos bem como idéias como lidar com situações difíceis sem lançar mão da chibata mais próxima. Pelo menos por um instante surge uma comunidade cuja meta é envolver os pais na educação do filho de um forma que aumenta a auto-estima e autoconfiança de ambos.

“A ausência da família estendida”, explica Montrichard, “significa que a comunidade, especialmente os homens, devem participar mais da vida dos filhos.” Os pais, tios e tutores vêm às reuniões de pais e professores, mas não com a regularidade suficiente para satisfazer as mães ou professores. Contudo, os homens aparecem com mais freqüência para acompanhar os filhos em excursões ao zoológico ou a outras partes e alguns participam intensamente nos conselhos de educação que mantêm as pré-escolas, recolhem as contribuições dos pais e angariam fundos para complementar os salários dos professores do Ministério da Educação.

Parte dos fundos é reservada para assegurar que nenhuma criança seja recusada por falta de dinheiro. Contudo, nos últimos anos, a Servol vem observando que

a freqüência na pré-escola se estabilizou ou caiu ligeiramente e que as comunidades já não pediam a abertura de jardins da infância. Pantin explica a primeira situação assinalando que “as pessoas carentes também têm o seu orgulho e se não puderem pôr roupa nos filhos ou a merenda num saco de papel, os filhos ficarão em casa.” Quanto à segunda, um conselho de educação tem a função de proporcionar uma instalação adequada e o número de edifícios prontamente disponíveis está esgotado.

A Servol, com o apoio da Fundação Interamericana e da *Mercy Foundation*, da Irlanda, lançou o Programa *Parent Outreach* (POP) (Atingir os Pais) para cobrir a lacuna. Dirigida por um punhado de professores da pré-escola experientes, adeptos da idéia de fazer os pais participar da educação dos filhos, o POP ainda está na infância. Para aprender o mais possível nesta primeira fase da pesquisa de participação, algumas comunidades foram escolhidas como modelos da diversidade da ilha — desde La Berre, região rural no Sul, a Beetham Estate, corredor urbano no Norte. A maioria dos que trabalham no programa de extensão tem como objetivo as crianças menores de cinco anos e os respectivos pais, mas alguns estão explorando temas de interesse especial. Indra Harbucan, por exemplo, quando esperava o terceiro filho, deu às enfermeiras que lhe prestavam serviços de cuidados pré-natais na clínica de Penal a idéia de começar um programa para gestantes, “de forma que os bebês tivessem uma vantagem especial no início.”

As pessoas que trabalham no programa de extensão reúnem-se semanalmente no *Caribbean Life Centre*, em Port-of-Spain, para comparar notas, aprimorar técnicas e levantar mutuamente o ânimo. O trabalho é lento e árduo, mas se está progredindo. Os assistentes sociais estão atingindo não somente os trabalhadores de baixa renda que se afastaram da pré-escola em épocas difíceis, mas estão começando a tocar os mais necessitados entre os necessitados. A atuação do POP confirma a experiência dos programas de base pesquisados por Lisbeth Schorr (1989) nos Estados Unidos: os que existem à beira da destituição carecem de tempo, motivação e energia para aproveitar os serviços, a não ser que estes sejam intensivos e abrangentes.

Em conseqüência, Lisa Robinson, assistente social,

diz: “nós deixamos de ser simplesmente professores para nos tornarmos amigos e orientadores”. Isto, acrescenta a sua colega Jacqueline Roberts, significa “decidir ser bravo”. Isto implica “passar tempo com a família para adquirir autoridade de que se necessita para falar”.

Com frequência, o domicílio está paralisado por uma crise que deve ser enfrentada para que uma jovem mãe possa aproveitar as aptidões formais oferecidas pelos assistentes do POP. Quando a violência desses bairros atinge a família, poderá ser o caso de pedir ajuda à polícia. Como as drogas são freqüentes e esse comércio é dominado por “grupos” de jovens, os assistentes que procuram resolver um problema doméstico às vezes descobrem que estão negociando um armistício por meio de um membro de uma gangue. Se a família estiver prestes a ser despejada, alguém tem de entrar em contato com o encarregado do desenvolvimento comunitário. Quem estiver doente, deve procurar uma enfermeira ou um médico.

Felizmente, o assistente social do POP provavelmente já sabe a quem contatar. Durante a pesquisa preliminar na comunidade, o assistente terá falado com funcionários de diversos órgãos de serviço social e pedido que indicassem famílias em necessidade. A maioria desses órgãos são como Gulliver enredado no mundo de Lilliput de regulamentações e minúcias. Não vêem a sua “clientela” como pessoas de múltiplas facetas com um conjunto de esperanças, necessidades e potenciais, mas em termos do problema específico para cujo tratamento o seu órgão foi criado. Um dos aspectos promissores do POP no trabalho com cada família na solução de problemas complexos é gradualmente unir num diálogo o pessoal dos diversos órgãos para permitir-lhes um dia considerar a família como um todo e servir melhor a comunidade.

Um dos meios de fazer surgir o milênio é ajudar uma forma da comunidade que se orgulhe da própria inventividade e reclame melhores serviços. Nas reuniões do POP, as jovens mães e as mulheres mais idosas unem-se numa espécie de família estendida. Um apelo em Beetham Estate, por exemplo, reuniu moradores dispostos a ensinar os vizinhos a tingir gravatas, fazer bolsas de cabaça, assar bolos e desenvolver outras aptidões para aumentar a renda familiar. As avós que se consideram

demasiadamente idosas para se preocupar com educação de filhos são induzidas a participar de reuniões em que encontram outras mulheres “que já passaram aquela fase da vida”, as quais, criando um neto cuja mãe foi destruída pelo *crack*, precisa de um ombro amigo em que se apoiar. Outras estenderam um braço protetor para as filhas “adôttivas” que encontraram nas mães adolescentes.

As mulheres levam às reuniões as crianças de que cuidam. Uma assistente explica como se sente quando as coisas dão certo. “Quando uma jovem mãe volta mais tarde” diz ela, “e conta que não sabia ser possível pensar e muito menos fazer as coisas por si mesma e relacionando-se dessa forma com o filho, bem, faz a gente sentir que o mundo pode ser endireitado.”

Outra assistente diz quanto ainda falta. Para fazer as mães participarem da vida dos filhos, ela levou consigo caixas de lápis *crayon* e alguns jornais para desenhar. Observando os bebês sendo deixados de lado numa “busca doida de lápis a cor” por “adultos ansiosos em começar a colorir” pôde perceber como muitas dessas jovens mulheres foram privadas da própria infância.

O programa de Desenvolvimento do Adolescente (ADP) da Servol, sugere que esta perspectiva pode tornar-se uma oportunidade de recuperação e crescimento se os pais perceberem como o processo de educação dos filhos pode lançar uma luz na sombra da própria infância perdida. Irma Phipps, coordenadora assistente do ADP no *Beetham Life Centre* para adolescentes, explica: “Como jovem negra de 18 anos, eu queria ajudar os meus colegas, dos quais muitos pareciam ter desistido, mas não sabia como”. Recebeu o treinamento de professora do pré-escolar para compreender como “uma criança em tenra idade pode mostrar-lhe os problemas do adolescente.” Quando a Servol ampliou o ADP, abrindo novos cargos para o pessoal qualificado, Phipps, com pouco mais de 20 anos, inscreveu-se como instrutora.

Ela encontrou na ADP uma metodologia sofisticada para atingir adolescentes perturbados. “Ao chegarem no primeiro dia de orientação”, diz Phipps, “são egoístas e céticos”. Faz uma pausa, dá de ombros e deixa o silêncio dizer: e por que não o seriam? A maioria não vem de casas que não são domicílios e escolas que mais parecem

centros de detenção? “Mas no fim [das 14 semanas]”, resume Phipps, “tornam-se uma unidade e estão prontos a adquirir a autodisciplina necessária para obter um certificado nacional de profissional”. A chave dessa transformação é conquistar a confiança e isso começa com a educação dos filhos.

Para fazer a inscrição, os estudantes devem fevar consigo o pai, mãe ou tutor. Este requisito lembra ao adulto a sua responsabilidade jurídica e moral sobre um jovem, idéia que vai contra a maré no Leste Caribenho, onde a participação dos pais freqüentemente desaparece quando o filho atinge a idade de 12 anos. Informa-se aos pais que podem consultar o pessoal a qualquer momento a respeito dos filhos e filhas e que serão contatados se surgir algum problema. A maioria dos pais só retorna na formatura, mas obrigá-los a comparecer com o jovem no início — para indicar formalmente a importância do processo que se seguirá — planta na família as sementes de um diálogo mais aberto que o ADP tenciona ajudar a florescer.

O ADP assume a forma de aulas e há um currículo preparado formalmente, mas é um tipo de ensino muito peculiar. Os adolescentes descobrem isso no primeiro dia, quando se pede que ajudem os instrutores a varrer o centro, tirar o lixo e lavar os banheiros. Esta norma reduz o custo da limpeza, mas o propósito é primariamente simbólico. Este lugar, diz, é como uma família que funciona melhor quando a responsabilidade é mútua e o adulto ao seu lado esfregando o banheiro está também disposto a compartilhar a tarefa de lidar com o lixo emocional da vida.

Mesmo nos centros menores haverá, no mínimo, dois instrutores, geralmente um homem e uma mulher. Se ambos forem do mesmo sexo, haverá tipos de personalidade complementares, de forma que os estudantes possam escolher que figura de substituição dos pais procurarão para obter orientação. Há, naturalmente, sessões corretivas com professores particulares de leitura e matemática para preparar 20% dos estudantes, funcionalmente analfabetos, para o mundo do trabalho — os comerciantes devem ser capazes de consultar manuais, ler plantas, redigir ordens de compra e lidar com dinheiro. Entretanto, o choque radical para os estudantes é a descoberta de que eles mesmos são o tema principal do ADP.

A primeira prioridade é penetrar na cobertura de silêncio que envolve a raiva e a frustração perante o fracasso que vem fervendo dentro de muitos desde a infância. Vendo os adolescentes “curtindo” ou “batendo papo” numa esquina, ninguém poderia pensar que foi preciso arrancar deles as opiniões. Mas, de fato, no caso da maioria desses jovens, raramente um adulto lhes pediu seriamente que expressassem a sua opinião, seja em casa ou na escola. O modelo de pedagogia que encontraram na família e na escola (que exige autoridade para impor disciplina e oferecer treinamento *in loco parentis*) ressalta o que Paulo Freire chamou de conceito de banco da educação. Espera-se que o estudante ou a criança fique sentado, sem mover-se, enquanto o professor ou o pai alimenta à força o tipo de informação para conseguir um retorno que produza o nível adequado de interesse. Para preparar os estudantes para entabular um diálogo sobre a própria vida, o ADP oferece aulas sobre oratória e sessões informais de música *rap* organizadas em torno de um tópico de interesse — a música dublada fala aos jovens ou os distrai? — nas quais podem começar a construir a auto-estima ouvindo o som da própria voz na presença de adultos que estão ouvindo.

O diálogo realiza-se então na aula da autoconscientização. O conteúdo do curso foi preparado por Pantin. Ainda ensina uma sessão em cada semestre no *Beetham Life Centre*, pelo qual passaram mais de 2 000 adolescentes e quase todos os instrutores da Servol. O diálogo tem início com a pergunta: quem é você? A resposta, naturalmente, deve ser pessoal e encontrá-la é empreender uma busca que, se aceita, se torna um ritual de passagem.

Fala-se muito da necessidade de “amor severo” na educação dos filhos. Freqüentemente isso significa impor castigo físico e emocionalmente degradante para o bem de alguém e transmite a mensagem confusa, especialmente quando a arrogância cultural aparece de permeio, de que o desvelo e a violência estão interligados. No caso dos jovens que infringiram a lei, o apelo ao amor severo deu origem nos Estados Unidos, por exemplo, a campos militares quase penais na esperança mal orientada de que os valores de família e comunidade podem ser infundidos num exército de recrutas.

A Servol também usa o termo “amor severo”, mas temperado com o *ahimsa* (princípio da não-lesão) do diálogo. Se você tiver coragem moral, diz a Servol ao adolescente, para procurar saber quem é e o que fez de você o que você é, estaremos ao seu lado na jornada. Se você decidir não tentar e nós lhe dermos toda oportunidade razoável para reconsiderar a sua decisão, então você terá que sair.

Nas primeiras oito semanas do curso de autoconscientização, os adolescentes recebem vários conceitos psicológicos que podem usar como bússola e sextante para encontrar o seu caminho. Tomam conhecimento da repressão, especialmente da raiva, que não desaparece mas ferventa no inconsciente. Aprendem como os sentimentos podem ser deslocados, projetados em outros e representados. Entram em contato com complexos que se formam quando o condicionamento é constante, como alguém se pode tornar sonâmbulo, incapaz de evitar a repetição de certas situações. Aprendemos nomes de cada um desses fenômenos não lendo um texto ou vendo um vídeo nem ouvindo uma palestra, mas por meio de discussões orientadas para as quais trazem as suas lembranças e os instrutores as deles.

Assim, uma moça de 17 anos, de cabelo escovinha, que se queixa da raiva sentida quando o seu pai bebia e ameaçava o namorado dela com um cutelo, de repente pára no meio da história. Em voz suave, lembra-se como o pai costumava espancá-la e como, um dia, quando ela tinha três anos, deixou cair a mamadeira no chão enquanto brincava com um primo no quintal. O seu pai, que olhava da varanda, “a chamou gritando” e ela ficou tão amendrontada que engatinhou para debaixo da casa gritando. Quando ele levantou a correia para bater nela, ela silenciou e jurou nunca mais emitir um único som. “Quando os amigos vinham a minha casa, eu nada dizia”, insiste ela, sacudindo veementemente a cabeça de um lado para outro. “E quando eu estava na idade de ir para a escola, os professores certamente achavam que eu era burra e que não sabia falar.”

Isso é interessante, dirá Pantin. Essa raiva é passivo-agressiva. Ele explicará que há formas de usar a raiva construtivamente, como um mecânico numa oficina que libera a sua frustração consertando a lataria. É possível

tratar desses sentimentos, diz ele, mantendo-os sob controle até poder desabafá-los em algo inanimado. Porém, adverte ele, os impulsos fortes são enganosos e devemos sempre indagar de onde eles vêm e para onde podem levar.

Em que grupo, perguntará ele, se pode deixar controlar por sentimentos? “Os bebês”, respondem todos. Baseado nas perspectivas da psicanalista Alice Miller (1990), ele explica que o tipo mais perigoso de repressão ocorre em crianças com menos de três anos de idade, em virtude da forma pela qual o cérebro humano desenvolve memórias indistintas dessa época que estão fora da recuperação direta. Os efeitos são mais venenosos quando a criança está condicionada, por meio da disciplina física, a alterar o comportamento, disciplinada novamente a qualquer sinal de ressentimento e ainda outra vez até que ratifique o castigo. Tal raiva torna-se flutuante até explodir um dia sob a forma de um comportamento autodestrutivo ou destrutivo.

É importante ressaltar que a meta do ADP não é substituir um condicionamento negativo com outro positivo, criando assim um ser ideal para o adolescente imitar. Nem se procura incentivar a auto-estima por meio da hipnose em massa que gera euforia que provavelmente não resistirá ao encontro com o mundo. Pantin, comentando sobre as novidades terapêuticas que periodicamente passam pela comunidade de serviços sociais, de Los Angeles a Nairobi, observa ironicamente que “não há soluções rápidas para liberar o ser humano.” A meta, diz ele, é inspirar os adolescentes a encontrar os fundamentos de um ser autêntico, sobre o qual decidam construir uma vida produtiva e expressiva. Não é de surpreender que isto não se consiga em 14 semanas; é assombroso como os “expedicionários” navegam em meio às suas dores para enfrentar a tarefa e até onde tantos velejam em tão curto tempo.

**S**e a primeira metade do ADP é dedicada a ajudar adolescentes a compreender como se tornaram o que são graças à forma como foram educados, a segunda metade permite-lhes descobrir como não repetir os erros ao formarem a própria família. Um dos problemas é penetrar na estática da guerra entre os sexos que ocorre no Leste Caribenho. À medida que pais e mães se separam

e as famílias se dissolvem em Trinidad e Tobago e noutras partes, os jovens preenchem a lacuna unindo-se em grupos e gangues. A Servol está procurando negociar uma trégua iniciando um diálogo entre rapazes e moças, de forma que, como homens e mulheres, possam construir sólidos relacionamentos que desenvolvem os filhos.

Está em fase de teste no *Beetham Centre* uma nova peculiaridade para canalizar essa energia. Chama-se Orientação entre Colegas com duas sessões de uma hora por semana. A idéia foi desenvolvida por Gerard D'Abreu, coordenador nacional do ADP, que dirige o curso em conjunto com a orientadora do *Beetham*.

Um momento crítico na metade do curso ocorre durante a sessão que trata do estupro. A discussão é dirigida por uma orientadora educacional. Ela e D'Abreu sabem que o assunto toca um nervo exposto e que alguém tem de falar pelas moças, criando um espaço que elas possam começar a preencher com as próprias opiniões. Isto é vital, porque os rapazes devem aprender a considerar as moças não como sacos de bater para desabafar a raiva nem como bonecas robôs usadas para o próprio prazer, mas como seres humanos com rosto, voz e sentimentos individuais. D'Abreu permanece no fundo, vendo como os estudantes reagem e ocasionalmente fazendo uma pergunta se a classe se desviar do rumo.

O diálogo apaixonado que se segue passa incessantemente do geral e impessoal para o específico e altamente pessoal. Apresenta-se para os alunos resolver uma série de situações hipotéticas — que penetram uma na outra, como entrelaçadas num ninho. A moça que está usando roupas sumárias e andando sozinha pedindo para ser estuprada? A maioria dos rapazes, cheios de bravatas, concordam com essa sugestão, ao passo que as moças mantêm um silêncio rígido. Mas se a moça assaltada for a sua irmã? Bom, há exceções. Mas se ela for a prima do seu melhor amigo, com a qual ele foi criado na ilha e a quem você ainda não foi apresentado? Uma onda de dúvida amplia-se, sugerindo que o estupro prejudica não somente a estranha que é assaltada, mas um círculo cada vez maior envolvendo a sua família, amigos e conhecidos, chegando até mesmo inesperadamente a atingir cada um.

A seguir, a orientadora pergunta se alguém da classe conhece uma pessoa que foi estuprada. Depois de algumas

mãos se levantarem — um rapaz do Leste da Índia aqui, um moça afrochinesa ali — a classe ficará sabendo que os assaltos sexuais não se limitam a uma classe ou grupo étnico e que a metade das mulheres estupradas em Trinidad nunca comunicaram este fato porque se envergonham pensando que ninguém acreditaria nelas. Isto não parece estranho, considerando que cada uma delas é prima, irmã ou filha de alguém?

O que acontecerá a essa mulher — perguntará a orientadora — se o estupro resultar em gravidez? Ela deve levar a gravidez até o fim? Geralmente são as moças que respondem. Uma dirá desafiadoramente que não, assinando o ódio que a mãe sentirá contra o pai cada vez que tocar no bebê, que crescerá como uma bomba relógio que um dia explodirá na face da pessoa errada. Outras dirão que sim, porque o bebê também é parte da mãe. As paixões exaltadas não levam a nenhuma solução rápida, exceto talvez à compreensão desconfortante de que nenhuma das respostas propostas se aplica a todos e de que, seja qual for a decisão tomada, a pessoa que a toma tem de viver com as conseqüências e com a dor que continua a magoar.

E como tantos adolescentes do ADP provêm de famílias sobrecarregadas de dor, uma pergunta implícita sobressai. O que aconteceu entre *meu pai e minha mãe* para tornar a minha vida um campo de combate?

A orientadora chegará a esta pergunta fazendo outra, mais pessoal sobre como eles, como rapazes e moças, se relacionam entre si. Muitos deles são sexualmente ativos ou o serão em breve. De acordo com o Centro de Opções Populacionais (1990, 1994), a idade média da primeira relação sexual de adolescentes latino-americanos e caribenhos ocorre aos 15 anos para os rapazes e aos 17 para as moças — cifras também comparáveis para a América do Norte. Em que ponto, perguntará a orientadora, o fato de uma moça beijar um rapaz e ser por ele tocada lhe tira o direito de dizer não?

A solidariedade resultante da discussão sobre o fato de as crianças, com demasiada freqüência, terem origem na dor desaparece sob a debilitante possibilidade de que, inerente à ambigüidade de brincar e cortejar, há uma questão de poder. Ao dizer simplesmente não em meio do processo, uma moça poderá assumir o controle de uma relação?

Alguém invariavelmente se lembrará do mito de que um rapaz, se as coisas tiverem ido longe demais, não poderá parar sem prejudicar-se fisicamente. Mas as questões profundas de diferença de sexo e identidade pessoal não tardarão a vir à tona. As moças que descobriram a própria voz insistirão em que raramente os rapazes querem uma pessoa o suficiente para ouvir o que uma moça tem a dizer sobre qualquer assunto. Os rapazes responderão que as moças sexualmente ativas não querem sentir complexo de culpa e por isso falam de amor. Ao terminar a aula, a orientadora faz a última pergunta: qual é o problema de parar para perguntar por que *a sua* namorada está dizendo não?

O que não se fala é que a aula repercutirá diversos dias. A orientadora e D'Abreau compararão as observações para ver se alguns estudantes revelaram algo perturbador que deva ser acompanhado em privado. E quando a sessão é especialmente dinâmica, a conversa entre estudantes transborda para os corredores e na viagem de volta para casa no máxi-taxi.

Sem dúvida, as perguntas da orientadora ressurgirão, de uma forma ou de outra, em todas as aulas que se seguirão. Afinal de contas, é a questão chave que os adolescentes enfrentam ao crescerem. Qual é o problema em perguntar a alguém que ama você o que quer significar ao dizer não? Por acaso amar e ser amado significa ser mutuamente vulnerável? Reconhecer isso significa aprender a ser responsável não somente pelas próprias ações mas também pelas dos outros.

**I**rma Phipps diz: "Percebemos como eles rapidamente formam relacionamentos rapaz-moça em questão de semanas, embora muitos conheçam outra pessoa há cinco ou seis anos." O que faz a diferença? "Finalmente", responde Phipps, "são capazes de compartilhar sentimentos sem temor de fraqueza ou ridículo".

Por volta da oitava semana, o curso de autoconscientização levou os adolescentes a perceber quantos dos próprios problemas e dos problemas dos seus pais têm origem na confusão a respeito da palavra "amor". Eles aprendem quatro palavras gregas para distinguir tipos de afeição: *storge*, o vínculo da família; *philia*, amizade; *eros*, sexualidade e *agape*, amor espiritual. Os seres

humanos usam todas as formas para expressar plenamente a sua humanidade e pode surgir no subconsciente uma espécie de buraco escuro quando falta um tipo essencial para a etapa de desenvolvimento. Portanto, uma criança privada do *storge* poderá crescer procurando-o mais tarde na vida no *eros* ou *philia*, fazendo exigências incondicionais a que nem o amigo nem o companheiro podem atender. Os adolescentes que sentem esse vazio são encorajados a procurar os mentores da Servol, a família estendida, a igreja ou a comunidade.

Finalmente, os adolescentes aprendem que o amor humano é um sistema complexo de adaptação que se desenvolve por meio de um relacionamento com o mundo externo, de forma idêntica à arquitetura do cérebro humano discutida anteriormente. Esta perspectiva reverte a primeira premissa da classe. Compreender a si mesmo não significa apenas compreender o que os outros fizeram de você, mas é observar como a pessoa reage com relação aos outros. A primeira etapa do relacionamento é a dependência autocentralizada natural no recém-nascido e nas crianças de tenra idade. A penúltima etapa é o amor maduro que caracteriza a devoção que os pais dedicam aos filhos e apoio que se dão mutuamente. No meio está o amor adolescente, um *callaloo* que mistura os dois primeiros numa espécie de cozido. É a confusão violenta por que se passa entre apego cego aos pais que não foram escolhidos e a escolha, com outra pessoa, para tornar-se pai ou mãe responsável. Nesta jornada, somos todos crianças aprendendo a andar que só encontram o caminho tropeçando mil vezes. Como passos errôneos são inevitáveis, não se deve fazer juízo do amor adolescente.

Está aberto o caminho para um curso formal em criação de filhos que focaliza não a avaliação do caráter mas o esclarecimento das escolhas ajudando os adolescentes a ponderar as possíveis conseqüências do comportamento. Marilyn Stollmeyer, parteira e enfermeira que preparou o material principal do curso, assim se expressa: "começamos com o corpo deles, mostrando-lhes como funciona para esclarecer mitos sobre menstruação, sexo, doenças venéreas e AIDS e gravidez. Algumas moças, por exemplo, crêem estar seguras se a relação sexual for em pé. Pedimos aos estudantes que tragam meios de controle da natalidade, se os tiverem usando,

para explicar à classe como são usados e indicar se estão fazendo certo ou errado.”

“A seguir”, continua ela, “mostramos um filme sobre o processo do nascimento como tal, para estarem cientes do que acontece com a mulher, não somente durante o parto mas também depois. Falamos sobre o papel do pai, o que acontece quando um homem não sustenta a mulher. E, naturalmente, os estudantes falam sobre o próprio pai noutras partes do ADP, a distinção entre o homem que o gerou — que muitos desconhecem — e o homem ou homens que ajudaram a criá-lo. Perguntamos qual é a melhor medida de bravura e hombridade: a pessoa que fica ou aquele que some?”

O curso trata então do desenvolvimento da criança. Isto produz uma diferença impressionante entre as moças. Muitas dizem não gostar de crianças; foram obrigadas a cuidar de parentes menores e se ressentem da injustiça de serem obrigadas a ficar atrasadas na escola ou separadas dos amigos. Outras, especialmente as que foram privadas do *score*, anseiam por um filho, quer possam sustentá-lo ou não, sonhando com alguém que seja seu, a quem possam amar e por quem sejam amadas. Uma professora da primeira infância entra em cena para furar o balão que leva a tantas gravidezes precoces.

Ela explicará que os bebês não são bonecas, que dormem somente algumas horas de cada vez e que o choro não é sinal de egoísmo ou malícia, mas da necessidade que deve ser atendida para que a criança cresça forte. Será distribuído material e haverá discussões sobre a importância da terapia de reidratação oral para tratar das diarreias infantis e importância da amamentação para criar as imunidades no bebê e evitar a gastrite, a principal causa da morte de recém-nascidos nos países tropicais.

Um dia os adolescentes são levados à pré-escola da Servol para ficar com as crianças e presenciar as lições que aprenderam sobre as etapas do desenvolvimento infantil adquirir vida diante dos seus olhos. Nos centros maiores haverá também creche e algumas das crianças que os estudantes pegam nos braços são filhos de colegas ou do pessoal do centro. Se for Beetham, poderá ser Irma Phipps, que acaba de amamentar a sua filha, que entrega a criança ao adolescente. Por um momento, passa um deslumbre do *agape* à medida que adquire vida a praça da

vila em que as crianças pertencem a todos.

O ADP termina com a cerimônia de formatura, na qual cada adolescente fica de pé e faz um pequeno discurso. Entre os ouvintes há pais, parentes, amigos, membros da comunidade, talvez até mesmo um ou dois funcionários do governo e, naturalmente, o pessoal da Servol. Ouvindo como descobriram que a vida se abria para eles, como um pai foi convencido a entrar para os Alcoólicos Anônimos, como um menino que mal podia ler há três meses atrás está agora escrevendo poesia, como uma moça temerosa de que iria espancar o seu bebê como ela foi espancada planeja agora tornar-se professora pré-escolar, não se pode deixar de sentir uma emoção e um certo temor. O que acontecerá quando essas esperanças se chocarem contra o mundo real?

Mas, naturalmente, esses jovens não são ingênuos; eles vêm das ruas de um mundo demasiadamente real. E se Gerry Pantin estiver entre os ouvintes — ele sempre assiste a formatura de um dos 40 centros de adolescentes da Servol — estará sorrindo. Ele sabe que, para esses jovens, a vida está apenas começando. Mais de 25 000 adolescentes passaram pelo ADP e daí procederam a adquirir uma ou outra aptidão, trabalharam como aprendizes, obtiveram certificados nacionais e conseguiram emprego para sustentar a si mesmos e, um dia, uma família. Muitas das mães solteiras encontraram meios de vida que lhes conferem, pela primeira vez, uma certa independência financeira e emocional. E depois que os formandos encontrarem a própria vocação, muitos voltarão periodicamente para visitar o que se tornou a sua família.

Se Pantin se voltar para olhar a multidão, verá um bom número de membros do quadro de pessoal que, em época não muito distante, estavam em pé no palco muito parecido a estes, dizendo palavras não muito diferentes. Talvez ele se lembre de uma passagem de Wordsworth, poeta que costuma citar, para o qual “a Criança é o pai do Homem”. No léxico popular, as palavras esvaíram-se num grupo de clichês semelhantes, segundo os quais uma criança malcriada cresce estragada, enquanto a criança cuidada mas não conduzida cresce conhecendo o seu lugar na sociedade. Naturalmente, o poeta referia-se a algo

completamente diferente. Wordsworth, o homem, lembrava a si mesmo que estaria vivo enquanto visse um arco-íris com a mesma alegria espontânea e incredulidade que sentia como criança.

Vendo o que a Servol adulta se tornou, Pantin deve sentir a alegria silenciosa que os pais sentem ao se encontrarem, frente à frente, com a criança crescida ocupada em criar o próprio filho. A Servol está hoje preparando educadores em todo o Leste Caribenho e na

Guiana e trabalha estreitamente com as escolas públicas do segundo grau em Trinidad e Tobago para ajudar a torná-las mais hospitaleiras para os jovens que devem sentar ali e ouvir com atenção. Esta tarefa é realizada com discrição. Num momento de escuridão, é uma transparência, iluminada de dentro como uma lanterna japonesa na qual foi pintada uma cena de aldeia e a qual um número cada vez maior de jovens levantam para a sociedade ao seu redor pedindo passagem.

RON WEBER é redator de Desenvolvimento de Base. Este artigo foi adaptado do livro em preparação *Call to Servol: the Social Philosophy of Gerard Pantin*.

## REFERÊNCIAS

- Carnegie Task Force on Meeting the Needs of Young Children. 1994. *Starting Points: Meeting the Needs of Our Youngest Children*. New York: Carnegie Corporation of New York.
- Center for Population Options. 1990. *Teenage Pregnancy and Sexually Transmitted Diseases in Latin America. Fact Sheet*. Washington, D.C.: Center for Population Options.
- . 1994. *The World's Youth 1994: A Special Focus on Reproductive Health*. Washington, D.C.: Center for Population Options.
- Erikson, Erik. 1969. *Ghandhi's Truth: On the Origins of Militant Nonviolence*. New York: W. W. Norton & Company, Inc.
- Freire, Paulo. 1970. *Pedagogy of the Oppressed*. New York: Herder and Herder.
- Miller, Alice. 1990. *For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence*. New York: Noonday Press.
- Pantin, Gerard. 1983. *A Mole Cricket Called Servol: The Early Years of Education and Community Development Project in the West Indies*. Ypsilanti, Michigan: The High/Scope Press.
- . 1984. *The Servol Village: A Caribbean Experience in Education and Community*. Ypsilanti, Michigan: The High/Scope Press.
- Schorr, Lisbeth. 1989. *Within Our Reach: Breaking the Cycle of Disadvantage*. New York: Anchor Books.
- United Nations Children's Fund. 1994. *The State of the World's Children 1994*. New York: Oxford University Press.
- Walcott, Derek. 1986. "Laventille" em *Collected Poems, 1948-1968*. New York: Farrar, Straus & Giroux.
- Weber, Ron. 1990. "Subindo a Escada de Jacó: Desenvolvimento Comunitário em Trinidad e Tobago" em *Desenvolvimento de Base*, Vol. 14, N° 1.

*A juventude urbana poderá assumir o futuro se tiver perdido o passado?*

# A FORMA DO PORVIR

O CEMSE E A REINVENÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA BOLIVIANA

**Kevin Healy**

**D**urante anos, os presidentes da Bolívia têm levantado as mãos em desespero perante a condição das escolas do país, perguntando se haveria algo que se pudesse fazer para levar o sistema educacional ao Século XX. Nesse ínterim, a menos de três quarteirões do palácio presidencial, uma grande parte da resposta já assumiu forma, graças aos esforços de um educador visionário, ao pessoal talentoso que contratou e aos jovens de La Paz a quem ele tem inspirado.

A instalação por eles construída é um ímã que atrai estudantes de todo o centro da cidade e dos bairros vizinhos de El Alto. Seis dias por semana entram e saem do *Centro de Multiservicios Educativos* (CEMSE), um edifício moderno de seis andares oculto entre uma igreja do Século XIX e uma casa de adobo caiada com telhado vermelho. Durante todas as horas do dia os corredores e salas de aula do CEMSE pulsam com a energia dos jovens. Numa sala do último andar, estudantes do nível médio segurando cadernos inclinam-se para frente atentamente, “desconstruindo” propagandas de um vídeo de um jogo da Copa do Mundo. No corredor, um menino sério de 11 anos cativa um círculo de colegas, usando um indicador e uma colagem para explicar os perigos do cólera. No andar de baixo, trajando jeans e camisa de malha, adolescentes de pele bronzeada com nomes como Condori e Chambi, balançam os ombros de um lado para o outro enquanto sopram vigorosamente flautas andinas. Em pé, embaixo de um mural no qual está pintado um sorriso sem corpo de enormes dentes brancos com batom vermelho, duas meninas de 16 anos de olhos castanhos-claros redondos

levantam questões sobre sexo e amor a um auditório repleto de estudantes do segundo grau. As outras salas estão cheias de alunos envoltos em experiências de química, fazendo verificações de física e debruçando-se sobre manuais nas mesas abarrotadas da biblioteca.

Há sete anos atrás, um tal alvoroço seria inconcebível em La Paz. Naquela época, os pais tiravam os filhos da escola para trabalhar nas ruas, vendendo creme dental e canetas esferográficas. Os felizardos caminhavam para a escola com o estômago vazio e com a lancheira quase vazia para enfrentar professores também afligidos pelos tempos difíceis. As famílias vendiam móveis e roupas — qualquer coisa que pusesse comida na mesa. Menores abandonados, em número cada vez maior, terminam aglomerados em barracos de um único cômodo. Algumas escolas fecharam, enquanto outras estavam tão depauperadas que os pais tinham até mesmo de fornecer giz para o quadro-negro. As famílias que emigraram das aldeias rurais, sonhando com um futuro melhor para os filhos, despertaram num pesadelo.

Felizmente, um homem bastante notável, que passara grande parte da sua vida superando longos contratemplos, teve uma idéia como as coisas poderiam melhorar. Olhando da janela do Colégio São Calixto, a luxuosa escola secundária onde ensinaram muitos dos seus colegas, Antônio Sagristá viu algo familiar no bairro pobre que o cercava e imaginou uma nova espécie de um centro da juventude sendo erigido ao lado para aliviar as dificuldades.

## UMA VISÃO DO PORVENIR

Sagrístá é padre jesuíta, proveniente da Catalunha. As sementes do seu incansável idealismo foram plantadas quando criança durante a República e sobreviveram a devastação de Barcelona durante a Guerra Civil Espanhola. A sua idéia de um centro educacional polivalente em La Paz provém de iniciativas por ele empreendidas com imigrantes hispânicos nos bairros de Yonkers, em New York no fim da década de 60, quando estabeleceu a Fundação de Serviço da Comunidade Hispânica. Essa fundação utilizava orientadores bilíngües e programas de treinamento para ajudar os residentes recém-chegados a superar as barreiras de moradia, emprego, crédito e serviços de saúde, posteriormente lançando hispânicos em cargos de liderança no conselho educacional local e levando à formação de uma vibrante comissão de direitos humanos. A convicção de Sagrístá de que as populações de baixa renda enfrentam múltiplas demandas inter-relacionadas permitiram à fundação prestar serviços abrangentes sob um único teto ao custo mínimo possível. A perspectiva de que as “economias de escala” podem ser aplicadas, de formas inovadoras, para fins sociais tornou-se o seu lema constante.

Calvo, vigoroso, olhar intenso, Sagrístá é homem de gostos simples, porte desprezioso e firmes convicções. Embora tenha doutorado em econometria pela Universidade Cornell, é mais um padre operário do que um acadêmico cosmopolitano. Esteve na Universidade Sofia, no Japão, desenhando um dos primeiros modelos de computação da economia desse país, mas o seu anseio pelo trabalho social e comunitário levou-o mais tarde aos bairros do país mais pobre da América do Sul.

Na época em que chegou a San Calixto, Sagrístá já tinha impresso sua marca na Bolívia. Ao começar uma empresa de exportação pequena e inovadora, dirigida por amputados, que fabricava membros humanos artificiais a preços ao alcance das pessoas de baixa renda, já tinha demonstrado a sua capacidade de descobrir recursos em situações impossíveis. Agora, a tensão no interior da Ordem dos Jesuítas a respeito de valores sociais incitava uma nova busca. Ele e seus colegas preocupavam-se cada vez mais com o fato de que muitos dos melhores

professores, administradores e profissionais eram desviados para educar jovens das classes alta e média dos melhores bairros de La Paz. Este padrão reforçava em vez de deter as iniquidades educacionais de uma cidade cuja escola privada mais rica tem um orçamento superior ao de todo o sistema da escola pública.

\*Para ver tal disparidade, Sagrístá precisava apenas comparar duas escolas da vizinhança. O Colégio San Calixto utilizava a mansão colonial de um ex-presidente. Os alunos seguiam os passos dos pais que eram advogados, médicos, dentistas, engenheiros e líderes políticos. Os seus corredores ladrilhados, pátios elegantes, salas de aula bem mobiliadas, biblioteca gigantesca e laboratórios científicos de vanguarda convidavam a uma séria aprendizagem. Os professores recebiam um salário quatro vezes mais alto do que os professores do setor público e concentravam-se em desenvolver nos estudantes capacidades analíticas em vez de impor um ensino mecânico.

O Colégio Reyes, ao contrário, era uma escola pública típica, uma caixa maciça de cimento armado que se projeta através de camadas de tinta branca já descascando. Seus estudantes, cuja cor da pele e dos cabelos tinha um tom bem mais escuro do que os de San Calixto, provinham de famílias de vendedores ambulantes, funcionários públicos de baixo nível, motoristas de táxi e trabalhadores de construção não-qualificados. Era mais fácil encontrar aqui um disco voador do que uma prateleira de livros, televisão para vídeos educativos ou até mesmo tubo de ensaio para misturar produtos químicos. Os estudantes tinham de enfrentar problemas emocionais sem a ajuda de psicólogos e planejar a própria carreira sem orientadores educacionais. Os professores, cujo salário era de aproximadamente US\$70 por mês, estavam mais interessados em trabalho extraordinário do que em melhorar as aulas.

Sagrístá contemplava a idéia de uma instalação para cobrir o hiato crescente entre a educação pública e privada e estava certo de que a alta densidade das escolas públicas do bairro tornavam a idéia economicamente viável. Criaria um reduto para atender a 17 000 crianças de 43 escolas da vizinhança. Essa instalação ofereceria à Bolívia oportunidades fora do comum: instrução particular corretiva; uso de laboratórios científicos e computadores; biblioteca para cultivar os prazeres da leitura; cursos

práticos de música e dança; clínicas para exame médico; refeitório para servir alimentos nutritivos; e métodos de ensino destinados a desenvolver capacidades sociais e analíticas para construir uma sociedade melhor.

Sagrístá observou um fator adicional que reforçou o impulso em busca da máxima eficiência. “O número elevado de estudantes na escola em turnos de meio período”, diz ele hoje, “garantia que os laboratórios de computação e de ciências não ficassem lotados em algumas horas da tarde e vazios no restante do dia. Pudemos reduzir a despesa por aluno e disseminar os benefícios da educação por todo o distrito escolar. Parecia um modelo de poupança de custo para os governos do Terceiro Mundo e talvez até mesmo para certos governos municipais do Primeiro Mundo com recursos limitados para atender às crescentes necessidades educacionais.”

Sagrístá tinha uma convicção inabalável de que a juventude boliviana era tão capaz e tão motivada como qualquer outra. Estava convencido, de fato, de que a abertura da porta às “instalações da escola de fim do Século XX aumentaria o orgulho e a auto-estima dos estudantes, possibilitando o uso do progresso científico para avançar em vez de retroceder.” No entanto, deve também ter percebido, como catalão criado na Espanha cujo idioma “oficial” era diferente da sua língua materna, que os bolivianos não precisavam ser refeitos à imagem do Ocidente para se modernizarem. De fato, os recursos modernos e a tecnologia eram necessários para progredir social, econômica e politicamente como país, mas se não estivesse adaptado aos valores culturais próprios da Bolívia, o edifício se assentaria sobre alicerces fracos.

Construir uma base sólida não seria fácil, como logo se evidenciou. Sagrístá esperava cortar despesas persuadindo os ex-alunos do Colégio San Calixto, muitos dos quais eram médicos, advogados e dentistas, a contribuir com tempo e especialização. “Cada profissional precisava apenas voluntariar algumas horas por semana para oferecermos serviços abrangentes aos estudantes e pais necessitados que esperávamos atingir”, explicou ele. “Era uma forma que relativamente exigia pouco das pessoas privilegiadas para canalizar o conhecimento e os serviços às pessoas de baixa renda, bem como criar maior igualdade de oportunidades sociais.”

Para o seu desapontamento, Sagrístá descobriu que os ex-alunos, apesar da educação jesuíta, estavam principalmente interessados em conseguir para os estudantes de San Calixto uma entrada particular pela porta dos fundos ao novo centro. “A idéia dessa porta enviou mensagens errôneas”, insiste hoje Sagrístá. “Teria dado aos meninos das classes média e alta desta escola exclusiva uma chave particular à série de serviços do CEMSE, elevando-os acima de qualquer pessoa que chegasse pela entrada principal. Eu sabia que o CEMSE não funcionaria a não ser que os professores e alunos da escola pública sentissem que era deles, de forma que tive de defender com firmeza o plano original. Já vi muitos projetos de desenvolvimento fracassarem em consequência de membros influentes da comunidade que ‘mexiam os pauzinhos’”.

Para formular a proposta do projeto do CEMSE, Sagrístá pesquisou os alunos que freqüentavam a escola pública do bairro. Descobriu que vinham ao distrito de outros bairros cujas escolas estavam em pior situação e em necessidades mais do que educacionais. Os problemas de saúde eram generalizados e o nível de apoio familiar às crianças era cada vez mais instável. Convencido por essas conclusões da necessidade de serviços abrangentes, os Jesuítas concordaram em fechar várias paróquias na cidade para liberar pessoal para a experiência educacional. Em breve Sagrístá estava indo à Inglaterra, Espanha, Holanda, Alemanha Ocidental e Estados Unidos em busca de fundos para lançar o CEMSE. Embora com o tempo tivesse convencido um punhado de doadores a apoiarem o plano, a Fundação Interamericana financiou 60% do custo da construção do centro.

Tomei conhecimento de Sagrístá, pela primeira vez, em relação a um estudo de comercialização agrícola nos altiplanos rurais. As pessoas a quem eu respeitava deliravam com o “economista inteligente e trabalhador”, cuja análise sofisticada tornara o relatório final deles tão convincente. Eu também sabia do seu interesse pessoal nas pessoas portadoras de deficiência. Nós nos conhecemos quando ele se dirigiu à Fundação Interamericana em nome do CEMSE.

Fiquei impressionado com a sua paixão por reduzir as desigualdades educacionais e com a sua mente científica,

que funcionava com precisão de relógio. No entanto, a decisão de financiar parecia menos evidente em Washington, D.C., onde as reuniões de revisão do pessoal não conseguiram chegar a um consenso. A Fundação não sabia ao certo o que pensar a respeito do CEMSE, uma vez que não se enquadrava no tipo de projetos de educação formal, implementado por organizações não-governamentais (ONG), que queriam ter preferência no recebimento de recursos. Não era responsabilidade do Estado reformar o sistema de ensino formal e o que a construção de uma instalação tão grande tinha a ver com a mudança social de base?

Posteriormente, Sagristá foi à sede da Fundação Interamericana, às custas dos Jesuítas, para defender a sua proposta face à face com o pessoal cético. É muito inusitado um beneficiário potencial ser lançado no ringue para discutir uma proposta com uma comissão de revisão. No entanto, Sagristá manteve-se firme e a comissão mais tarde aprovou o montante de US\$198 000 para construir e equipar o centro.

O edifício foi inaugurado em 1986, em momento crítico para a economia nacional. Três anos de hiperinflação — que atingiu 20 000% — tinha levado a políticas de ajustamento estrutural que produzira uma severa contração econômica. A renda dos moradores dos bairros pobres caiu dramaticamente e continuava a cair; dezenas de milhares de mineiros e trabalhadores de fábricas perderam o emprego; e as calçadas de La Paz estavam mais do que nunca aglomeradas com mulheres indígenas vendendo penduricalhos. Sagristá, porém, encontrou palavras de esperança para oferecer no dia de inauguração do CEMSE.

“Nesta época de contrariedades e frustração”, disse ele, “é difícil para nós, na Bolívia, imaginar trabalhos de peso e importância. No entanto, este trabalho é pioneiro e ambicioso na sua convicção de que os recursos físicos e humanos podem ser mobilizados agora mesmo para elevar os níveis da saúde básica e da educação. Mostrará que essas duas necessidades estão inextricavelmente ligadas de formas não imaginadas pelas instituições existentes. É um trabalho capaz de desarmar os cínicos e deixar os fatalistas cismando.”

No dia em que o CEMSE realmente abriu as portas,

ouviu-se Sagristá dizer aos colegas: “o que acontecerá se ninguém vier à festa depois de termos posto a mesa?”

A observação perspicaz não estava muito longe da realidade. Um funcionário do CEMSE recorda-se como “o bairro estava coberto de panfletos anunciando o programa, mas durante meses o centro ficou vazio, com apenas um professor “testando as águas”. Francamente, a gente se olhava uns aos outros, para as paredes, e para o chão, perguntando se tínhamos um elefante branco nas mãos. Finalmente, alguns estudantes foram atraídos por aulas de apresentação de marionetes, pintura e música.”

O que esses visitantes curiosos viram abriu-lhes o apetite para ter mais. Boris Mamani, na época na terceira série do segundo grau, assim explicou a atração: “este lugar era diferente de tudo o que a gente conhecia”. Não havia grades, chamada, professores empertigados vigiando como se tivessem uma vara na mão. Os estudantes tinham liberdade de seguir a curiosidade até exauri-la. Assim conclui Boris: “aqui, discutindo assuntos que ninguém jamais tinha pensado em levantar na escola, eu senti, pela primeira vez na minha vida, que os adultos davam valor às minhas opiniões e idéias.”

O fio de estudantes tornou-se uma enchente. A procura de serviços aumentou rapidamente para mais de 25 programas educacionais e sociais diferentes e atraiu milhares de usuários regulares às salas de aula e outras instalações do CEMSE. A fim de atender à demanda, o apoio dos doadores internacionais levou o orçamento anual do CEMSE a passar de US\$20 000 para US\$230 000, enquanto o quadro de pessoal quase quadruplicou, elevando-se a 44 funcionários, oito dos quais pagos pelo Governo boliviano. O número de usuários continuou a aumentar, até um dia atingir 64% dos estudantes da área.

Em 1988, os Jesuítas decidiram substituir Sagristá por Jorge Trías, também espanhol e ex-diretor da Ordem na Bolívia. O crescimento institucional e a complexidade espantosos do CEMSE requeriam um administrador capaz e o afável e enérgico Trías, cuja presença imponente e cabelos brancos ondulantes lhe davam a aparência de um distinto parlamentar, era adequado para o trabalho. Ele dominou a tarefa às vezes onerosa de angariar fundos. Sob a sua direção, o orçamento anual atingiu US\$300 000, apoiando 37 programas e um quadro de

peçoal de 55 funcionários, incluindo 25 profissionais em psicologia, trabalho social, finanças, educação, medicina e odontologia. Conseguiu também mobilizar com sucesso fontes locais para custear 20% das despesas do CEMSE.

Hoje, o CEMSE é um reduto impressionante de serviços educacionais para estudantes, professores e pais que Sagristá contemplou há uma década e, como ele reconhece nas suas visitas regulares, algo mais além. Diariamente 700 estudantes caminham das escolas próximas para tirar proveito de programas de orientação profissional, legal, psicológica e de saúde para realizar projetos nos laboratórios de ciências e nos centros audiovisuais e de computação, bem como para encontrar um lugar tranqüilo para estudar. Cerca de 8 000 pessoas são usuários regulares, passando várias horas, dois dias por semana, num programa ou em mais de um. Os professores também levam os alunos ao CEMSE para exercícios em grupo e vêm eles mesmos para receber instrução especializada a fim de aprimorar as técnicas de ensino, planejar aulas e elevar o nível da própria escola.

Para compreender a dinâmica do CEMSE, o que foi realizado, é útil passear por seus corredores e explorar sozinho alguns dos seus serviços.

## O QUE É UMA BIBLIOTECA?

Quando Sagristá me explicou pela primeira vez a proposta do projeto, abriu uma página da pesquisa social anexa que eu não esperava. Apontou para as cifras e disse: “Você sabe, em termos práticos, que as escolas públicas desta área estão procurando ensinar sem livros. De acordo com as nossas descobertas, somente oito escolas do segundo grau têm mais de 20 livros nas coleções. Um diretor, que afirmava ter uma biblioteca, me puxou de lado para mostrar os dois livros que mantinha trancados sob chave para ninguém roubar.” Secretárias apressadas também trabalhavam como bibliotecárias durante o intervalo e enfrentavam tarefas impossíveis, tais como tentar dividir um único manual entre 300 alunos de química. Naturalmente, sem enciclopédias, dicionários, atlas ou outros manuais de referência, Sagristá disse brincando, pelo menos as secretárias não tinham que se preocupar em estabelecer e manter fichários.

Ao abrir uma biblioteca moderna, que rapidamente foi aumentada para 5 000 volumes, quase do dia para a noite o CEMSE mudou essas condições deploráveis das 43 escolas da zona. Esta atividade foi dirigida por Costa Andrade, que recebeu rigoroso treinamento no trabalho sob a cuidadosa vigilância de um profissional da maior biblioteca de ciências sociais de La Paz. Andrade insistiu em que a sala de leitura da biblioteca fosse bem iluminada e que as vitrinas mostrassem um conjunto atraente de manuais e publicações periódicas atualizados.

A sala tem espaço para 50 pessoas e, uma vez colocados os catálogos e fichários, ela estabeleceu um programa de eventos culturais para atrair leitores, assegurando que as cadeiras estivessem sempre ocupadas. Havia discussões sobre poesia e contos, uma série de feiras do livro e exposições, bem como cursos sobre como usar a biblioteca e formação de grupos de estudo. A leitura de poesias por parte dos estudantes ajudou-os a superar a timidez de falar em público. Andrade também criou um método inovador de distribuição de livros, chamado *maleta viajante*, que possibilita a circulação de um conjunto de literatura infantil, manuais de ciências ou outros materiais suplementares de leitura entre as próprias escolas. A maleta traz os alunos à sala de leitura em busca de mais livros, permitindo levar livros para casa nos fins de semana, se necessário. Hoje a biblioteca orgulha-se de ter um número regular de 23 741 leitores, incluindo mais de 1 000 professores.

## CONTANDO COM COMPUTADORES

Em 1986, a era da computação estava engatinhando na Bolívia e os computadores eram considerados “artigos de luxo” além da maioria dos orçamentos de projetos da Fundação Interamericana. No entanto, Sagristá estava determinado a introduzi-los no sistema escolar. Dada a subseqüente deterioração econômica das escolas públicas da cidade, pode-se perguntar se o treinamento em computação teria chegado às escolas públicas se não fosse pelo CEMSE. E dado o que sabemos agora sobre o potencial dos computadores para reduzir a desigualdade na oportunidade educacional, a insistência de Sagristá parece profética.

O rosto de Sagristá ilumina-se ao recordar a insistência dos estudantes do primeiro e segundo graus em matricular-se nos cursos de computação. Em breve os 19 computadores trabalhavam sem parar. Cerca de 1 000 estudantes se matriculavam anualmente para cursos em Word Perfect e Lótus 1-2-3 e o laboratório é um dos poucos serviços do CEMSE que custeia as próprias despesas de manutenção e reparo. Até mesmo pais e professores vêm às aulas aos sábados, aproveitando as taxas de matrícula que figuram entre as mais baixas da cidade.

Conforme diz Sagristá, é para ele uma satisfação especial acompanhar a curva de aprendizagem dos 68 membros ativos do clube de computação, porque “se tornam mais do que simples digitadores ao aprenderem FORTRAN e outras linguagens nas quais podem pensar e programar por si mesmos.”

Propagou-se a idéia de que os computadores, como os livros, são a chave para um futuro em praticamente qualquer campo profissional.

## **TRANSFORMANDO EM REALIDADE AS CIÊNCIAS NATURAIS**

Ao preparar uma avaliação das necessidades do projeto, Sagristá visitou as escolas públicas do bairro e pediu para sentar nas aulas de ciências. Não podia acreditar que os estudantes estavam tentando aprender biologia e química simplesmente usando o quadro-negro e panfletos mimeografados. Desde o início do CEMSE, ele estava determinado a criar laboratórios de ciências com equipamento moderno, de modo que os estudantes pudessem sentir as coisas com os próprios olhos e mãos. No entanto, esses laboratórios em grande parte estavam parados.

Conforme diz Santiago Bolívar, educador espanhol que trabalhava para o CEMSE, “no primeiro ano nenhum professor veio usar nossos laboratórios de forma regular. Este número aumentou para 10 no segundo ano e pulou para 50 no terceiro. É preciso compreender que não somente os estudantes não estavam familiarizados com os laboratórios, mas a maioria dos professores não tinha melhor conhecimento dos mesmos, porque as escolas

normais da Bolívia também são muito deficientes em matéria de equipamento. Os professores sentiam-se intimidados por esse equipamento que luzia tanto, temerosos de que iria criar-lhes situações embaraçosas. Diante disso, decidimos estender os cursos de treinamento dos professores além do plano original.”

Nos anos subseqüentes, foram oferecidos cerca de 18 cursos de matérias como experiências de baixo custo em química, como usar microscópio e outros materiais, projetos de biologia em grupo e métodos para estudar ecossistemas. Em 1993, de acordo com Sagristá, as taxas de utilização dos laboratórios tinham atingido 75% da capacidade. E um grupo de instrutores sentiu-se tão revitalizado com a nova competência e sentido de missão que decidiu reorganizar as associações de professores de ciências do segundo grau, que há anos estava moribunda.

Os estudantes também vinham aos laboratórios por conta própria, depois de fazerem cursos de orientação e seminários práticos. Organizaram clubes de ciências no CEMSE e nas próprias escolas, que patrocinaram feiras de ciências para demonstrar os frutos do trabalho prático nos laboratórios. Uma feira recente atraiu 370 participantes, na qual os projetos das escolas públicas estiveram à altura da concorrência com as melhores escolas particulares do segundo grau da cidade. Os clubes de ciências patrocinaram viagens de campo e conferências, mostraram vídeos educativos e acompanharam os resultados de trabalhos de universidades e outras instituições de pesquisas da Bolívia. Recentemente, o CEMSE começou a enfatizar a conscientização em ecologia nas escolas locais, lançando os fundamentos para verdadeira discussão e debate sério sobre o destino das florestas tropicais da Bolívia e as fontes de poluição urbana.

## **EVIDENCIANDO OS FATOS DANDO-LHES VIDA**

Como 98% do orçamento do Ministério da Educação e Cultura para as escolas públicas destinam-se a pagar os salários dos professores, pouco resta para o material auxiliar de ensino. O CEMSE enfrentou o problema de duas formas. Primeiro, o seu centro audiovisual acumulou 480 vídeos sobre geografia, matemática e uma série de

outros temas que os professores da escola podem programar para serem vistos pelos estudantes no auditório do CEMSE. Os vídeos sobre educação sexual, explica um desses instrutores, têm sido especialmente importantes, “permitindo-nos desfazer tabus mantidos desde longa data que bloqueavam a discussão de gravidez de adolescentes e abuso sexual”. A crescente reputação do CEMSE como meio de discussão informada também tem atraído o interesse dos melhores diretores da Bolívia, que mostram o seu trabalho no centro e dão cursos. Formou-se uma nova perspectiva crítica entre os estudantes interessados, levando a seminários que analisam como as telenovelas, tão populares em La Paz, perpetuam estereótipos étnicos, sexuais e sociais.

Segundo, o CEMSE estabeleceu um centro de recursos educacionais, o *Centro de Recursos Educativos* (CRE), para preparar materiais de aula de baixo custo. Na opinião de Luís Sardines, diretor desse centro, a chave está em desafiar os professores a usar a imaginação. O quadro de seis funcionários do CRE demonstrou como adaptar jogos de família, como bingo e dominó, para ensinar matemática, e como caixas de papelão, caixas de leite, balões, canudos e outros materiais podem ser aproveitados do lixo e comprados por quase nada e transformados em brinquedos educacionais para as crianças em idade escolar. Fotos antigas são combinadas com recortes de jornais e revistas para produzir cartazes sobre higiene bucal ou a situação da floresta tropical.

No início, os professores locais estavam um tanto frios com relação a este fluxo de idéias. O CRE distribuiu pacotes de materiais que terminaram no fundo das gavetas das mesas. Uma das razões, diz Sardines, é que “as escolas normais da Bolívia enchem a cabeça dos alunos com abstrações nebulosas sobre pedagogia que pouco têm a ver com a dinâmica de educar verdadeiros estudantes.” E quando o professor chega à sala de aula, a inovação não é recompensada pelo sistema e então por que fazer onda e assumir novas responsabilidades?”

“Isso nos levou”, explica Sardines, “a ir às escolas, especialmente as de primeiro grau, e demonstrar como esses materiais podem tornar o ensino mais compensador tanto para o aluno como para o professor.” Este esforço de extensão destina-se a ensinar os professores a produzir

os próprios materiais e a semear a idéia de que a verdadeira educação é uma questão de participação ativa e não consumo passivo. A intenção é dupla: romper o ciclo de dependência, segundo o qual as idéias meritórias e a informação devem ser importadas, bem como possibilitar ao CRE maximizar os seus recursos limitados concentrando-se no treinamento e não na produção.

Agora várias escolas da zona preparam os próprios mapas em relevo, cartazes de parede e jogos educativos. O CRE está também repleto de pedidos de sessões de treinamento nas outras escolas e até mesmo em outras cidades que já ouviram falar sobre o programa. Recentemente, o pessoal do Escritório Nacional de Planejamento, encarregado do desenvolvimento de um plano global de reforma do ensino, solicitou informações sobre as operações do centro e, comenta Sardines ironicamente, “até mesmo o Instituto Geográfico Militar tomou conhecimento da nossa existência e recentemente nos pediu ajuda.”

## A MENTE ATIVA PRECISA DE CORPO SAUDÁVEL

A pesquisa original de Sagristá convenceu-o de que os serviços básicos de saúde tinham de ser melhorados para que os estudantes tirassem proveito das novas oportunidades educacionais. Segundo estimativas, somente 12% dos alunos da escola pública tinham boa saúde; 57% sofriam de deficiências nutritivas; 87% tinham sérios problemas dentais, em média 10 cáries por criança; e só oito de cada 1 000 tinham acesso aos serviços médicos. Para modificar essa situação, Sagristá contratou a Dra. Virginia Roncal, médica boliviana eloqüente que tinha trabalhado seis anos em alguns dos bairros mais pobres da cidade.

Roncal começou abrindo no CEMSE uma clínica médico-dentária e uma farmácia e estabelecendo programas de nutrição e educação sanitária. Embora as portas estivessem abertas a toda a comunidade, os alunos do primeiro grau tinham prioridade nos exames médicos anuais. De 1986 a 1991, o número de exames médicos quadruplicou, chegando mesmo a cobrir totalmente as 14 escolas de primeiro grau da zona e os seus 4 655 alunos.

Em contraste, em 1991 o Ministério da Saúde atingiu somente 2 287 alunos das 147 escolas públicas.

A clínica do CEMSE tornou-se um elemento da comunidade, proporcionando 13 373 consultas apenas no período de 1990 a 1991. Diariamente, as áreas de espera estão repletas de alunos uniformizados, sentados ao lado de mulheres indígenas de chapéu-coco e xale listado, que trouxeram os bebês para cuidados básicos da saúde e imunização. Roncal está especialmente satisfeita com o novo nível de cooperação dos professores. “Antigamente”, diz ela, “eles se sentiam incapazes de fazer qualquer coisa por uma criança doente. Agora mandam o aluno diretamente para nós. E não somente os doentes. Mandam outros para fazer trabalhos de pesquisa sobre saúde para a aula. Nas escolas há uma crescente conscientização a respeito da necessidade de cuidados preventivos.”

Os exames médicos anuais dos alunos também surgiram da pesquisa original de Sagristá, ressaltando a necessidade de corrigir deficiências óticas e melhorar os níveis de nutrição. Quase 35% dos alunos precisam de óculos e, no entanto, são uma raridade nas salas de aula. Num sistema que tem dependido quase exclusivamente do quadro-negro para transmitir informação, essas crianças estão em séria desvantagem. Desde o início, diz Roncal, ficam cada vez mais para trás.

Diagnosticar o problema não significa resolvê-lo. Custando US\$70, os óculos estão além do alcance das famílias. E o nível de necessidades é tão generalizado que uma personalidade do rádio e da televisão, que doava óculos para os indígenas que aparecessem no seu programa, se tornou tão popular que foi capaz de formar um partido próprio e concorrer para presidente. Naturalmente, não há lugares suficientes em tais programas até mesmo para as crianças da zona de San Calixto, de forma que o CEMSE subsidia os óculos que receita. Até agora, 25% dos que precisavam de óculos aproveitaram essa oferta.

Os exames médicos também revelaram que um programa de café da manhã escolar era imperativo para os estudantes cronicamente malnutridos, com monitorização de acompanhamento para indicar ganhos em peso e altura. Todas as manhãs, cerca de 200 crianças sentam-se a longas mesas no refeitório no primeiro andar

do CEMSE e fazem uma refeição substancial de frutas frescas, leite, quinoa (cereal andino altamente nutritivo), chá e pão. Entretanto, a maioria dos pais da área ainda não está tirando proveito desse programa, talvez por orgulho. A fim de atingir mais estudantes, o CEMSE começou um programa piloto que permite aos professores empacotar o café da manhã para distribuir aos alunos em classe.

Roncal compreende que o CEMSE precisa expandir o seu programa para começar a resolver os problemas de saúde endêmicos da área. Isso requer mais pessoal. Felizmente, a clínica tornou-se um ímã para os alunos e professores das escolas de enfermagem e medicina de La Paz que querem treinamento prático para carreiras em saúde pública. Mas a verdadeira chave do esforço do CEMSE tem sido o recrutamento de *membros da brigada da saúde*. Abrangendo alunos voluntários de 9 a 16 anos de idade, esses membros levam uma mensagem de cuidados preventivos às escolas, aos bairros e às casas.

A idéia, diz Roncal, “surgiu de exemplos de outros países latino-americanos, inclusive das brigadas de alfabetização da Nicarágua, mas é a primeira iniciativa deste tipo na Bolívia.” Atualmente a brigada inclui 20 alunos do primeiro grau, 80 do segundo e vários universitários ex-alunos do CEMSE. Trabalhando com os médicos, enfermeiras e assistentes sociais do centro, formularam um programa de educação que se concentra em cinco áreas: subnutrição, higiene bucal, cólera, doenças de pele e tuberculose. Os membros da brigada aprendem a ver os problemas locais de saúde num contexto social mais amplo de privação econômica e falta de água potável e esgoto adequado, permitindo aos estudantes pensar sobre como poderiam ser as políticas nacionais de saúde efetivas. As brigadas preparam então livros de histórias em quadrinhos e peças humorísticas, compõem canções e usam marionetes e danças para informar os colegas. Talvez o desempenho mais eficaz haja ocorrido durante a recente epidemia de cólera na América do Sul. Em equipes pequenas de três a quatro estudantes, as brigadas, usando guarda-pós brancos, distribuíram-se entre as escolas, alertando toda a área para a necessidade de higiene adequada a fim de evitar infecção e para o tratamento nas primeiras horas cruciais da doença no intuito de reduzir a

mortalidade causada pela desidratação e minimizar o contágio.

## OS ESTUDANTES E O PODER REVIGORANTE DA TRADIÇÃO

Desde o início, os organizadores e o pessoal do CEMSE tinham a perspectiva de que a participação dos estudantes, por meio de atividades como as das brigadas de saúde, era elemento essencial da eficiência institucional. A forma dessa participação aprofundou-se com o correr dos anos. Com base na sua experiência em Yonkers, Sagristá começou a incentivar os estudantes a formar uma organização matriz, a *Asociación Estudiantil MINKA*, para funcionar como um tipo de fundo mútuo que permitisse a cada membro comprar manuais e outros materiais escolares a preços de desconto.

Quando Jorge Trías se tornou diretor do CEMSE, ampliou essa função. Trías compreendeu a importância de capacitar os estudantes com base na sua experiência na direção de uma das primeiras ONG do país, que tinha assumido a vanguarda no uso de metodologias de educação não-formal para organizar camponeses dos vales do Sul da Bolívia. Trías abriu a porta e um punhado de educadores, psicólogos e administradores bolivianos entraram para ajudar a MINKA a criar a própria identidade.

José Nuñez, com pouco mais de 30 anos, filho de mineiro migrante, ajudou a abrir caminho. Ele tinha trabalhado como organizador em várias ONG e conhecia por dentro o campo da educação popular. A sua experiência lhe ensinara que os programas eficazes criam auto-estima por meio da recuperação e fortalecimento da identidade cultural. Elemento essencial deste processo era o uso de “palavras generativas”, técnica iniciada por Paulo Freire, educador brasileiro, para alfabetizar adultos. As palavras generativas incorporam conceitos que permitem às comunidades indicar, analisar e refazer a própria realidade. Ao estruturar a MINKA, Nuñez baseou-se na experiência de Warisata para proporcionar algumas dessas palavras aos estudantes do CEMSE.

Warisata é uma pequena cidade do altiplano que estabeleceu uma escola indígena aimará na década de 30.

Os seus habitantes romperam as convenções coloniais na direção de um distrito escolar e organizaram a educação pública unindo várias comunidades vizinhas no contexto político do *ayllu* indígena, sob a supervisão de um parlamento *amalpa* ou conselho dos anciãos. Esse conselho utilizou duas formas de trabalho comunitário tradicional nos Andes: o *minka* e o *ayni* — para construir a escola e organizar um corpo estudantil ativo para mantê-la. O grau inusitado de autonomia local e o fato de que o currículo se baseava na língua aimará provocou ceticismo e depois hostilidade por parte dos educadores nacionais, que fecharam a escola.

Nuñez e Augusto Román, outro especialista em educação não-formal, observaram que 80% dos estudantes que usavam o CEMSE falavam aimará em casa. As escolas públicas não somente lhes proporcionava uma educação técnica inferior, mas tratava a sua cultura tradicional como uma deficiência a ser superada e não como uma base sobre a qual construir. Os dois educadores esperavam adaptar os princípios educacionais e culturais de Warisata ao CEMSE permitindo à MINKA utilizar a energia criadora das raízes aimarás.

O primeiro passo foi ajudar a incentivar a participação dos estudantes reforçando a identidade do grupo por meio de modalidades cooperativas andinas e não ocidentais — em vez de basear-se na noção individualista de um homem, um voto, a MINKA se tornaria uma organização de organizações. Todos os programas do CEMSE — laboratório de computação, clubes de ciências, biblioteca, brigada da saúde e outros — se organizariam como comunidade de trabalho e elegeriam um conselho estudantil que atuaria como uma espécie de parlamento *amalpa* para enfocar o entusiasmo dos estudantes e ajudar a dirigir o CEMSE.

Os representantes da MINKA começaram participando das sessões de alto nível de planejamento do CEMSE e, à medida que ganhavam experiência, tomaram parte nas reuniões do conselho comunitário com os pais e professores. As assembléias da MINKA não somente permitiram aos jovens de uma comunidade tomar conhecimento das atividades da outra, mas também inspiraram os estudantes a explorar como os serviços poderiam ser melhorados e introduzidas novas idéias nas

escolas em que passavam a maior parte do dia. Criaram uma nova conscientização para a cultura tradicional e análise crítica que desafiavam o CEMSE a olhar além da tarefa de apoiar as escolas públicas para revitalizar o sistema tornando-o autenticamente multicultural.

Lideram essa atividade os animadores juvenis, 25 estudantes treinados cinco meses em técnicas de comunicação não-formal, planejamento de cursos práticos e pesquisa social para desenvolver oportunidades de alimentação do orgulho cultural e identidade. São apoiados por 70 estudantes universitários voluntários, muitos deles ex-líderes e animadores da MINKA, que se estão especializando em diversas disciplinas e também apóiam o núcleo de pessoal do CEMSE na prestação de serviços técnicos.

Talvez os membros mais proeminentes e mais populares da MINKA sejam as brigadas culturais, que trabalham incansavelmente para injetar o espírito de Warisata nos programas de serviço do CEMSE. As brigadas surgiram de um programa chamado Tempo Livre, patrocinado por empresários de La Paz em 1988 para fazer os estudantes dizerem “não” às drogas ilícitas. Os estudantes do CEMSE descobriram que era melhor encontrar alguma coisa para a qual dizer “sim” e o programa tornou-se veículo para explorar a identidade étnica por meio de atividades sociais e culturais. As brigadas têm 350 jovens, tirados dos três níveis do ensino público. O grupo do primeiro grau chama-se *Ayni* e o das duas últimas séries do primeiro grau *Ayllu*. O grupo do segundo grau adotou o nome de Luís Espinal, herói popular e padre jesuíta fuzilado pelos militares no início da década de 80.

As brigadas enfrentam a alienação cultural dos jovens do bairro recuperando formas da arte tradicional, inclusive a música andina. “Nos primeiros dias do CEMSE”, diz Nuñez, “procuramos despertar o interesse nessa música, mas não havia muito. Nos festivais locais ouvia-se apenas o roque pesado. Finalmente, conseguimos organizar um seminário por meio das brigadas e, com o tempo, isto deu origem a seis conjuntos musicais que se tornaram muito adeptos da flauta-de-pã, flauta, *charango* e violão. Não ficaram apenas na aprendizagem de velhas canções; fizeram um esforço especial para compreender a cultura que produzia a letra e a música, a fim de transmitir

esse conhecimento ao público nos concertos. Hoje, a maioria dos estudantes do CEMSE está sendo levada na mesma direção.”

As brigadas *Ayni* e *Ayllu* também ajudam a patrocinar uma orquestra de estudantes de 8 a 14 anos de idade que toca música contemporânea em instrumentos tradicionais. Mais de 1 400 jovens passaram pela orquestra. Um dos concertos mais notáveis apresentou uma composição original que entrelaçava temas melódicos diferentes de cada um dos 14 grupos étnicos principais da Bolívia.

As brigadas estão também desempenhando um papel analítico chave ajudando os estudantes a restaurar o orgulho da própria família e a desenvolver uma auto-imagem positiva. Uma menina, por exemplo, observou que a televisão promove uma imagem da beleza feminina em que a maioria das mulheres não se enquadra. Hoje, diz ela, a questão importante para ela não é ter acesso a cosméticos ou à moda que disfarça as suas características andinas, mas descobrir se os seus ancestrais eram quéchuas ou aimarás.

O processo de recuperação cultural é freqüentemente doloroso quando revela uma vergonha profundamente enraizada na psique de um povo colonizado. Nuñez observa como muitos estudantes se envergonham quando a mãe aparece vestida com tradicional *pollera* ou várias saias superpostas, chapéu-coco e xale de cores vivas que abertamente anunciam ao mundo que são *cholitas*, rochas que se recusam a serem pulverizadas nos valores mestiço-crioulo da corrente principal da cidade. “Mas estamos mudando esta situação”, diz ele, apontando para os diversos estudantes que nas reuniões comunitárias agora se sentam ao lado da mãe que traja *pollera*, “sem mostrar o mínimo desconforto.”

A MINKA, liderada pelas brigadas culturais, desempenhou um papel altamente visível em La Paz durante o ano do Quinto Centenário da chegada de Colombo ao Hemisfério. *Os 500 Anos* tornaram-se a palavra generativa de uma série de eventos educacionais que culminaram com uma feira cultural no próprio Dia das Américas. Houve conferências em que luminares intelectuais expuseram temas como religiões indígenas, gestão de recursos e sistemas políticos. Os estudantes endereçaram poesias, contos e cartas ao falecido Colombo

e aos senhores espanhóis que o seguiram, e apresentaram peças humorísticas que dramatizaram a conquista e as suas conseqüências até o dia de hoje. O CEMSE estava coberto de cartazes temáticos, como “A mestiçagem Religiosa”, que descrevia o sol, a lua e a mãe terra de um lado e o crucifixo de outro.

Mais de 5 000 estudantes e a respectiva família visitaram a feira, que penetrou além da injustiça remanescente para considerar seriamente o que significava ser boliviano no Século XX. A tônica dominante foi expressa em cartas dirigidas a Colombo e assinadas com nomes aimarás por todo homem e por toda mulher — Huanca e Huaynoca:

*Nós, pessoas de pele escura da América, devemos pôr fim às nossas lamúrias. Devemos encontrar e valorizar todo o bem que o passado representa para nós e usá-lo para transformar este dia no amanhã que nos aguarda.*

Este é o espírito que impulsiona os jovens que passaram pelo CEMSE e pela MINKA. Betty Márquez, ex-líder da MINKA que ainda trabalha como voluntária, descreveu o que o CEMSE significou para ela e a sua geração. “Meu pai é motorista de táxi e não estava muito contente ao ver a sua filha mais nova mostrar tanta independência, gastar dinheiro em passagem de ônibus para ir ao CEMSE e desperdiçar tempo nesses interesses estranhos. Mas um mundo inteiramente novo se abriu para mim, um mundo de responsabilidade, autodisciplina e esperança. Este lugar oferece mais oportunidade de auto-aprendizagem orientada do que a universidade que agora frequento e por isso volto aqui para continuar a aprender e crescer.”

A MINKA e os estudantes voluntários, como Márquez, estão acendendo uma luz brilhante sobre o passado da Bolívia para ver como será o futuro. Fazem viagem de campo às cidades mineiras e antigos caminhos incas para ver onde a história se fez e olham o presente com olhar perspicaz para ver como a história se faz.

Se perguntarmos a José Nuñez que tipo de história esses jovens farão, ele nos falará sobre uma recente campanha eleitoral nacional, na qual vários deles foram repórteres populares de uma estação de rádio local. “As

suas observações a respeito da manipulação dos eleitores, auto-engrandecimento por parte de políticos paternalistas e disparidades nos gastos eleitorais entre os partidos”, diz Nuñez, “deu aos membros da MINKA muito material para refletir. Depois de análise meticulosa, modificaram diversas práticas organizacionais que tinham cegamente copiado dos partidos políticos sem considerar como esses mecanismos estavam formando erroneamente o mundo que herdariam, o mesmo mundo que se haviam comprometido a mudar para melhor.”

## MODELO DE REFORMA

Sagristá está convencido de que o CEMSE tem muito a oferecer aos governos do Terceiro Mundo em busca de um meio viável para proporcionar ensino de primeira categoria às suas populações em rápido crescimento. De fato, vários desses governos, inclusive várias jurisdições estaduais e municipais do Brasil, estão construindo escolas-ímã de serviços múltiplos por conta própria.

Entretanto, a questão não é simplesmente conseguir economias de escala. A verdadeira virtude do CEMSE encontra-se no fato de que os estudantes, que não são obrigados a frequentar, frequentam. As taxas de deserção escolar entre usuários regulares do centro baixaram até quase zero, enquanto a taxa global para La Paz oscila ao redor de 40%. Os estudantes vêm ao CEMSE e continuam voltando, mesmo depois de formados, porque o propósito da instalação não é refazê-los mas ajudá-los a se encontrar a si mesmos.

Há indicações de que esta mensagem está sendo ouvida pelo Governo boliviano. O Fundo de Investimento Social (FIS) propôs o estabelecimento de 11 *Centros Multiservicios e Interculturales* (CEMEI) na zona urbana e em pequenas cidades, por meio das ONG e dos governos municipais em todo o país. Cada qual atenderia a até 15 escolas e 10 000 estudantes. O fato de esses centros terem sido designados como “interculturais” mostra que as lições da MINKA e a experiência das iniciativas de base no país não se perderam nos planejadores governamentais.

O plano, porém, encontrou um obstáculo, quando o Banco Mundial decidiu não liberar fundos por considerar demasiadamente alto o custo por aluno. O FIS consultou

Sagristá em busca de uma forma de salvar a proposta. Eles o encontraram na cidadezinha de San Ignacio de Moxos, antiga missão jesuíta no interior tropical do Leste boliviano, onde ele participava ativamente da adaptação do modelo do CEMSE a um ambiente rústico. Para superar a falta de eletricidade, ele lançou-se com afinco aos manuais e instalou painéis solares que em breve forneceriam energia aos computadores, laboratórios e outras instalações para os estudantes indígenas das aldeias vizinhas.

Sagristá rapidamente encontrou o erro na proposta do FIS: não havia rateado os custos de infra-estrutura para todo o ciclo de vida prevista do plano. Quando o Banco Mundial tomou conhecimento de que o custo por aluno seria de apenas US\$7 por ano, aprovou o empréstimo

e recomendou que Sagristá fizesse parte da equipe boliviana que negociava os empréstimos destinados a reestruturar o sistema educacional do país.

As novas reformas distribuirão os recursos, passando de um sistema universitário ineficiente para apoiar escolas do primeiro e segundo graus famintas de equipamento e professores de qualidade. Ao mesmo tempo, o Governo descentralizará a responsabilidade administrativa, entregando-a às comunidades locais, promovendo educação bilíngüe e maior respeito pela herança multicultural do país. Sagristá há muito espera essas mudanças e a inclusão do modelo do CEMSE no âmbito da proposta ajudará a pôr a sua visão de maior igualdade educacional ao alcance do país.

*KEVIN HEALY é representante da Fundação Interamericana para a Bolívia. Este artigo é adaptação de um capítulo do seu livro, no prelo, sobre o novo paradigma de desenvolvimento multicultural que está surgindo nesse país.*

## O FUTURO DA JUVENTUDE É AGORA

**Carol Michaels O'Laughlin**

*Até o ano 2000, praticamente metade da população do globo terá menos de 20 anos de idade. Isto já acontece em tantos países: Filipinas, México, Egito, Quênia, Nigéria e Paquistão, para mencionar apenas alguns. Apesar do número crescente, com demasiada frequência os jovens não têm direito a expressar-se sobre questões críticas que afetam o seu desenvolvimento físico e emocional, os ambientes em que vivem e as perspectivas das sociedades que um dia a sua geração haverá de governar.*

A retórica popular afirma que “os jovens são o futuro.” A demografia mostra que cada vez mais são o presente. E a realidade desse presente é que a maioria das crianças do mundo crescem na pobreza. Embora esses jovens trabalhem no campo, criem gado, cuidem de parentes e gerem renda para a família nas ruas, não recebem bens e serviços básicos em proporção ao seu número. Mais de 40% das crianças do assim chamado mundo em desenvolvimento carecem de acesso à água potável; 75% não dispõem de saneamento adequado; e 33% das crianças matriculadas no ensino de primeiro grau abandonam a escola antes de completar a quarta série.

Calcula-se que até 90% do financiamento internacional para os jovens se destinam ou a atender às necessidades de sobrevivência de crianças de 0 a cinco anos de idade ou para o ensino superior. Tradicionalmente, a família e o governo têm arcado com a responsabilidade de satisfazer as necessidades dos jovens nos anos críticos de cinco a 20 anos de idade, quando se desenvolvem as aptidões práticas necessárias para exercer a cidadania e ganhar a vida. Ambas as instituições estão agora em crise. As estruturas de apoio da família enfraqueceram-se em culturas em todo o mundo em consequência de pressões econômicas,

urbanização e papéis sociais em mutação. O Estado com frequência se vê atado por deficiências orçamentárias e prioridades mal designadas. O resultado líquido é que a maioria dos jovens do planeta não está preparada para participar ativamente de iniciativas que visam a garantir o seu próprio futuro. Sem uma visão clara do modo como as coisas podem ser melhoradas, um número demasiadamente grande sucumbe às drogas, violência, prostituição e a outras forças negativas, para escapar do mundo duro ao seu redor ou nele sobreviver.

A fim de ajudar a cobrir esse hiato, as organizações não-governamentais (ONG) surgiram para encontrar novas formas de atender às necessidades dos jovens. As ONG orientadas para jovens variam em capacidade, prestação de serviços e metodologia, porém as mais eficazes tendem a compartilhar uma visão comum de desenvolvimento humano. Começam por considerar os jovens como protagonistas e não como recebedores passivos de recursos. Empenham-se em reforçar as aptidões, confiança e auto-suficiência dos jovens em vez de focalizar problemas isolados. Capacitam os jovens a participar da vida da respectiva comunidade e mobilizam apoio para eles como líderes e construtores da sociedade.

A Fundação Internacional da Juventude (IYF) foi fundada em 1990 para identificar, fortalecer e ampliar programas eficazes de atendimento aos jovens. Os critérios de eficiência (ver quadro) foram formulados em consulta com profissionais especializados no desenvolvimento da infância e adolescência de muitos países. A seguir, foram utilizados para avaliar mais de 2 000 indicações de programas recebidos pela IYF de governos, ONG e empresas e por meio de parcerias numa rede internacional crescente de fundações de

---

jovens indígenas. Dessas indicações, cerca de 163 foram escolhidas para formar a *YouthNet International*, fórum global de programas eficazes.

As ONG participantes abrangem todo o planeta. Entre elas, citam-se a Comissão de Avanço Rural de Bangladesh, que introduziu a alfabetização entre jovens da zona rural que nunca freqüentaram escola; *Bosconia La Florida*, que abriu as portas para jovens desabrigados de Bogotá, Colômbia, a uma vida fora das ruas da cidade; *Jobs for America's Graduates*, que ajuda jovens em risco e desprivilegiados dos Estados Unidos a concluir o ensino do segundo grau e conseguir trabalho de qualidade por meio de um sistema de transição da escola para o trabalho; e a Associação Senegalesa de Ajuda em Treinamento e Colocação de Jovens Desprivilegiados, que utiliza a educação não-formal para criar carreiras para jovens de quatro países da África Ocidental. Estes e centenas de outros programas pesquisados demonstraram que os jovens são responsáveis e podem contribuir para a respectiva sociedade se lhes for dada a oportunidade. Milhões de jovens já se beneficiaram, mas a IYF está aprendendo duas coisas: somente uma pequena parcela dos necessitados está sendo atingida e mesmo as ONG exemplares enfrentam obstáculos enormes não apenas na expansão da prestação de serviços mas para manter os atuais níveis de desempenho. A maioria dessas ONG surgiu de atividades caritativas e esforços de assistência *ad hoc*; algumas foram criadas por líderes carismáticos movidos pelo sofrimento dos jovens; e ainda outras têm inspiração religiosa nas raízes. Cada vez mais percebem que a perspectiva não é suficiente, que planejamento disciplinado a longo prazo e formulação de novas estratégias financeiras são necessários para salvaguardar o seu futuro. Alguns dos melhores programas têm sistemas de avaliação relativamente fracos, limitando a sua capacidade de compartilhar

metodologias inovadoras. Somente um punhado envolve as crianças e os jovens na formulação, implementação e direção de programas. Finalmente, a maioria trabalha isoladamente das outras ONG e, portanto, exerce impacto limitado sobre a política social.

Para as ONG e os que as apóiam ajudarem a superar os obstáculos externos e internos que impedem os jovens necessitados de serem atingidos, é preciso seguir quatro diretrizes de política. Primeiro, a oferta limitada de recursos deve ser canalizada para a identificação e expansão de programas *abrangentes*, tanto nacionais como internacionais, que promovam a auto-suficiência dos jovens. Segundo, deve-se reforçar a capacidade das ONG orientadas para os jovens por meio do financiamento para melhorar a gestão, os sistemas de avaliação e o treinamento de pessoal. Podem-se criar doações e outros instrumentos financeiros para oferecer uma base de independência, planejamento a longo prazo e implementação. Terceiro, deve-se investir para facilitar a concatenação, de forma que as ONG possam compartilhar conhecimentos capazes de aprimorar a própria programação e possam conscientizar o público para os problemas enfrentados pelos jovens e para a necessidade de rever as políticas públicas baseadas no que já se aprendeu a respeito de soluções prontas. Finalmente, as crianças e adolescentes devem assumir um papel ativo na identificação das próprias necessidades, formulando e implementando soluções, bem como participando dos órgãos deliberativos que determinam as agendas programáticas. Nenhuma organização, por si só, pode fazer a diferença para crianças e adolescentes. Os governos, empresas e o setor das ONG devem unir esforços, especialização e recursos financeiros para assegurar que os jovens sejam atendidos e estejam em condições de servir outros. Se

## Dezessete critérios para programas eficazes

- ♦ Servir principalmente crianças e jovens de 5 a 20 anos de idade.
- ♦ Focalizar a prevenção e intervenção antecipada.
- ♦ Promover a competência, conexão, caráter e confiança.
- ♦ Oferecer atividades apropriadas à idade e ao desenvolvimento.
- ♦ Envolver a comunidade na implementação de programas.
- ♦ Ser culturalmente relevante e atender às necessidades da comunidade.
- ♦ Conter elementos que pareçam ser apropriados em outros contextos.
- ♦ Mostrar prova de êxito no atendimento de necessidades identificadas.
- ♦ Ter potencial para servir um número significativo de crianças, adolescentes e jovens.
- ♦ Proporcionar meios econômicos para alcançar as suas metas.
- ♦ Envolver pais, família estendida e/ou adultos que desempenhem papel na vida da criança ou do jovem.
- ♦ Incluir treinamento e apoio ao pessoal do projeto e a outros participantes.
- ♦ Oferecer monitorização, avaliação e retorno.
- ♦ Envolver os jovens no planejamento, implementação, avaliação e divulgação.
- ♦ Incluir um plano viável para tornar-se auto-suficiente.
- ♦ Coordenar atividades com outras entidades de serviço à criança e ao adolescente.
- ♦ Demonstrar capacidade organizacional em termos financeiros, técnicos e gerenciais.

tal esforço visar a reforçar programas que, conforme já sabemos, funcionam, podemos — com a ajuda dos nossos jovens — tornar o mundo melhor. E podemos fazer isso no tempo deles, que é *agora*.

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente as da Fundação Interamericana. Os editores de **Desenvolvimento de Base** convidam os leitores a enviarem colaborações.*

*CAROL MICHAELS O'LAUGHLIN é diretora de programas da Fundação Internacional da Juventude. Trabalhou anteriormente como representante principal para a Fundação Interamericana.*

# A MARCHA DO DESENVOLVIMENTO

---

## FAZENDO OS ADOLESCENTES SEREM OUVIDOS

*Advocates for Youth*, organização multidimensional sem fins lucrativos, fundada há mais de uma década para ajudar os jovens a tomar decisões saudáveis em matéria de sexualidade, coordenou iniciativas com grupos do Brasil, Colômbia, Quênia e Nigéria para assegurar que a voz dos adolescentes fosse ouvida na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo, Egito, em setembro de 1994. Nesse evento, os jovens falaram sobre diversas questões reprodutivas e pediram aos delegados que relembassem a própria luta para atingir a idade adulta.

É evidente aos adultos que trabalham com adolescentes e aos verdadeiros especialistas, os próprios adolescentes, que jovens saudáveis freqüentemente se consideram invulneráveis e querem experimentar de tudo na sua corrida pela independência, às vezes correndo riscos impensados e desnecessários. Ao entabular um diálogo construtivo para formular políticas, a *Advocates for Youth* ressalta o que aprendeu da experiência. A falta de informação e serviços abrangentes em questões de saúde impede os jovens de compreender o seu potencial contribuindo para a reprodução demasiadamente prematura que aumenta o perigo de toxemia e outras situações que ameaçam a vida e para a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS.

Após a Conferência do Cairo, a *Advocates for Youth* está determinada a continuar os esforços para informar, educar e ajudar organizações, profissionais, formuladores de políticas e cidadãos preocupados em assuntos relacionados com jovens. Diversos serviços específicos encontram-se disponíveis.

Primeiro, em toda a América Latina, África e Ásia oferecem-se aos jovens sessões de treinamento com currículos de planejamento da vida. Os planejadores e facilitadores de programas são treinados em técnicas de administração e avaliação e obtêm acesso a descobertas de pesquisas. Aprendem uma metodologia de participação para interagir com adolescentes, citada por

vários acadêmicos. Há disponibilidade de materiais e assistência técnica em inglês, espanhol e português.

Segundo, a *Advocates for Youth* opera um centro de recursos e documentação para coligar e distribuir informação abrangente sobre saúde de adolescentes, proveniente de todas as partes do mundo. Ajuda a eliminar o isolamento experimentado por muitos programas nos países em desenvolvimento e distribui diversos boletins e publicações. Vão desde informações gerais que apresentam conclusões concisas de pesquisas a guias de comunicação para pais e filhos e grupos de iguais e a manuais para advogados e planejadores. O boletim internacional *Passages* (e a sua publicação irmã *Reflexión Juvenil*, em espanhol, e *Un Age Transitoire*, em francês) é distribuído gratuitamente a indivíduos e organizações dos países em desenvolvimento. Outras publicações internacionais incluem inventários de programas e organizações de doadores, bem como materiais educativos sobre determinados temas, como AIDS ou fertilidade de adolescentes.

Finalmente, patrocinam-se fóruns para informar formuladores de políticas, a mídia e o público sobre questões que causam preocupação. Há dois anos, a *Advocates for Youth* co-patrocinou a primeira Conferência Interafricana sobre Saúde de Adolescentes. Este ano haverá uma iniciativa de avaliação para examinar programas para adolescentes na América Latina e uma iniciativa para formular uma estratégia de divulgação para atingir o público brasileiro.

Para maiores informações sobre treinamento, publicações e assistência técnica contatar: *Advocates for Youth*, Programas Internacionais, 1025 Vermont Avenue, N.W. Suite 200, Washington, D.C. 20005 (telefone: 202-347-5700; fax: 202-347-2263.)

—Marjorie Moscoso Macieira

## TORNANDO O DESENVOLVIMENTO AMIGÁVEL ÀS CAMPONESAS

Rosa é afro-equatoriana, de Esmeraldas, no

---

litoral norte. Acorda-se de madrugada para juntar-se às outras concheiras ou coletoras de vieiras, na doca.

Após horas no charco infestado de mosquitos, segurando uma lanterna para afastar os insetos, ela traz a safra de 20 vieiras, cuja metade é paga ao dono do barco. Mãe solteira de 11 filhos, a jornada de trabalho de Rosa continua em casa. Há pouco tempo, ela uniu-se às colegas concheiras para organizar o grupo *Las Marias*, no intuito de melhorar a vida e começar a ver a luz no fim do dia.

Laurita, quéchua de 16 anos de idade, de Cañar, no altiplano sul do Equador, frequenta a escola e é ativa no grupo de mulheres da federação provincial. Esperta e eloqüente, tem participado de muitas atividades de treinamento.

No fim de 1993, Rosa, Laurita e outras 22 mulheres de 16 organizações de base que representam o altiplano, o litoral e a floresta tropical, reuniram-se no acampamento Nueva Vida, nos arredores de Quito, para discutir a situação da mulher no desenvolvimento de base. O primeiro Encontro de Mulheres e Desenvolvimento Comunitário foi patrocinado pela COMUNIDEC — organização de Serviços de Assistência Local da Fundação Interamericana. Tinha por objetivo identificar obstáculos à maior participação e oportunidades de superá-los por parte das mulheres que participam de projetos de desenvolvimento.

Foram realizadas duas sessões de planejamento com mulheres líderes de organizações de base indígenas e afro-equatorianas para formular objetivos, temas de discussão e método da reunião. A fim de ajudar as participantes a compartilhar as suas experiências e preparar estratégias para fortalecer as organizações de mulheres, as planejadoras puseram vários assuntos em discussão: papel da mulher na agricultura e uso da terra, em outras atividades produtivas e saúde comunitária, bem como as suas necessidades de educação e treinamento.

As sessões do Encontro sobre uso da terra e agricultura ressaltaram as diferenças entre as regiões. As mulheres da floresta tropical tradicionalmente desempenham papel ativo no plantio de cultivos alimentícios para consumo diário. As do altiplano

explicaram como as mulheres cada vez mais carregam a dupla carga de cultivo e trabalho doméstico, à medida que os homens emigram temporariamente para as cidades em busca de trabalho. As mulheres do litoral, freqüentemente sem terra, ganham a vida recolhendo crustáceos, criando pequenos animais e cuidando das hortas familiares.

A necessidade de vestir e alimentar melhor a família é a razão principal dada pelos participantes para iniciar a própria organização ou tentar acessar organizações comunitárias. A maioria empenhava-se em servir a própria comunidade e afirmar a sua herança étnica. Algumas expressaram frustração perante a falta de apoio e, às vezes, oposição violenta de maridos e pais que protestavam contra as tarefas que eram negligenciadas. Essas mulheres persistiram, explicando que o seu lar estava melhor financeiramente e tinham acesso a um novo conhecimento porque estavam em condições de contribuir.

Citaram-se vários obstáculos à participação no desenvolvimento e ofereceram-se sugestões para melhoria. É crucial tornar os homens conscientes do valor do trabalho da mulher e isso requer dar-lhe espaço para analisar e articular a sua própria realidade. A fim de aumentar a participação na tomada de decisões, a mulher precisa gerir as próprias atividades produtivas. As organizações não-governamentais e os líderes comunitários com freqüência não levam em consideração a dupla carga da mulher, tornando difícil para ela participar de forma igual. As mulheres precisam ser treinadas na formulação, administração e avaliação das atividades de desenvolvimento, a fim de assegurar que os projetos utilizem o potencial humano de toda a comunidade e aumentem as possibilidades de êxito.

A metodologia da reunião, o uso de canções e representação de papéis permitiram às mulheres expressar abertamente as suas preocupações. Para muitas, como Rosa, era a primeira oportunidade de manifestar opinião sobre esses assuntos. Por meio de sociodramas e discussões francas, afirmaram o valor das suas contribuições e perceberam como os seus desafios transcendiam as fronteiras culturais. A reunião

concluiu com a afirmação de que a mulher deve ser incluída no processo decisório e na implementação de projetos que afetam a sua vida.

A COMUNIDEC respondeu organizando dois seminários internos sobre questões de gênero e está preparando um encontro de acompanhamento para o outono de 1994, a fim de desenvolver instrumentos para incorporar as perspectivas de gênero nas atividades do desenvolvimento de base.

—*María Isabel Barboza*

## CAPITALIZANDO NO YEN PARA O CAFÉ ORGÂNICO

Que empresa de propriedade de camponeses anuncia os seus produtos no *New York Times Sunday Magazine*, *The San Francisco Chronicle*, *Time*, *Newsweek* e em comerciais das redes de televisão e cujo nome está afixado na carroceria dos ônibus públicos que transitam na maioria das cidades dos Estados Unidos? AZTEC HARVESTS. Mas o que todo esse carnaval tem a ver com o desenvolvimento de base?

A AZTEC HARVESTS distribui o café produzido por pequenos agricultores em áreas ambientalmente frágeis do México. A empresa proporciona aos seus fornecedores acesso ao lucrativo mercado internacional de café de primeira. Está procurando aumentar a renda familiar por meio da agricultura orgânica que reduz os custos da produção e é ambientalmente benéfica tanto ao agricultor como ao consumidor. Arturo García Jiménez, ex-bolsista da Bolsa de Estudos Dante Fascell, foi um dos cofundadores da empresa.

Vários beneficiários da Fundação Interamericana produzem café para a AZTEC HARVESTS, trabalhando por meio da *Coordinadora Nacional de Organizaciones Cafetaleras*, também ex-beneficiária. Entre os beneficiários atuais figuram a *Unión de Ejidos La Selva*, em Las Margaritas, Chiapas; a *Unión de Comunidades Indígenas de "Cien Años de Soledad"* S.C., em Pochutla, Oaxaca; a *Asociación*

*Rural de Interés Colectivo, Unión de Productores de Café de Veracruz, R. I.*, em Jalapa, Veracruz; e a *Coordinadora Estatal de Productores de Café del Estado de Oaxaca*, em Oaxaca.

Ben & Jerry's, empresa conscienciosa, produtora de sorvete com sede em Waterbury, Vermont, está por detrás da campanha na mídia destinada a atrair consumidores com cartazes "legais". A peça central da campanha é um pôster mostrando militantes e personalidades de destaque na cultura da década de 60, bem como ícones atuais, como o do cineasta Spike Lee. Em cada um deles os personagens se estão deliciando com um dos vários sabores do sorvete. O roqueiro Carlos Santana mostra orgulhosamente a sua guitarra e uma caixa de sorvete de café AZTEC HARVESTS. Os lucros da venda do pôster vão para o *Children's Defense Fund*, com sede nos Estados Unidos.

A AZTEC HARVESTS apareceu também no programa *Market Place*, distribuído pela *Public Radio International* e ouvido em muitas outras estações da rede de rádio pública. E os passageiros dos vôos diários da United Airlines para o México, tanto de ida como de volta, sentam-se tranqüilos, descansam, lêem uma revista e tomam o café AZTEC HARVESTS feito na hora pelo pessoal dessa empresa aérea.

Toda essa publicidade altamente visível deve manter constante e até mesmo vigorosa a venda do café produzido por pequenos agricultores mexicanos, ajudando as famílias a pôr comida na mesa. Deve-se isso, em não pequena parcela, à engenhosidade e empenho de empresas como a AZTEC HARVESTS e Ben & Jerry's, que estão mostrando que os camponeses podem fazer sua presença ser sentida nas mesa dos norte-americanos.

—*Ellen C. Murphy*

## DESENVOLVENDO GOSTO REGIONAL PELA MAÇÃ

A conservação paga-se por si mesma? Os 8 000 indígenas Lencas, habitantes de 24 aldeias

---

isoladas nas montanhas Celaque ao Sudoeste de Honduras, apostam que sim. Plantaram mais de 200 000 macieiras para reflorestar as encostas desnudas que circundam um importante parque nacional e estão fazendo planos ambiciosos para dominar o mercado da América Central.

Não se trata do abiu dos trópicos, mas da fruta norte-americana importada que toda família da região, por mais carente, procura pôr na mesa nas festividades de Natal. Se a *Asociación de Productores Lencas* (APL) e o *Proyecto Aldea Global* (PAG), organização de apoio na base, conseguirem o que estão planejando, a época de Natal se estenderá durante todo o ano.

A idéia de comercializar maçãs é, na realidade, a última fase de um ambicioso programa de desenvolvimento integrado. Quando o PAG se estabeleceu no município de Belén Gualcho há uma década e ofereceu treinamento em liderança aos agricultores locais, ninguém sonhava que esse esforço frutificasse. Os Lencas foram eliminados dos serviços de saúde pública, educação, crédito e ajuda agrícola, mal conseguindo ganhar a vida plantando milho e outros cultivos de subsistência nos bosques abertos pelo método de derrubada e queima. A renda familiar média era de US\$50 por mês. O treinamento permitiu-lhes descobrir que alguma coisa mais era possível.

A capa florestal em toda a região desaparecia rapidamente e, a menos que se introduzisse alguma mudança, o futuro dos Lencas era desolador. O PAG ajudou a treinar os agricultores locais como extensionistas agrícolas, introduzindo o plantio em contorno, cultivos intercalados, semeadura sem amanho, adubos verdes e outras técnicas para aumentar 270% a safra de subsistência. Os Lencas formaram a APL para gerir um fundo de crédito destinado a comprar sementes e outros insumos agrícolas, construir silos de metal para proteger as safras contra insetos e roedores e cavar sulcos de irrigação, a fim de permitir uma segunda colheita durante os cinco meses de seca. O PAG também procurou melhorar a saúde por meio da

instalação de latrinas e sistemas de água potável.

Uma vez estabelecida a segurança alimentícia, o PAG começou a procurar cultivos comerciais para aumentar a renda familiar. Os pomares pareciam promissores e ofereciam um bônus ecológico: formando barreiras de retenção para combater a erosão do solo, ajudavam a proteger uma bacia hidrográfica vital para o dique da hidrelétrica dos Lencas na localidade próxima de El Salvador. Testaram-se várias espécies de maçã e a Ana, espécie do Estado de Washington, foi escolhida.

Nos últimos quatro anos, os membros da APL organizaram as suas próprias sementeiras para cultivar mudas, plantaram 500 hectares de macieiras e abriram estradas alimentadoras para facilitar a comercialização. Os agricultores aprenderam a podar e borrifar as árvores e a enxertar brotos para desenvolver híbridos mais fortes. Instalações de armazenagem fria estão sendo construídas em Belén Gualcho para guardar as safras de frutas para processamento. Foram plantadas outras 10 000 pessegueiras e planeja-se introduzir ameixas, peras e cerejas (onde apropriado), a fim de escalonar a produção e manter uma entrada contínua de renda.

O PAG está trabalhando arduamente para fortalecer a capacidade da APL, de forma que os Lencas possam em breve gerir eles mesmos o projeto e administrar a repentina infusão de riqueza que se prevê. Quase 60% dos hondurenhos vivem no interior do país e calcula-se que 77% destes vivem em pobreza abjeta. Muitos foram obrigados a procurar terras marginais que estão sendo ambientalmente aviltadas. Eles e os camponeses de comunidades de toda a América Central estarão observando para ver se esta experiência em cultivo comercial orgânico e comercialização regional oferece um paradigma de desenvolvimento rural mais sustentável e menos exclusivista do que o modelo de exportação que procuram impor as entidades multilaterais de financiamento e os governos nacionais.

—Norman Sagustume

**THE ROAD FROM RIO: SUSTAINABLE DEVELOPMENT AND THE NONGOVERNMENTAL MOVEMENT IN THE THIRD WORLD**, de Julie Fisher. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, 1993.

**Charles A. Reilly**

Ao aproximar-se o fim do Século XX, a política e a economia relutantemente cedem espaço ao civismo. Os limites que marcam as esferas do Estado, mercados e sociedade civil passam por alterações; as linhas sólidas tornam-se nebulosas; e dinâmicas inovadoras desdobram-se ao longo das fronteiras. Os cidadãos comuns estarão em condições de fundir as esferas forjadas pelos pensadores dos Séculos XVIII e XIX e de moldar os modelos em obsolescência do Século XX em novas formas que se enquadrem nas demandas de um novo milênio? Em *The Road From Rio: Sustainable Development and the NonGovernmental Movements in the Third World*, Julie Fisher afirma que sim.

Fisher oferece-nos um levantamento ligeiro porém minucioso do modo como as organizações não-governamentais (ONG) proliferam-se rapidamente nas sociedades em todo o planeta. Se não vivêssemos na idade do ônibus espacial circunavegando o globo em 90 minutos ou das transferências eletrônicas quase instantâneas de dinheiro entre Londres, New York e Tóquio, este levantamento arrebatador pareceria demasiado para ser absorvido. Estudos comparativos de âmbito mundial são sempre complicados, mas Fisher torna a viagem mais fácil, graças a resumos ordenados dos capítulos referentes às lições aprendidas que oferecem ao ocupado, preguiçoso ou curioso sem pretensões perspectivas da sabedoria acumulada.

Embora a abordagem global seja salutar, cobra o seu preço. No meu caso, senti a falta de profundidade histórica e regional. Períodos distintos configuraram a

evolução das ONG na América Latina — muitas organizações surgiram em oposição aos Estados totalitários, adaptaram-se às políticas neoliberais de ajustamento, ficaram desapontadas com os primeiros frutos da democracia eleitoral e respondem agora ao impulso global dos mercados e das comunicações. O escalonamento dessas fases levou a uma variação ainda maior nos países e, com o correr do tempo, até mesmo nas sub-regiões.

O livro menciona os principais protagonistas entre as ONG e os movimentos sociais na América Latina, incluindo fisionomias familiares à Fundação Interamericana. É reconfortante ver que as publicações e avaliações contribuíram com muitas pinceladas para o quadro global pintado por Fisher. No entanto, ao ler sobre as ONG asiáticas que superaram dramaticamente a escala das suas contrapartes latino-americanas, fica-se impressionado simplesmente pelos números. A documentação compilada pelo Grameen Bank em Bangladesh sobre a enorme massa de pessoas de renda muito baixa ajudadas pelos seus empréstimos muito pequenos relembra a nós, que celebramos o lado qualitativo do empreendimento humano, que as medições quantitativas da linha base não podem ser ignoradas.

Este é o primeiro de dois volumes. O segundo, intitulado *Cultivating Civil Society: NGOs, Donors, and Governments* (a ser impresso pela Praeger Publishers), examinará o relacionamento das ONG com os governos. Este livro é aguardado com ansiedade, porque, a meu ver, as relações entre o mercado e o Estado já começaram a exercer maior influência sobre as ONG do que a concatenação intersetorial e porque a combinação das três forças está acelerando o ritmo da evolução organizacional. O volume atual oferece vislumbres notáveis sobre onde já estivemos, mas, na minha opinião, coalizões impressionantemente diferentes se estão formando e, com elas, novos modelos organizacionais.

---

Fisher é otimista a respeito das ONG, isolando as características de desempenho e as vantagens comparativas. Mas o setor tem um lado avesso. Algumas organizações são vinculadas apressadamente para aproveitar a descoberta, por parte dos doadores, da sociedade civil. Na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio, a que alude o título do livro de Fisher, essas oportunidades foram apelidadas de “ONG-lites” — porque as suas atividades no mundo real não têm nem substância nem sabor.

Naturalmente, conforme Fisher deixa bem claro, o número das ONG empenhadas no trabalho com histórico de realizações é impressionante. No entanto, percebe-se que muitas estão sujeitas a forças opostas de expectativas com grandes perigos. Alguns analistas acatam as ONG como pretexto para eliminar o Estado, como se a sociedade civil e os mercados, por si sós, pudessem reconciliar o desenvolvimento econômico e a equidade social. Em alguns países, como o Chile, há a tendência de contratar as ONG para prestar serviços sociais e administrar políticas sociais. Ainda não aconteceu, mas pergunta-se quais seriam as conseqüências se as ONG, lutando por sobreviver numa época de recursos escassos, forem tiradas do seu papel de organizadoras das pessoas de baixa renda e marginalizadas para se tornarem braços do Estado.

De fato, o mundo das ONG descrito por Fisher está sujeito a grandes forças fora do controle do setor, incluindo não apenas ser forçado pelo Estado mas também ser levado pelos caprichos dos mercados e dos doadores. É preciso acautelar-se para preservar a diversidade, pois assegura fluxo contínuo de novas idéias e meio para testá-las com diferentes populações. À medida que as ONG são “descobertas” por bancos multilaterais e entidades, necessitamos de informação clara a respeito dos pontos fortes e fracos do setor, a fim de podermos identificar e

incentivar com o mercado e o Estado alianças que impliquem maiores benefícios para as pessoas de baixa renda. E para essas parcerias funcionarem, a responsabilidade pela ampliação não pode recair unicamente sobre as ONG; os bancos multilaterais, os programas bilaterais e os Estados devem descobrir como diminuir. Devem apresentar mecanismos capazes de serem utilizados por organizações de tamanho e forma diversos, em grande parte estranhas às estruturas hierárquicas e aos imperativos operacionais das grandes instituições.

Curiosamente, o livro é silencioso quando se trata do papel dos doadores, mas isso, em parte, é uma questão do local onde os diversos protagonistas se encontram no contínuo do desenvolvimento. Fisher reconhece que a ajuda externa tem desempenhado uma função em muitas, embora não em todas as organizações por ela descritas e considera tal ajuda como desvio temporário do caminho que leva à criação de um processo sustentável de desenvolvimento.

*The Road From Rio* é referência valiosa, oferecendo aos leitores uma salada de acrônimos que ajudam a esclarecer e classificar a coleção diversificada de protagonistas sociais que constituem o movimento das ONG. O próximo volume chegará em boa hora para manter-nos ao tanto de até onde esses protagonistas e a própria sociedade civil já chegaram no mundo que adquire forma diante de nossos olhos.

*CHARLES A. REILLY* é oficial de estudos temáticos da Fundação Interamericana. É editor de *Nuevas Políticas Urbanas: Las ONG y los Gobiernos Municipales en la Democratización Latinoamericana*, trabalho que pode ser pedido à Fundação Interamericana. A edição em inglês *New Paths to Democratic Development: The Rise of NGO-Municipal Collaboration in Latin America*, será em breve publicado pela *Lynne Rienner Publishers, de Boulder, Colorado*.

# SUBSÍDIOS

---

*À medida que a campanha mundial para melhorar a nutrição infantil e reduzir a mortalidade das crianças ganha terreno (ver artigo na p. 2), é urgente tomar medidas para abrir oportunidades de vida melhor para as crianças sobreviventes, bem como seus pais e parentes. A educação, tanto formal como não-formal, é uma das formas mais importantes de ajudar a juventude a realizar plenamente o seu potencial.*

*Entretanto, para as organizações de base e outras organizações se comunicarem efetivamente com os adolescentes, por exemplo, é evidente que a mídia deve formular a sua mensagem de forma diferente da mensagem dirigida a crianças e adultos. Muitas instituições estão agora aprimorando as suas comunicações para visar às necessidades de grupos muito específicos nas regiões em desenvolvimento.*

*Uma das razões por que as organizações estão agora em condição de preparar materiais adequados ao desenvolvimento é a revolução na tecnologia da informação. Se outrora eram necessárias semanas e até meses para publicar livros e panfletos educativos a um custo enorme, agora as instituições escolhem prontamente dentre um conjunto de tecnologias para transmitir as suas mensagens, a uma fração do custo de antes.*

*Pela primeira vez, talvez haja demasiada informação circulando na comunidade de desenvolvimento e entre os grupos alvo. Cada vez mais, a tarefa é selecionar os melhores materiais disponíveis. As seguintes instituições de "recursos" abordam uma série de questões relacionadas com a juventude, começando com esforços por melhorar a saúde dos recém-nascidos e das crianças. Oferecem uma série de materiais de comunicações, inclusive guias de outras instituições, apoio técnico e manuais de instrução. O seu fluxo de informação é contínuo e atualizado e não apenas ocasional.*

---

Como prender a atenção de uma criança? Usando outras crianças, de acordo com *We are on the Radio*, publicação da *Child-to-Child*. Trata-se de um projeto para o qual a pressão dos colegas pode ser aproveitada para ajudar as crianças a trabalhar em conjunto na divulgação de idéias para melhorar a saúde e as práticas sanitárias na escola, no lar e na

comunidade. Seqüela da *Child-to-Child Trust*, com sede na Universidade de Londres, produz materiais inovadores em matéria de saúde e educação, ajuda os projetos a utilizar esses materiais e coordena uma rede mundial para compartilhar informação sobre projetos.

*We are on the Radio* visa a grupos e indivíduos que querem envolver as crianças na radiodifusão sobre saúde. Apresenta aos organizadores adultos as aptidões básicas de planejamento e mostra-lhes como as suas próprias idéias podem ser transformadas em programas de rádio rápidos e eficazes. Uma fita de áudio e texto impresso, que podem ser usados juntos ou separadamente, incluem mensagens e canções sobre saúde de crianças de todo o mundo.

O texto explica o equipamento e técnicas de produção, examina métodos para aprimorar as técnicas de rádio e colocar programas no ar, bem como sugere idéias para músicas, estórias e peças teatrais. As idéias podem ser adaptadas para transmitir uma série de temas — desde limpeza do meio ambiente a saneamento doméstico.

A experiência da *Child-to-Child* mostra que as crianças que aprendem por meio de mensagens radiofundidas levam a mensagem para casa consigo para persuadir os colegas, parentes e pais.

Para entrar em contato com a *Child-to-Child Trust*, dirigir-se ao Institute of Education, 20 Bedford Way, London, WC1H 0AL, United Kingdom (telefone: 71-612-6650; fax: 71-612-6645).

---

*Mothers & Children*, anteriormente boletim sobre alimentação infantil, nutrição materna e outras questões técnicas de especializadas, ampliou agora o seu enfoque para incluir artigos sobre novos métodos de atingir o seu público, tais como "vídeo como instrumento de capacitação comunitária". Outro artigo ressalta como os "centros de documentação" podem atender melhor às necessidades sendo sistemáticos, incorporando novas tecnologias e coordenando redes de informação regional para evitar duplicação.

Figura também nesta publicação impressa uma lista anotada de outros recursos, acompanhada de informação sobre grupos alvo, região, tipo de material, idioma e fonte. Permite rapidamente ao usuário selecionar materiais para uma necessidade específica e indica as instituições de desenvolvimento de todo o

---

mundo para o pesquisador que deseje informação mais profunda ou materiais adicionais sobre determinado assunto. Entre estas destaca-se a SateLife, que presta o serviço sem fins lucrativos denominado HealthNet — sistema de correio eletrônico de armazenagem e envio, transmitido por satélite, que divulga dados sobre educação sanitária.

*Mothers & Children* é publicada três vezes por ano em inglês, francês e espanhol; é distribuída gratuitamente na Ásia, África e América Latina pela *Clearinghouse on Infant Feeding and Maternal Nutrition*; e recebe apoio da Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos. Para obter informação sobre como receber esta publicação, dirigir-se a Clearinghouse, American Public Health Association, 1015 Fifteenth St., N. W. Washington, D.C. 20005, EUA (telefone: 202-789-5600; fax: 202-789-5661).

---

A saúde mundial *está* melhorando, de acordo com o **Fundo das Nações Unidas para a Criança (UNICEF)**. Há vários anos, nas cidades do mundo industrial as taxas de mortalidade infantil eram, em média, mais altas do que na África de hoje. O UNICEF publica e divulga fatos e cifras para comunicar o progresso de país a país. Oferece também uma ampla série de materiais que as famílias e comunidades podem utilizar para melhorar a saúde, tais como *ORT: A Solution for Survival*, panfleto que exalta as virtudes da terapia de reidratação oral no combate às diarreias infantis fatais.

O UNICEF passou recentemente para uma nova área, iniciando programas de educação para a paz em países que sofrem conflitos armados. As crianças que não dispõem de nenhum outro meio de escolarização estão expostas a formações culturais e religiosas diferentes para distender as tensões e aprender o valor da diversidade.

O UNICEF reconhece a importância da pressão do grupo de colegas e adaptou a sua abordagem educacional ao combate da AIDS para envolver ativamente a juventude tanto dentro como fora das escolas. Na África Central, os projetos de colega a colega, nos quais os jovens escolhem os próprios líderes e desenvolvem os próprios materiais educacionais, demonstraram ter êxito.

O UNICEF também intensificou os seus

esforços no sentido de coordenar e colaborar com outras organizações de desenvolvimento da saúde. Trabalha em estreita cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por exemplo, para melhorar a qualidade e oportunidade da coleta de dados e os métodos de teste para medir as realizações da aprendizagem. Têm-se realizado reuniões com o Banco Mundial, com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e com a UNESCO para unir informações e coordenar atividades.

A fim de atingir grupos mais amplos por meio da radiodifusão e vídeo, o UNICEF criou em mais de 70 países o Dia Internacional da Radiodifusão da Criança. Um estojó de informações e *spots* de televisão especialmente escolhidos foram distribuídos para ajudar os organizadores a iniciar as suas atividades. O UNICEF também distribuiu vídeos sobre questões de saúde em resposta a pedidos de todo o mundo, distribuindo mais de 8 000 fitas apenas em 1992.

Trabalhando com o Fundo Global de Apoio às Comunicações, o UNICEF também ajuda a desenvolver a capacidade de diretores, produtores e distribuidores de tratar de questões de saúde relacionadas com a criança por meio de apresentações de multimídia. Cento e trinta episódios da Vila Sésamo, em espanhol, foram o resultado desses esforços, bem como outras produções especializadas para crianças.

Para obter maiores informações sobre o UNICEF e seus materiais educativos, favor dirigir-se a UNICEF Headquarters, UNICEF House, 3 UN Plaza, New York, NY 10017, EUA.

---

A partir de 1990, a **Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)** lançou a **Série Comunicação para a Saúde** como parte da sua estratégia de comunicação social. Tem por objetivo divulgar informação sobre a saúde em linguagem não-técnica apropriada à mídia, às escolas e às comunidades. A OPAS espera que essa série ajude a informar um público bem preparado que assuma responsabilidade individual pela promoção da saúde pessoal e coletiva.

Os documentos da série são publicados em inglês e espanhol. Cada publicação focaliza um tema de saúde específico e apresenta uma visão geral dos fatores de risco e medidas preventivas.

---

A OPAS também tem publicações periódicas que oferecem aos leitores acesso oportuno e regular à informação científica e técnica sobre a saúde. Os relatórios sobre pesquisa nacional e multinacional e atividades de desenvolvimento, inclusive as últimas informações sobre doenças tropicais, bem como relatórios sobre diversos programas e iniciativas realizadas pela OPAS, são publicados e divulgados regularmente tanto em inglês como em espanhol.

Para maiores informações, contatar a Organização Pan-Americana da Saúde, Distribuição e Vendas, 525 Twenty Third Street, N. W., Washington, D.C. 20037, EUA (telefone: 202-293-8129; fax: 202-338-0869).

---

Quando se trata de materiais informativos atualizados sobre questões relacionadas com a criança, os *Centros Comunitarios de Aprendizaje (CECODAP)*, em Caracas, Venezuela, estão entre os primeiros. Os CECODAP têm mais de uma década de experiência no atendimento das necessidades educacionais de crianças em idade pré-escolar de bairros de baixa renda. As publicações do CECODAP distilam o que foi aprendido nesse campo e ressaltam a importância da família no desenvolvimento infantil.

*La Ruta del Papagayo*, revista trimestral, apresenta aos leitores artigos concisos, claros e intercalados com fotografias vivas e ilustrações inteligentes. As seções da revista são dedicadas a temas específicos, abrangendo questões diversas como os direitos da criança, como as crianças são classificadas na área política e desenvolvimento social do menor.

Entre as muitas publicações, duas merecem menção especial. *Formación Familiar y Comunitaria para la Atención del Niño — Mecodap, una Metodología Comunitaria de Atención Preescolar* é um manual de treinamento para grupos comunitários, indivíduos e educadores, proporcionando uma abordagem interdisciplinar à melhoria da saúde, nutrição e educação infantis. *Venezuela: Entre Tú y Yo* é uma compilação de artigos escritos por Oscar Misle, Diretor dos CECODAP, e publicados primeiro nos jornais venezuelanos de 1990 a 1993. Esses artigos enfocam como os direitos da criança são vitais para a criação de uma sociedade democrática próspera.

Encontra-se também disponível uma lista de outras publicações e manuais de treinamento dos

CECODAP. Para adquirir o *Catálogo de Publicaciones 1993* e qualquer das outras publicações nele indicadas, dirigir-se a CECODAP, Apartado de Correos 63171, Chacaíto, Caracas 1067-A, Venezuela (telefone: 951-40-79; fax: 951-58-41).

---

Reconhecendo que os problemas da juventude têm âmbito mundial e que a colaboração transcultural pode produzir dividendos, o *Centro de Formación en Educación Especializada (CFEE)*, do Uruguai, e a *Fundación Cristiana de Acción Social y Educacional (FUNCASE)*, do Chile, uniram-se para formular uma abordagem interdisciplinar à prestação de assistência a jovens marginalizados de todas as idades, especialmente meninos de rua. Na preparação dos materiais, o CFEE traz a sua longa experiência no treinamento de educadores não-formais que trabalham com crianças e jovens pobres, ao passo que a FUNCASE contribui com o que aprendeu proporcionando apoio direto a jovens em risco e respectivas famílias.

Esse empreendimento binacional focaliza a educação que aborda cinco áreas principais: conservação ambiental; saúde comunitária; treinamento técnico e profissionalizante para jovens que possam ser excluídos de oportunidades de emprego; comunicação; e atividades recreativas e jogos para crianças de todas as idades.

Três publicações foram produzidas para distribuição por ambas as organizações: *Educación y Trabajo: Como Relacionar la Educación con la Economía e el Desarrollo Local* examina como os educadores e fabricantes podem trabalhar em conjunto para oferecer treinamento aos jovens excluídos da educação formal. *Juegos y Mancha Aportes e Recreación desde la EBC* compilam e descrevem jogos e atividades recreativas de comprovada eficácia em permitir aos jovens encontrar e desenvolver os seus próprios poderes de criatividade.

Para adquirir os materiais acima mencionados ou obter informação sobre esse programa binacional, dirigir-se a: CFEE, Zabala 1322, Apartado 201, Montevideo, Uruguay (telefone: 95-50-34; fax: 96-10-73) ou FUNCASE, Santa Mónica 1924, Santiago, Chile (telefone: 698-64-64; fax: 697-38-71).

—Barbara Annis e Maria Barry

# FUNDAÇÃO INTERAMERICANA

---

**Conselho**  
**Diretor**

**Maria Otero**, Presidente; ACCION International  
**Neil Offen**, Vice-Presidente; Presidente da Direct Selling Association  
**Harriet C. Babbitt**, Representante Permanente dos Estados Unidos junto a OEA  
**Mark L. Schneider**, Administrador Adjunto, Divisão para a América Latina e o Caribe, Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos  
**Ann Brownell Sloane**, Diretora, Sloane and Hinshaw, Inc.  
**Norton Stevens**, Norton Stevens and Associates  
**Alexander F. Watson**, Secretário de Estado Adjunto de Assuntos Interamericanos, Departamento de Estado dos Estados Unidos  
**Patricia Hill Williams**, Assistente ao Presidente da Universidade Estatal de New York em Farmingdale  
**Frank D. Yturria**, Yturria Ranch Enterprises

---

**Bolsas da  
Fundação  
Interame-  
ricana**

A Fundação instituiu quatro programas de bolsas em apoio a profissionais do desenvolvimento e pesquisadores da América Latina, do Caribe e dos Estados Unidos, cujos interesses de pesquisas e carreira se relacionam com atividades de desenvolvimento entre as pessoas de baixa renda. Dois desses programas apóiam a pesquisa de campo na América Latina e no Caribe nos níveis de mestrado e doutorado; outro traz eruditos e profissionais latino-americanos e caribenhos aos Estados Unidos para treinamento avançado; um novo programa, a Bolsa Interamericana Dante B. Fascell, apóia atividades de divulgação do desenvolvimento de base de líderes latino-americanos e caribenhos de destaque.

As matérias das bolsas giram em torno dos seguintes assuntos: 1) natureza de eficientes organizações de base entre as pessoas de baixa renda; 2) natureza de eficientes organizações intermediárias ou de serviços; 3) avaliações sistemáticas de atividades locais de desenvolvimento, tais como estudos de programas e projetos de desenvolvimento destinados a beneficiar as populações mais carentes, inclusive pequenas empresas do setor informal, mulheres chefes de família, populações indígenas isoladas e pescadores artesanais.

Endereço para inscrição e consultas:

IAF Fellowship Program — Dept. 111  
901 N. Stuart Street, 10th Floor  
Arlington, VA 22203  
USA

## Índice

A revolução silenciosa:  
a sobrevivência infantil atinge a maturidade

Diane B. Bendahmane

Pensando no amanhã:  
a Fundação Interamericana e os programas  
de juventude na América Latina e no Caribe

Susan Pezzullo

A vila transparente:  
a criação de filhos em Trinidad e Tobago

°Ron Weber

A forma do porvir:  
o CEMSE e a reinvenção da  
educação pública boliviana

Kevin Healy

Fórum • A marcha do desenvolvimento  
Livros • Subsídios